



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA**

***A Fabricação de João Pedro Teixeira:
Como o Herói Camponês***

Roberto Silva Muniz

**Campina Grande
Agosto/2010**

ROBERTO SILVA MUNIZ

***A Fabricação de João Pedro Teixeira:
Como o Herói Camponês***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, sob a orientação do Prof. Dr. Alarcon Agra do Ó.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela comissão julgadora em 30/09/2010.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^o. Dr^o. Alarcon Agra do Ó - UFCG
(Orientador)

Prof^a. Dr^a. Regina Coelli G. Nascimento - UFCG
(Examinadora - Interna)

Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Cipriano - UEPB
(Examinadora - Externa)

Prof^a. Dr^a. Maria Lucinete Fortunato - UFCG
(Examinadora Suplente - Interna)

Prof^a. Dr^a. Auricélia Lopes Pereira - UEPB
(Examinadora Suplente – Externa)

DIGITALIZAÇÃO:
SISTEMOTECA - UFCG

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

M966f Muniz, Roberto Silva.
 A Fabricação de João Pedro Teixeira: como o Herói Camponês /
 Roberto Silva Muniz. — Campina Grande, 2010.
 200 f.

 Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina
 Grande, Centro de Humanidades.
 Orientador: Prof^o. Alarcon Agra do Ó
 Referências.

 1. João Pedro Teixeira. 2. Ligas Camponesas. 3. Camponês. 4.
 Movimentos Sociais. I. Título.

CDU 316.35(043)

Negar o passado não é a melhor forma de encarar o futuro, mas agarrar — se ele tampouco possibilita um presente satisfatório. As maiores batalhas foram vencidas pelos exércitos que souberam aproveitar-se das armas do inimigo, voltando-se contra ele próprio. Penso que esse deve ser o nosso caminho. Assumindo com humildade nossos erros históricos e a disposição para superá-los, poderemos contribuir, de fato, para a produção social da resistência aos mecanismos de controle que, cada vez mais, estarão sobre as nossas cabeças.

Silvio Gallo

... Ao meu pai Severino e a minha mãe Ana Maria, pois sem eles esse trabalho nunca teria existido, pois eles me deram a vida em um corpo saudável. Assim com também a Auricélia minha professora/amiga, pois tudo o que está nestas páginas só foi possível em grande medida porque ela me ensinou a pensar historicamente....

AGRADECIMENTOS

*“...no amigo não devemos procurar uma adesão incondicional,
mais uma incitação, um desafio para nos transformar”*

Francisco Ortega

Depois de anos, meses e dias é chegado o momento de rever a minha trajetória para a produção dessa dissertação. Escrever **os agradecimentos** se constitui como um capítulo a parte, dos nossos trabalhos e confesso que gosto de ler os agradecimentos, pois é através deles que conseguimos observar os limites que enfrentamos no decorrer de nossas pesquisas e na sua redação em um trabalho que consumiu anos das nossas vidas, como é bom encontrar com uma mão amiga que por mais sutil que seja e que se estende nos momentos mais difíceis e que aparece dispostas a nos ajudar quer seja com um livro, com uma fonte, uma ideia ou mesmo com palavra de incentivos. Mesmo em dia em um mundo individualista onde cada um é usado como um trampolim para uma conquista a mais, fazendo com que hoje tanto agradecer como mesmo ajudar os outros são atividades e atitudes raras nos dias atuais. Ao longo desses dez anos somando-se o período da graduação com o do mestrado, pois este trabalho é resultado de um longo processo de estudo. E que neste transcorrer do período de produção desse trabalho foram muitos os encontros que permitiram o seu início como também que ele chegasse ao seu “fim”. Por isso eu agradeço a essas pessoas que cruzaram o meu caminho ou mesmo fazendo parte desse mesmo caminho:

Aos meus pais Ana Maria e Severino que ao longo desses anos sempre estiveram dispostos ajudar diretamente ou indiretamente. Pois saibam, que esse trabalho se constituiu em grande medida por todas as suas ajudas no decorrer de todo o processo de aprendizado, crítica, escrita e mudanças como também as errâncias. Onde muitas vezes parei, retomei e com muita paciência conseguiram esperar a realização desse trabalho, acreditando muitas vezes mais do eu que poderia terminá-lo. Por isso a eles a gratidão sempre será eterna.

Aos meus irmãos Tatiana Rocélia e Eduardo Muniz que durante esses anos sempre estiveram presentes. Eduardo eu devo a entrada do computador ao início como também aos seus ensinamentos iniciais para que hoje eu tivesse uma grande mobilidade no mundo virtual. E a Tatiana o companheirismo e cuidado durante os anos, me emprestando também de início o seu cartão de crédito para comprar os livros quando as compras pela internet ainda era até então um mundo desconhecido e mais temeroso. Isso é só um pouco em todos esses anos.

À professora/amiga Auricélia Lopes que esteve presente no decorrer de todos esses anos, sendo este trabalho fruto em grande medida mo meu encontro com ela e com o seu conhecimento. Com Auricélia encontrei um mundo que para mim era tão desconhecido, mas que ao mesmo tempo eu já procurava, e com ela os encontros se multiplicou com Michel Foucault, Michel de Certeau, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Paul Veyne e, sobretudo com questões que atravessam o

ofício de Historiador e que fizeram com esse trabalho fosse maquiado. Auricélia esteve a todo acompanhando indiretamente a produção deste trabalho e os seus resultados mesmo estando envolvida com a sua Tese. Mas, que, no entanto ao final fez uma revisão ajudando a pontuar algumas questões quando o “meu português” não me favorecia.

À Maria de Jesus (Tia) e a Roberta Muniz (Prima) que ao longo desses anos estiveram presentes na distância e na mesma casa assim como também agora são vizinhas sempre estiveram dispostas ajudar diretamente ou indiretamente. Sempre é bom contar com os almoços dos finais de semana se constituindo para mim como uma preocupação a menos. Assim como também as boas conversas entre um momento de cansaço. A Roberta Muniz, devo as boas conversas e, sobretudo ao empréstimo do computador com a internet que hoje a cada dia nos é imprescindível. Neste agradecimento não poderia me esquecer da doce Manuela minha querida prima mais nova quando estava no computador nos dia da fila da internet sempre dizia “vem Rob” deixando de lado ou quando nunca fez às birras tão naturais as crianças e que a ela nunca foi comum. Outros Tios se inscreveram, como ao início, quando fiz pesquisa no arquivo público municipal da cidade de João Pessoa, onde desfrutei da hospitalidade dos meus tios, como minha Tia Jesus Maia assim como também ao meu Tio Amadeu Muniz, a acolhida dos dois foi de grande importância uma vez que sempre receberam como muita atenção e carinho nos momentos em que mais precisei.

Esse trabalho se fez também em grande medida pela intervenção direta do meu orientador o professor Dr^o. Alarcon Agra do Ó. Sua intervenção se deu quando ele me sugeriu que discutisse na dissertação a história de João Pedro Teixeira em meio a tantas questões que propunha discutir. O retorno de João Pedro através nessa história se deve em grande medida a orientação do professor Dr^o. Alarcon. Dando também uma liberdade muito grande para realização desse trabalho. Intervindo nos momentos cruciais, me sinto em dívida pelos meus constantes atrasos em grande medida não por minha culpa, mas pelas dificuldades impostas por esse trabalho.

Aos meus colegas que estiveram presentes e quando não estavam sempre quando eu ligava estavam disposto a conversar quando o tempo permitia, pois todos estavam nas mesmas condições que eu. No mestrado tive uma proximidade com cores de amizade com Luciana Estevam, José Valmi, Valdirene Pessoa, Catarina Buriti e Joachim de Melo. Com Luciana Estevam pude desfrutar da sua calma, prudência e da sua solicitude sempre pronta a me ajudar em meio aos problemas que surgiu no decorrer dessa travessia, às vezes até com uma Xerox e nos meus telefonemas. José Valmi também sempre foi um bom amigo me acompanhou ao final na epopeia das bolsas acreditou nas minhas palavras e que nosso direito era possível e finalmente conseguimos “viva a nós”. Também no decorrer do mestrado encontrei com Joachim de Melo, a sua boa companhia no decorrer do curso com as nossas “discussões” teóricas quer seja na academia quando malhávamos o cérebro ou mesmo na academia Corpo & Ação quando malhávamos o corpo.

Valdirene foi uma amiga esteve sempre presente e disposta a conversar sobre as nossas dissertações sendo um referencial quando eu ligava para ela para

saber se já havia terminado. Eu a tranquilizava com os seus prazos, mas ela mesma não sabe que eu há tranquilizava para me acalmar também. Assim como também a Catarina Buriti que seja aqui em Campina Grande como também em Aracajú nunca perdemos o contado às vezes que não pudemos nos comunicar foi porque o tempo não ajudou, mas que nos momentos em que mais precisei se fez no decorrer do mestrado, sobretudo quanto aos problemas com a minha bolsa e com a possibilidade da perda dela. Por isso a Catarina Buriti um muitíssimo obrigado!

Os colegas que no decorrer do mestrado da UFCG acabaram se distanciando, mas, que nossa convivência foi muito divertida no período que cursávamos as disciplinas, sobretudo para atenuar o peso das nossas tarefas e a espera pelas aulas do período da tarde. À medida que esperávamos as aulas da tarde juntamente com Andrea Teotônio, Andrea Simone, Eleonora Félix e Clécia Maria que riamos no decorrer dos almoços tendo como motivo principal as nossas vicissitudes ao mesmo tempo em trocávamos discussões com os nossos textos. E também Silede Leila que nos eventos de história, sobretudo em Cultura e Memória da UFPE foi sempre uma amiga (sor)ridente contribuindo com momentos felizes somando-se a Glaúbia Cristiane e a Valdirene que neste evento contribuiu em grande medida para nossas risadas quando estava no Hotel Aquamar em Recife em meios as pizzas e as esfirras do habib's.

Também se fizeram presentes no decorrer da produção dessa dissertação amizade de Carlos Alberto e também de Alexandre Castro que contribuíram com palavras de motivação assim como também questões textuais. Carlos leu em grande medida este texto sugerindo correções que foram de fundamental importância para sua realização final. Como também foi a participação indireta de Alexandre Castro que mesmo não estando presente nos momentos finais da redação esteve presente em muitos momentos no decorrer do processo. Mas, sei que posso contar com a sua ajuda quando solicitar.

Para a realização desse trabalho foi de grande importância o apoio financeiro da bolsa CAPES que me foi concedida durante oito meses, na reta final onde eu ainda precisava fazer ainda a pesquisa, sobretudo na escrita desse trabalho e, onde eu tive a oportunidade que tive de divulgar o trabalho assim como também na compra de matérias que foram fundamentais para que ele se realize ao fim. Mas, que para que a bolsa da CAPES estivesse presente financiando este trabalho foi fundamental a importância das secretárias da Pro – Reitoria de Pós-Graduação da UFCG como Maria de Nazaré e especialmente a Ednalda. E ao Pro – Reitor e professor Drº. Rômulo Feitosa Navarro que me ajudaram nas deliberações burocráticas da bolsa. Por isso lutei tanto pelo apoio da CAPES, porque sem o seu apoio financeiro nada do que esta aqui iria se realizar e por isso a CAPES minha eterna gratidão.

No decorrer das pesquisas para essa dissertação foi importante os funcionários dos arquivos e das bibliotecas que contribuíram para encontrar e agilizar o acesso às fontes, livros e artigos que foram fundamentais. Nos períodos em que fiz pesquisa na Biblioteca Átila Almeida na foi fundamental ajuda da bibliotecária Valéria Soares que procurou os cordéis que eu naquele período pensava que precisava juntamente com as suas conversas. Assim também como

não posso deixar de mencionar os ajuda que tive na biblioteca setorial de sociologia da UFCG com ajuda prestimosa de Rosecler e Jussara. Assim como também os funcionários da biblioteca central da UFCG como não poderia deixar de ser na UFPE, UFPB e na UEPB. E por isso um grande obrigado.

Ao professor Dr^o. Gervácio Batista Aranha pelas suas críticas ao trabalho final da disciplina Teoria da História, sobretudo a sua redação contribuindo para a minha formação de historiador, sobretudo no dia da epopéia da bolsa quando eu não o esperava, ele veio ao meu encontro. Assim como também a professora Dr^a. Maria Lucinete Fortunado quer seja em Campina Grande ou Cajazeiras sempre foi muito generosa e atenciosa para comigo se colocando a disposição sempre nos momentos em que precisei.

Como também gostaria de destacar a importância da disciplina que foi ministrada pela professora Dr^a. Regina Coelli Gomes que permitiu revisar as minhas leituras sobre Michel Foucault e por proporcionar através da sua disciplina a preocupação com as nossas pesquisas. Também não posso deixar de mencionar a sua importância na qualificação dessa dissertação em que Regina sinalizou para algumas questões e detalhes quanto à redação, as suas críticas e sugestões foram incorporadas na medida do possível ao texto. E por aceitar a compor a banca de examinação desse trabalho ao final.

Sobretudo não posso deixar de destacar a importância da leitura realizada pela Professora Dr^a. Maria do Socorro Cipriano que sinalizou que eu estava no caminho certo da escrita do texto durante o momento a qualificação. Contribuindo com sugestões e questões que deveriam estar presente e que deixaria o texto com mais solidez. Socorro Cipriano não só fez críticas como também fez uma revisão no texto sugerindo palavras que o enriqueceram e atenuando as suas repetições, comum a um trabalho de grande extensão. E também por aceitar mais uma vez o convite para participar da banca de examinação.

Gostaria de agradecer a preocupação da professora Martha Lúcia Ribeiro que mesmo depois de tantos de graduação sempre perguntava quando nos encontrávamos “*e aí garoto como estar o trabalho*”, pois Martha Lúcia esteve presente no início da produção desse trabalho, uma vez que tudo começou em sua disciplina História do Nordeste Contemporâneo e em outros momentos. Mas, também em outras trilhas se inscreveram nessa trajetória amigos solícitos como Luciano Aires e Faustino Teatino que estão sempre dispostos ajudar independente de qualquer coisa. Assim, como também Kyara Almeida e Manuela Aguiar que me privilegiaram durante o momento da escrita com a sua amizade, transmitindo um pouco de paz e tranqüilidade em alguns instantes dessa trajetória.

E aos secretários do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, José Arnaldo Dantas e Maressa Nazaré pelas suas constantes ajudas em meio à burocracia “(des)necessária” da UFCG que tanto nos atordoa. Como também não poderia deixar de destacar a coordenação da professora Dr^a. Juciene Ricarte Apolinário, cujos os seus esforços está contribuindo para solidificar o Programa de Mestrado em História da Universidade Federal de Campina Grande.

RESUMO

Essa pesquisa histórica tem como objetivo discutir o processo de fabricação de João Pedro Teixeira como o herói camponês. O começo da sua emergência se deu através de uma memória de heroísmo que passou a ser produzida em 1962, pela imprensa paraibana, logo após o seu assassinato quando era vice – líder da Liga Camponesa de Sapé na Paraíba. A sua fabricação como herói camponês também extrapola o marco de 1962, fazendo com que a imagem de heroísmo construída para João Pedro Teixeira, continue a ser acionada e reatualizada na década de 80, sendo um signo de memória para as Ligas Camponesas. Dessa forma, ele continua tendo o seu corpo colonizado por diversas maquinarias discursivas como as matérias da imprensa, livros e artigos assim como um memorial que foi escrito no final do século passado e também uma biografia que é escrita para sua viúva onde João Pedro Teixeira reaparece através das suas memórias que se constitui como um espaço de saudade para sua viúva Elizabeth Teixeira. O resultado desses discursos que atravessam o tempo e que eles atribuem ao morto formas de sentidos em lugares e momentos diferentes, contribuindo para que a sua imagem se naturalize como o herói camponês.

Palavras - chave: João Pedro Teixeira – Ligas Camponesas – Camponês – Movimentos Sociais.

Emails do autor: muniz.roberto@hotmail.com; robertosilvamuniz@gmail.com.

ABSTRAC

This historical research is aimed at discussing the manufacturing process of Teixeira as the peasant hero. The beginning of their emergence was through a memory of heroism that came to be produced in 1962, the press Paraíba, shortly after his assassination when he was deputy - leader of the Peasant League of Sapé in Paraíba. Their manufacture and peasant hero also extends beyond the March 1962, causing the image of heroism built for Teixeira, and continues to be driven reupdated in the 80s, being a sign of memory for the Peasant Leagues. Thus, he continues to have his body colonized by various discursive machineries such as media reports, books and articles as well as a memorial that was written at the end of last century and also a biography that is written to his widow where Teixeira reappears through their memories constituted as a space of longing for his widow Elizabeth Teixeira. The result of these discourses that cross time and which they attribute to the dead forms of meanings in different places and times, contributing to its image as the hero to naturalize peasant.

Key - words: Teixeira - Peasant Leagues - Peasant - Social Movements.

RÉSUMÉ

Cette recherche historique a pour but de discuter du processus de fabrication de Teixeira comme le héros paysan. Le début de leur apparition a été à travers une mémoire de l'héroïsme qui est venu à être produite en 1962, la Paraíba presse, peu après son assassinat alors qu'il était sous - chef de la Ligue Paysanne de Sapé en Paraíba. Leur fabrication et héros paysan s'étend également au-delà du Mars 1962, provoquant l'image d'héroïsme construit pour Teixeira, et continue d'être alimentée reupdated dans les années 80, étant un signe de la mémoire pour les Ligues Paysannes. Ainsi, il continue d'avoir son corps colonisé par divers mécanismes discursifs tels que les rapports des médias, des livres et des articles ainsi que d'une mémoire qui a été écrit à la fin du siècle dernier et une biographie qui est écrit à sa veuve, où réapparaît Teixeira à travers leurs souvenirs constituée comme un espace de nostalgie pour sa veuve Elisabeth Teixeira. Le résultat de ces discours que le temps de fond et qu'ils attribuent à des formes mortes de significations dans différents lieux et moments, ce qui contribue à son image comme le héros à se faire naturaliser paysan.

Mots - Clés: Teixeira - Ligues Paysannes - Paysanne - Les mouvements sociaux.

SUMÁRIO

	Pág.
Introdução:	
Nas Tramas de uma Heroificação.....	14
Plano da Obra.....	30
1 - Cenário: O Território da Escrita de uma Heroificação.....	32
2 - Cenário: A Tessitura do Herói Camponês.....	57
3 - Cenário: A Escrita da História do Herói Camponês.....	89
4 - Cenário: Um Novo Lugar para João Pedro Teixeira.....	114
5 - Cenário: Passagens por um Território A(fe)tivado para o Herói Camponês.....	141
Epílogo: Um Encontro !?	187
Bibliografia.....	194

INTRODUÇÃO: Nas Tramas de uma Heroificação

Por muitos caminhos diferentes e de múltiplos modos cheguei eu à minha verdade; não por uma escada subi até a altura onde meus olhos percorrem o mundo. E nunca gostei de perguntar por caminhos, - isso, ao meu ver, sempre repugna! Preferia perguntar e submeter à prova os próprios caminhos. Um ensaiar perguntar foi meu caminhar - e, na verdade, também tem - se de aprender a responder a tal pergunta! Este é meu gosto: não um bom gosto, não um mau gosto, mas meu gosto, do qual não me envergonho e nem o escondo. "Este - é o meu caminho, - onde esta o vosso?", assim eu respondia eu as que me perguntava "pelo caminho". O caminho, na verdade, e não existe!

Zaratustra, Friedrich Nietzsche

Das várias maneiras de iniciar uma dissertação resolvi começar colocando uma pergunta ao leitor: Como foi escrita a história de um sujeito para fazer dele um herói camponês? A escrita da história desse personagem, que teve o começo de sua fabricação no ano de 1962, com o objetivo de heroificá-lo, logo após a sua morte. Uma pergunta talvez estranha ou até mesmo "impertinente" para o leitor que acaba de chegar a esse texto. No entanto, essa pergunta se faz para que o leitor possa entrar nesta história, uma história que é escrita como a finalidade de cortar o saber que o produziu como sujeito sob os emblemas de heroísmo. Logo de início quando entramos em contato com as linhas da história escrita sobre ele, podemos notar que essa história faz do seu corpo um brasão que traz escrito em cada um dos seus contornos, através da escrita os desejos de sua época, marcada pela luta dos direitos a terra. E dessa forma, ele é construído por essas narrativas, sobretudo para que ele seja visto por seus leitores como um herói camponês no território da história das Ligas Camponesas. Como escreveu uma matéria do *Jornal A União*, dias após a sua morte, para informar aos leitores que ele,

Tinha sido avisado de que o perseguiriam. Assistira, certa vez, ao lado da esposa, a uma ronda sinistra em torno do seu lar. Talvez soubesse de tudo, mas aprendera, na poesia revolucionária do mundo, que é melhor morrer sabendo do viver enganado. [...] Idealista, ele não compreendia nunca na sua inteligência ágil e no seu raciocínio acertado, como todas as terras da várzea da Paraíba pertenciam apenas a proprietários que poderiam ser contados nos dedos e nas mãos. E tantos homens sem terra, e tantos homens aflitos, e tantos homens com fome! Sonhara com a reforma agrária, mas não pensava na revisão dos estatutos da gleba empunhando uma foice ou um bacamarte, a atitude dos desesperados. Apelava, apenas, para a organização da opinião campesina, da opinião dos campos, porque na organizada a opinião do povo tudo mais estaria desorganizado. [...] Sonhou. Haveria de pagar pelo crime de ter sonhado. O seu sonho era uma visão perigosa de liberdade. Os latifundiários não podem compreender que os corações dos humildes possam aninhar belos sonhos.¹

Esse sujeito que busco entender começou a ser produzido como um *corpo escrito*, logo após a sua morte no ano 1962 do século passado, quando ele era uma liderança da Liga Camponesa de Sapé no Estado da Paraíba². As narrativas que dele se apropriam a partir do seu assassinato se inscrevem como um acontecimento, pois é a partir da sua morte que o líder camponês teve seu corpo tomado, acrescido e investido por palavras. E o resultado do trânsito dessas escrituras colonizadoras que se apossam do seu corpo é a sua emergência como herói camponês no território da história. Esse gesto de apropriação funciona tal qual a metáfora da colonização da América³ que foi produzida por Michel de Certeau. Assim como na colonização de mundos estranhos, também se inscreve o gesto do historiador ou até mesmo de outros passantes de alhures que colonizam o corpo do outro (passado) em função dos seus interesses e de suas linhas de estriamento do tempo, dos espaços e dos sujeitos:

Américo Vespúcio, o Descobridor, vem do mar. De pé, vestido, encouraçado, cruzado, trazendo as armas européias do sentido e tendo por detrás dele os navios que trarão para o Ocidente os tesouros de um paraíso. Diante dele a América Índia, mulher estendida, nua, presença não nomeada da diferença, corpo que desperta num espaço de

¹ Jornal A União, 05 de Abril de 1962.

² Cf. BENEVIDES, Cezar. **Camponeses em Marcha**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1985.

³ O nome "América" foi usado para nomear a nova terra recém descoberta que no primeiro momento apareceu como estranha aos olhos do conquistador, sendo que o ato de nomear é uma operação que personifica a autoridade do conquistador Américo Vespúcio que nomeou a diferença como uma forma de tomar posse e dominar que foi estranho pela escrita. A escrita é como um ato que coloniza e nomeia a diferença em função dos seus interesses do colonizador. Cf: CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2001. p. 3-9.

vegetações e animais exóticos. Cena inaugural. Após um momento de espanto neste limiar marcado por uma colunata de árvores, o conquistador irá escrever o corpo do outro e nele traçar a sua própria história. Fará dele o corpo historiado – o brasão – de seus trabalhos e de seus fantasmas. Isto será a América "Latina".⁴

Foi possível entender esse herói camponês em grande medida partir da poética do conceito de "corpo escrito" pensado pelo historiador Michel de Certeau. Conceito que se tornou importante para esse texto, porque é partir dele que podemos operacionalizar a seguinte pergunta: "Como um camponês teve seu corpo escrito?" Essa maquinaria que o constitui como herói o faz a partir das ações e das palavras que se apropriaram do seu corpo. O corpo escrito é aquele que traz as marcas do investimento da sua escrita, dos acoplamentos de seus sentidos, pois o que é o discurso, senão uma forma de capital que se investe sobre o corpo do outro fazendo dele o seu espaço⁵? Portanto, o corpo escrito é aquele que traz em sua "carne" as marcas da escrita do seu inventor, ou seja, as marcas do seu colonizador que se apropriam de sua extensão, tal como fez Américo Vespúcio, o conquistador, que se apropriou do outro a partir de uma escrita que era *sua* e nele, traçou a sua própria história inventando assim a América.

Mediante a inspiração desse conceito de *corpo escrito* comecei a pensar na proposta para fazer a discussão sobre a produção escriturária que fabricava o herói camponês. Assim, entrei em contato com os primeiros fios que formam a tessitura da história das Ligas Camponesas: os anos 50 e 60 do século passado. Com isso entrei em contato com um grande número de narrativas que cristalizavam a imagem do herói e comecei a puxar os primeiros fios da tessitura das Ligas Camponesas, com o objetivo de construir o problema que deveria conduzir a pesquisa e a escrita deste texto. O fio que amarrava essa história era de início, discutir o camponês como um corpo escrito por meio das maquinarias

⁴ CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2ª Ed. Rio Janeiro: Forense – Universitária. 2002. p. 09

⁵ A discussão sobre como a escrita capitaliza o corpo é mais alargada em outra obra que foi produzida por Certeau. Por isso Cf. CERTEAU, Michel de. **A Economia Escriturística**. In: **A Invenção do Cotidiano**. 1- Artes de Fazer. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2002. p. 221-246.

discursivas. Tinha como objetivo discutir as condições de possibilidades que promoveram a emergência do camponês durante as décadas de 50 e 60 do século no Brasil entre diversas propostas de uma nova sociedade.

Em meio a essa história, eu deveria partir, assim como um cartógrafo, em busca das linhas dos agenciamentos que produziram uma subjetividade para esse corpo escrito e que também o nomeavam sob o conceito de camponês. Percebia que as escritas que o escrevia a primeira vista como um dado *a priori* acabava por instituir uma forma de ver e dizer o camponês: um sujeito espoliado desde o Brasil colonial. Escritas que reduziam seu corpo apenas a um dado prévio, como um diagnóstico de uma causa e consequência. No entanto, em meio à pesquisa documental que já estava operacionalizando surgiu, perante os meus olhos, outro “tema”. Por meio da trama dos fios da tessitura que dava forma ao conceito de camponês, encontrei um ponto que se sobrepôs dentro de uma história que já estava começando a ser escrita. O “ponto” é um personagem que começou a ter seu corpo colonizado pela imprensa paraibana logo após sua morte, constituindo para esse personagem por meio da escritura da imprensa paraibana um território de heroificação que extrapola os dias atuais através de uma bibliografia e como também a um memorial⁶, o que me possibilitava investir na discussão da sua fabricação enquanto herói.

E diante da sedução pela história desse personagem escrito para ser o herói camponês, fiquei um tempo em silêncio, a espera de terminar o processo de ruminação. Decidiria pela discussão da sua emergência como herói camponês por através das escrituras que se apropriavam do seu corpo morto para colonizá-lo? Abandonaria a outra proposta de discutir a fabricação da rostidade do camponês, que também seria promissora para uma dissertação, já que o conceito de camponês é constantemente atualizado em obras que são reeditadas nos dias

⁶ BENEVIDES, Cezar. **Camponeses em Marcha**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1985; RANGEL, Maria do Socorro. **Medo da Morte; Esperança de vida: As Ligas Camponesas na Paraíba**. Campinas/SP. Dissertação de Mestrado: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2000; AUED, Bernardeth W. **A Vitória dos Vencidos: Partidos Comunistas e as Ligas Camponesas 1955 – 1964**. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1986. E o memorial organizado por LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. **PARAÍBA Nomes do século: JOÃO PEDRO TEIXEIRA**. João Pessoa: Ed. União, 2000.

atuais e que (re)inventam formas de continuidades? Continuidades que podemos perceber, por exemplo, no trabalho de Manuel Correia de Andrade, uma vez que ele ao escrever o prefácio do livro de Fernando de Azevedo na década de 80 do século passado, acaba por ativar a continuação dos mesmos discursos das décadas de 50 e 60 no contexto da década de 80 do mesmo século:

A opressão sobre o trabalhador rural, sobretudo o camponês no Brasil, se desenvolveu desde o período colonial, com os humildes resistindo à espoliação direta em suas tabas – indígenas –, organizando quilombos negros ou transformando-se em bandidos – análise a epopéia de Lampião – ou em fanáticos – episódios de canudos e do caldeirão entre outros. Foram revoltas espontâneas, sem uma ideologia bem definida, embora sempre ao respeito à justiça social, que foram reprimidas com violência e requinte de perversidade.⁷

Manuel Correia de Andrade, assim como alguns intelectuais de sua época, olha para o passado em busca de resgatá-lo diante das erosões do presente, pois como intelectual que fazia parte da geração dos anos cinquenta, época essa em que alguns intelectuais começam a escrever na Academia sob influência do paradigma marxista. Sobretudo escreviam para que a sua produção pudesse intervir diretamente na sociedade ou mesmo falar por ela⁸, por isso ele denuncia a exploração do camponês como produto de uma causa primeira: o latifúndio que tiveram a sua origem no Brasil colonial. Onde através das suas narrativas, os camponeses aparecem como sujeitos oprimidos desde sua *origem* pela figura do latifúndio.

Trabalhar com a emergência desta rostidade do camponês a partir da escrita dos intelectuais engajados e com a atualização desta escrita na década de 80 seria um movimento possível. Mas, seduzido pelo desafio de escrever uma história da fabricação do herói camponês e, sobretudo com o apoio do orientador, que deu a sugestão de início, quando na leitura do texto produzido como capítulo, eu disse sim a existência dessa proposta. E, logo uma pergunta se impôs: Como

⁷ ANDRADE, Manuel Correia *Apud* AZEVEDO, Fernando Antonio de. **As Ligas Camponesas**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1982. p. 12.

⁸ Cf. KONDER, Leandro. **História dos Intelectuais nos anos cinquenta**. In: FREITAS, Marcos Cezar (Orgs). *Historiografia em Perspectivas*. 3ªed. São Paulo. Contexto, 2000. p. 355-374.

fazer a história desse herói camponês? E ao mesmo tempo eu tinha que fazer uma escolha. Assim, então escolhi investir na discussão de como um camponês havia se tornado um herói-monumento, produzido com a função de ser uma figura identitária em um campo maior: a política de fabricação do camponês como um sujeito político para o projeto de uma revolução. E assim, puxei os fios desse problema inicial para investir em um novo lugar de discussão. E logo encontrei a trama para construir essa história: Trama que passa pela discussão dos espaços que produzem uma memória que deve ser cristalizada como uma história monumental de heroísmo de um camponês a servir de modelo e inspiração para os demais.

Ainda construindo a trama dessa história, percebi, de início, que no campo da história há uma ampla produção de historiadores, que produziram inúmeros trabalhos sobre a história de um único personagem por meio dos mais variados e distintos lugares do nosso campo de saber, em meio ao problema que lhes interessavam.⁹ A escrita desses trabalhos nos mostra enquanto leitores e produtores de história que não há uma única forma de trabalhar a história de um

⁹ O campo da história conta com inúmeros trabalhos sobre personagens que escrita em meio a diversas correntes teóricas formam na academia um território múltiplo que é norteado pelas escolhas dos próprios historiadores que são também históricas como podemos perceber em alguns trabalhos que influenciaram a historiografia brasileira como: Foucault, Michel. **Eu, Pierre Riviere, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1997; GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; DUBY, Georges. **Guilherme o Marechal, ou, melhor cavaleiro do mundo**. 2ª Ed. Rio de Janeiro, 1987; LE GOFF, Jacques. **São Luís: Biografia**. Rio de Janeiro: Ed. Companhia das Letras, 1999; e BURKE, Peter. **A fabricação do Rei: a construção da imagem pública de Luís XVI**. Rio de Janeiro: 1994. E na historiografia brasileira contamos com alguns trabalhos que também vem contribuindo para trabalharmos com a história de um personagem no território da história como podemos observar em distintos trabalhos, onde faço uma pequena relação com os trabalhos que produziram a história de um personagem, portando consta aqui um pequeno inventário de algumas a que tive acesso como: DUARTE, Regina Horta. **A Imagem Rebelde: A trajetória libertária de Avelino Fóscolo**. Campinas/SP: Dissertação de Mestrado em História: UNICAMP – IFCH, 1988. ; AZEVEDO, Elciene. **Entre escravos de doutores: a trajetória de Luiz da Gama na cidade de São Paulo**. Campinas/SP: Dissertação de Mestrado em História: UNICAMP – IFCH, 1997; SAMPAIO, Gabriela Reis. **A história do feiticeiro Juca Rosa: cultura e relações sociais no Rio de Janeiro**. Campinas/ SP: Tese de Doutorado, UNICAMP – IFCH, 2000.; DELGADO, Andrea Ferreira. **A invenção de Cora Carolina na batalha de memórias**. Campinas/SP: Tese de doutorado, UNICAMP – IFCH, 2003; PEREIRA, Auricélia Lopes. **O Rei do Cangaço e os Vários Lampiões**. Recife: Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Pernambuco – CFCH, 2000; e RIBEIRO, Genes Duarte. **Sacrifício, Heroísmo e Imortalidade: A arquitetura da construção da imagem do Presidente João Pessoa**. João Pessoa: Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Paraíba, 2009.

personagem no ateliê do nosso ofício de historiador, mas sim uma multiplicidade de formas e sentidos que atendem a especificidade de cada problema posto pelo historiador.

Mas, sobretudo, é importante salientar que o fato de o historiador fabricar uma história de um personagem não significa que ele está fazendo uma biografia. Esta história a ser narrada neste texto não é uma biografia do herói camponês, uma narrativa de sua vida. Trata-se de pensar como ele foi constituído para ser visto e lembrado como herói camponês¹⁰, ou seja, um monumento dentro da história das Ligas Camponesas. Para pensar e compor a escrita deste trabalho me inspirei em duas obras de história e nos trabalhos de Michel Foucault que contribuíram deste o início para desnaturalizar a ideia de sujeito e para construir o problema, que daria suporte e sustentação a essa dissertação.

Na trilha dessa perspectiva teórica que são as duas produções historiográficas que permitiram pensar as práticas das escritas que colonizaram o corpo de João Pedro Teixeira, cito o trabalho da historiadora Auricélia Lopes Pereira que, através dos seus estudos, fez um inventário da história de Lampião, o rei do cangaço. Inventário que resultou na fabricação de uma dissertação que quebra com a ideia do sujeito Lampião como bandido ou herói, recusando, portanto, essas dicotomias da imagem do rei do cangaço. Lopes Pereira também mostrou que esse dois lugares são produtores, não de um Lampião, mas de vários Lampiões que o colocavam então como o rei do cangaço. A tessitura da história dessa historiadora cria um lugar a um Lampião ridente, ao colocar em cena os risos das suas astúcias, apontando como ele explorava esses dois territórios que se dividiam entre o bandido ou herói. A recusa dessa historiadora

¹⁰ O monumento no sentido tradicional é uma obra construída para ultrapassar o presente e transmitir à posteridade a memória de uma pessoa ou fato. Caso busquemos as origens filológicas, veremos que monumento é um substantivo que vem do verbo latino *monere* que significa "fazer lembrar", "fazer recordar". Se como afirma Le Goff, "o monumento é um sinal do passado, (...) o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação", a construção de indivíduos-monumentos representa objeto privilegiado no estudo da constituição da memória coletiva contemporânea. Cf: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4ª Ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1996. p. 535.

em não atribuir um único lugar de verdade e de entendimento desse sujeito foi possível devido à influência dos estudos do filósofo francês Michel Foucault¹¹.

Outra obra de grande contribuição para esta história e que também trabalhou com um personagem como um sujeito histórico, e que tem como problema a historicidade do próprio sujeito, é o trabalho da historiadora Andrea Ferreira Delgado que problematizou em sua tese de doutorado o processo de fabricação e monumentalização de Cora Coralina como poetisa e emblema da cidade de Goiás. Delgado discute a teia discursiva da rede das memórias que produziu Cora Coralina como mulher – monumento, artesã e guardiã da memória, que é socialmente investida pelo poder de evocar, testemunhar e eternizar o passado. Processo esse que, segundo Delgado, constitui uma das estratégias da instituição da cidade de Goiás como cidade turística. Dessa forma, ela constitui o seu trabalho, ao elaborar a narrativa, tendo como desafio encontrar uma estratégia de escrita para confrontar as memórias e dar contornos a essa batalha de memórias como forma de investigar as práticas discursivas que tornam Cora Coralina como objeto e engendram o Monumento. Delgado evidencia as condições de produção de cada uma das memórias, trabalhando-as como um marco discursivo, delineando as tensões, as lacunas e os silêncios sem, no entanto, tentar preenchê-los contrapondo elementos revelados por outras construções biográficas de Cora Coralina.¹²

Diante desses trabalhos, podemos notar que a maneira como essas duas historiadoras pensaram e problematizaram os sujeitos nos seus trabalhos, é permeado pela influência dos estudos de Michel Foucault que mostra em sua arqueologia – genealogia que é interessante tentar ver como se dá, através da história, a constituição de um sujeito que não é dado definitivamente. E que este não é aquilo que se encontra através de uma verdade na história, mas um sujeito que se constitui no interior da própria história, e que é constantemente, a cada

¹¹ PEREIRA, Auricélia Lopes. **O Rei de Cangaço e os Vários Lampiões**. Recife: Dissertação de Mestrado em História: UFPE – CFCH, 2000. p. 3-23.

¹² DELGADO, Andrea Ferreira. DELGADO, Andrea Ferreira. **A invenção de Cora Carolina na batalha de memórias**. Campinas/SP: Tese de doutorado, UNICAMP – IFCH, 2003. p. 07.

instante, fundado, refundado ou mesmo reelaborado dentro dela. E é na direção desta crítica radical do sujeito humano no território da história que devemos nos dirigir aos sujeitos tidos como dados prontos e acabados.¹³

A arqueo-genealogia de Foucault dirige sua crítica, para a ideia de sujeito contínuo, como também para a forma de sujeito dito e instituído por um único de lugar de verdade, colocando, para isso, em xeque o saber que se institui como lugar de verdade. Pensar através dessa arqueo-genealogia acabamos também por quebrar com a concepção de um lugar autônomo a salvo posto fora do alcance de todos, pois para ele a própria verdade tem uma história dentro da própria história¹⁴, já que para ele é interessante ver que a história tem sua própria historicidade. Como podemos observar em uma obra que causou polêmica,¹⁵ principalmente entre historiadores: a publicação do livro sobre o parricida francês Pierre Rivière.¹⁶

Segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior o que Foucault tenta ao tratar do caso Rivière, é não se deixar aprisionar por uma teia discursiva, ou seja, ele não quer que seu livro seja mais um discurso da razão a apagar a força e as singularidades do próprio Rivière. Tal atitude significa realmente um irracionalismo estetizante, como o quer Carlo Ginzburg? Seria isso, como diz Ginzburg, cair no puro silêncio? Albuquerque Júnior coloca que a resposta se encontra na própria estrutura do livro de Foucault. Ele reproduz inicialmente todos os documentos encontrados sobre o caso, ou seja, todos os discursos produzidos a partir dele e que abordam diferentes aspectos do caso e também novos discursos que apoiam, se cruzam ou excluem os discursos anteriores, tentando com isso explicar a rede discursiva que constitui ou poderá vir a constituir o crime Rivière, produzindo com isso não o silêncio, mas uma explosão discursiva em torno do fato, negando-se

¹³ FOUCAULT, Michel. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Ed Nau, 2003. p. 10.

¹⁴ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 18ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Graal. 2003. p. 19

¹⁵ Cf: GINZBURG, Carlo **O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. Como também o artigo do também historiador ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval. **Menocchio e Rivière: criminoso da palavra, poetas do silêncio**. Resgate, 2(2): 48-55.

¹⁶ FOUCAULT, Michel. **Eu, Pierre Rivière que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2000.

em levar um discurso à condição de discurso de verdade, o discurso que explicaria o acontecimento Rivière.¹⁷

Influenciado por essas leituras e depois de muito tempo examinando os fios que produzem a tessitura da história do herói camponês, percebi que havia encontrado, por meio das matérias dos jornais da imprensa paraibana, um arquivo que possibilitou a sua emergência como herói camponês. Esse conjunto de matérias da imprensa quando somado aos textos que tematizam sobre João Pedro Teixeira vão construindo para ele a forma como o conhecemos. Fazendo com que esse herói seja resultado também de uma explosão discursiva como no caso de Pierre Rivière de Foucault mencionado por Albuquerque Júnior. Essa mesma explosão discursiva fez com que eu enquanto historiador me preocupasse com a forma como o discurso se apropria do corpo de João Pedro Teixeira, fazendo dele espaço de seus investimentos. Esta preocupação parte do fato de que os discursos são interessados e que são produzidos a partir das relações de saber e poder. Sobretudo, porque Michel Foucault nos mostrou amplamente em seus trabalhos que os discursos quando tomam o corpo do outro não é um gesto inerte desprovido de interesses, mas sim carregado de saber e poder que dá existência e forma aos sujeitos, mediante as suas condições de possibilidades, tornando dessa maneira as formas de produção ou mesmo de nomeação dos sujeitos como históricas¹⁸.

Assim podemos pensar os vários discursos que colonizaram o corpo de João Pedro Teixeira após a sua morte no ano de 1962 e o instituíam como o herói camponês, tornando-o, emblema para os outros camponeses. Esses discursos que se escrevem sobre o corpo do sujeito, serão mais bem explorados por meio das análises de Navarro – Barbosa. À cerca do discurso em Michel Foucault, podemos entender que,

¹⁷ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval. **Menocchio e Rivière**: criminoso da palavra, poetas do silêncio. *Resgate*, 2(2): 48-55.

¹⁸ FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 2002. p. 08 - 21.

...o discurso como acontecimento significa abordá-lo na sua irrupção e no seu acaso, ou seja, despojá-lo de toda e qualquer referência a uma origem supostamente determinável ou qualquer sistema de causalidade entre as palavras e as coisas. ...Entender o discurso como um acontecimento é aceitar que é ele que funda a interpretação, constrói uma verdade, dá rosto as coisas. Por isso discurso é objeto de disputa, em vista do poder que, por seu intermédio, se exerce.¹⁹

Os discursos que escrevem João Pedro Teixeira emergiram em meio a duas temporalidades distintas, ou seja, década de 60 e depois na década de 80 do século passado. Na primeira década, a sua emergência esteve ligada a política de produção do sujeito camponês e na década de 80, a sua história começou a ser escrita novamente e teve como função de servir como meio de promover um resgate do passado como também uma possibilidade trazer a história das Ligas Camponesas de volta, reelaborando formas de continuidades.

Mas, qual o sentido de se ter um herói para a história das Ligas Camponesas? Como ele foi fabricado e quais as maquinarias discursivas que se acoplaram ao seu corpo, impondo a ele uma rostidade, uma imagem constantemente acionada para ser um herói? Dessa forma, é preciso discutir essa produção do herói camponês porque essa história também é um espaço que ajuda a cristalizar a instituição do camponês como sujeito. Diante dessa questão, o primeiro eixo de discussão mostra como ele foi construído em função de ser um herói camponês, operação que começa a fabricar o herói a partir do ano de 1962. O ano de sua morte que é também o começo da sua instituição com herói que se dá por meio da apropriação da sua história de vida, edificada como um marco na história das Ligas Camponesas. A partir da morte de João Pedro, ele surge em meio a outro espaço de vida em forma de texto por meio das narrativas que o imprimem para que ele seja visto como o herói camponês. Essa escrita que o tornou herói se constitui, na mesma medida, como um acontecimento, porque é a partir dela que começa a sacralização do seu corpo como herói camponês,

¹⁹ NAVARRO – BARBOSA, Pedro Luis. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na História. In: SARGETINI, Vanice e NAVARRO – BARBOSA, Pedro. **Michel Foucault nos domínios da Linguagem: Discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Ed. Clara Luz, 2004. p. 108.

tornando-o emblema e exemplo de história de vida a ser citado em eventos que tematizam a história como a memória da luta pela reforma agrária.

A documentação que investigo vaza em entre as suas margens a imagem do herói camponês. Imagem essa que se constituiu por inúmeros canais- como os Jornais da imprensa Paraibana A União, Correio da Paraíba, O Norte - que espetacularizaram a morte João Pedro Teixeira. Essas mesmas matérias no início da década de 80 foram retomadas. Parece o mesmo dito e poderia se constituir como um lugar vazio de sentidos para outro historiador, mas para mim que desconfia dos retornos este lugar se constituiu numa outra questão a ser discutida, já que morto volta novamente sob a forma de história na década de 80 e também nos anos 2000, sobretudo por meio de um memorial que é produzido para João Pedro Teixeira e que o nomeia como um dos paraibanos do século. Dessa forma, a década de 80 se construiu, como outro ponto de discussão e em mais um caminho a ser trilhado neste texto, até porque ela será atualizada no memorial escrito no ano 2000. Portanto, se inscreve em outro espaço e em outra temporalidade distinta.²⁰

Mas, também quando eu estava pensando em discutir o processo de fabricação de João Pedro Teixeira como o herói camponês, uma fonte se sobrepôs aos meus olhos e eu a olhava como um enigma na tentativa de interrogá-la para puxar um fio de sua trama, de onde eu poderia construir um ponto de interrogação, para fabricar um texto diferente dos demais. Percebi que essa fonte era também uma biografia, sendo mais do que um simples conjunto de informação. Mas logo que tomava contato com a bibliografia clássica²¹ dos

²⁰ E o memorial organizado por LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. **PARAÍBA Nomes do século: JOÃO PEDRO TEIXEIRA**. João Pessoa: Ed. União, 2000.

²¹ Bibliografia clássica como MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos. **Refúgios do eu: educação, histórias e escritas autobiográficas**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000.; ONFRAY, Michel. **A Escultura de Si**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. ; ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1996. ; ARTIÉRES, Phillippe. **"Arquivar a Própria Vida"**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Vol: 11, nº 21, p.9-34. ; CALLIGARIS, Contarto. **"Verdades biografias e diários íntimos"**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Vol: 11, nº 21, p. 43-58. ; RIBEIRO, Renato Janine. **"Memórias de Si, ou ..."** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Vol: 11, nº 21, p. 35-42. DELGADO, Andréa Ferreira. **A invenção de Cora Coralina na Batalha de Memórias**. Campinas: Tese de Doutorado em História: UNICAMP, IFCH, 2003.

estudos de biografia e autobiografia comecei a encontrar questões para esse texto, já que a história também é um canal por onde passava a história de João Pedro Teixeira como uma possibilidade de reviver o passado novamente. Como no caso da biografia a ser inventariada “Eu Marcharei na Tua Luta: A Vida de Elizabeth Teixeira”²². Que foi organizada por três autoras tendo como finalidade resgatar as memórias de Elizabeth Teixeira viúva de João Pedro líder das Ligas Camponesas. Através dessa biografia podemos notar que ela começa com um resgate do passado e assim como as outras tessituras ajudam a consagrar e a consolidar João Pedro como herói camponês. Por isso é importante operar essa biografia, como escreveu Michel Onfray,

O importante é extrair [da profusão de uma biografia] as linhas de força com as quais [é possível] construir uma arquitetura singular. Longe do detalhe, dos passos hesitantes ou dos recuos, o que constitui uma individualidade com um destino que se encarna encontra-se, antes de tudo, nos seus efeitos, mais particularmente na consequência desses efeitos.²³

Dessa maneira através da escritura desse texto biográfico é possível investigar os canais por onde passam a escrita de Elizabeth Teixeira, sobretudo porque na narrativa dessa biografia, assim como também nas suas entrevistas, podemos observar como ela constrói um lugar para si que se define como em um território autônomo que se dá a partir das suas memórias que acionam João Pedro Teixeira. A tessitura da biografia de Elizabeth Teixeira tem como linha inicial mostrar a sua trajetória como líder camponesa. Elizabeth volta à cena de novo no início na década de 80, quando ela é resgatada.²⁴ Em um primeiro momento ela começa a contar a história de vida do seu marido, mas logo depois ela começa a criar um espaço para si em meio às narrativas da memória de João

²² BANDEIRA, Lourdes, SILVEIRA, Rosa Maria Godoy; MIELE, Neide (Orgs). **Eu Marcharei na tua luta**: a vida de Elizabeth Teixeira. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 1997.

²³ ONFRAY, Michel. **A Escultura de Si**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 23. (Grifos Meus)

²⁴ Cf. “A partir do momento que eu fui resgatada pelo Eduardo Coutinho – eu digo resgatada porque foi isso mesmo que aconteceu – resgatada daquela cidade do alto sertão do Rio Grande do Norte, de São Rafael, eu fiquei pensando na minha vida, em tudo o que eu passei e de que eu tive deixado as coisas assim, muito viva dentro de mim.” In: BANDEIRA, Lourdes, SILVEIRA, Rosa Maria Godoy; MIELE, Neide (Orgs). **Eu Marcharei na tua luta**: a vida de Elizabeth Teixeira. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 1997. p. 158.

Pedro Teixeira. Ao contar as suas memórias ela acaba por se construir como um monumento para os outros, quando ela narra a sua vida atribuindo grande ênfase ao seu *eu*, se mostrando como exemplo de coragem.

...

O começo se dá quando Elizabeth Teixeira ainda no ano de 1962 decidiu e assumiu, à primeira vista o lugar de herdeira da luta como também das memórias de João Pedro Teixeira. Por isso, é preciso observar também que ela se reinventa dentro da história do seu esposo, já que ela modifica a sua vida em função do acontecimento da morte do seu esposo João Pedro Teixeira. Esse acontecimento levou Elizabeth a organizar sua narrativa de vida sob e em função do conceito de camponês. Esse ponto de discussão na trama dessa dissertação tem como objetivo cortar com a ideia de Elizabeth Teixeira como uma continuidade de João Pedro Teixeira através da sua narrativa como também da memória que ela cria pra si.

Mas, como Elizabeth Teixeira se apropria desse lugar criando um espaço para si? Ela cria seu território na medida em que (re)produz a memória da luta de João Pedro Teixeira, sendo a partir dessa mesma memória que ela puxa os fios para construir a sua história e se constituir como um marco dentro da história das Ligas Camponesas. Sua história se constitui também como um espaço de reatualização do conceito de camponês, já que nela, a viúva do mártir, se cristaliza como uma figura identitária, pois o passado é para Elizabeth Teixeira um espaço que ela instrumentaliza para se constituir como autoridade de memória da luta camponesa do passado no presente.

As tramas dessa história que venho compondo, a primeira vista, a você leitor, talvez pareça estar completa por meio dessa introdução. Mas, no entanto ainda te falta, leitor, alguns fios que foram entrelaçados para compor a tessitura desse trabalho. O que te mostrei por meio dessa introdução é apenas uma

paisagem que vista do alto falta alguns pedaços que só com a continuação da sua leitura é que você poderá finalmente ter acesso à paisagem de maneira inteira, haja vista que essa introdução é uma pequena janela para você entrar nessa história.

No entanto, fica um esclarecimento para os leitores historiadores/pares ou aos passantes de alhures sobre os documentos: A documentação e também a bibliografia, não serão analisados pelo binômio da verdade ou da mentira, mas, serão discutidas intrinsecamente, pois na prática do nosso ofício compartilho a concepção epistemológica de Michel Foucault de não procurar nos discursos aquilo que corresponde aos acontecimentos empíricos e que permite conhecer a verdadeira história de João Pedro, ou mesmo do herói camponês. Portanto, não procurei uma verdade escondida na história de João Pedro Teixeira, por acreditar que não há um real a ser desvelado e muito menos um sujeito a ser desvendado, pois como o próprio Foucault nos ensina,

....a história mudou de posição acerca do documento: ela considera sua tarefa primordial, não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual é o seu valor expressivo, mas sim trabalhar no seu interior e elaborá-lo: ela o organiza, recorta, distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações.²⁵

Talvez o leitor também possa estranhar o fato dessa história não ter uma temporalidade uniforme e linear. Essa forma de história se constrói por meio da temporalidade do diagnóstico da atualidade que se constitui como forma de um saber que conclama hoje a experiência sobre nós mesmos²⁶. Para conquistar a liberdade é preciso sermos capazes de questionarmos como as nossas histórias definem os sujeito, mas, que só nos é possível entender melhor por meio de uma arqueo-genealogia da história do presente ou diagnóstico da atualidade. O filósofo Jorge Larrosa nos elucidada da melhor forma o pensamento de Foucault quanto a esta forma de temporalidade,

²⁵ FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Baêta Neves. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 07.

²⁶ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. 18ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2003. p. 36.

A história do presente não é uma racionalidade retrospectiva porque não coloca o passado a serviço dos interesses do presente (daquilo que somos e já deixamos de ser), porque não busca que nos reconheçamos no passado que nos encontremos nele, que identifiquemos nele a origem da nossa identidade satisfeita. Trata-se não de reconhecer nossa identidade, mas dissociá-la, de dividi-la, de dissipá-la, de pluralizá-la, de nela produzir diferença e descontinuidades²⁷.

Dessa forma, a tessitura dessa história não aponta para um caminho, mas para possibilidades de caminhar pela história da monumentalização de João Pedro Teixeira com o sorriso nos lábios de quem diz sim à vida e à existência, que deixe o presente livre, indeterminado, onde os pensamentos devem estar a serviço de nos dizer onde estamos e não até aonde vamos, e para isso é preciso aprofundar aquilo que nos separa de nós mesmos. O passado como contra – memória, como fabricação daquilo que inquieta qualquer olhar retrospectivo. O presente como *problemático*, como fabricação não daquilo que somos, mas daquilo que diferimos. E assim é a lógica de pensando que compõe em grande medida a escritura desse trabalho.

²⁷ LARROSA, Jorge. **A libertação da liberdade**. IN: Retratos de Foucault. Rio de Janeiro: Ed. NAU, 2000. p. 330. (Grifos meus)

PLANO da OBRA

Diante do que venho analisar para elaborar essa dissertação, construí ao início uma pequena e precária cartografia que nas palavras de Deleuze e Guattari se encontra aberta, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível de receber modificações constantemente²⁸ para se chegar a um ponto. Chegando ao ponto fixei dessa maneira os cenários que convencionalmente lembra ao leitor a ideia de capítulos, mas que, no entanto os cenários foram escritos mais no sentido de serem aforismos e por isso a sua escrita é marcada por rupturas.

No primeiro cenário, mostro um pouco do que seria o contexto histórico que permitiu a apropriação do corpo de João Pedro Teixeira e os enunciados para a sua fabricação como um herói camponês. Este cenário é construído através de uma bricolagem com as fontes da imprensa que são tomadas como base da escrita, onde (re)corto as fontes “como base” para criar a história, por isso elas em alguns momentos ocupam a cena do texto e em outros momentos ficam nos bastidores mais sempre deslocadas em função de um problema. Dessa maneira neste cenário, através de um desencontro com João Pedro temos acesso às condições históricas que fizeram com que ele fosse escrito para ser um herói após o ano de 1962.

No segundo cenário, chegamos à sua emergência como herói camponês que nasce em meio a uma explosão discursiva logo após o seu assassinato. Essa explosão discursiva é resultado da publicação de diversas matérias que escreveram e protestaram contra o crime que tirou a vida do líder camponês. Essas matérias também começam a explorar a história de sua vida fazendo dele um herói exemplar a ser também um dispositivo político pronto para servir de modelo para outros camponeses.

²⁸ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p. 22. (Vol; 1)

Dessa forma, passamos para terceiro cenário de discussão onde narro como João Pedro Teixeira é reescrito pós década de oitenta por meio de uma produção acadêmica que tem como função resgatar João Pedro de volta para ser um dispositivo de memória das Ligas Camponesas. Ainda nesta perspectiva, podemos entrar no quarto cenário com a produção de um memorial que é escrito com função de nomear João Pedro Teixeira como um paraibano do século. Para construir um diálogo com essa fonte optei por fazer uma reconstrução ou até uma descrição do memorial para vermos como Pedro Teixeira foi reescrito mais uma vez sob a condição de ser um dos paraibanos do século.

E no quinto e último cenário, entro no território a(fe)tivado pelas saudades de Elizabeth Teixeira e por meio das suas memórias de João Pedro Teixeira, discuto como ela vai produzir uma memória do seu esposo para comunicar uma experiência que não se limita ao espaço de sua liderança, e que diante de tal gesto ela inventa um território para si. E dessa forma podemos ver como a imagem de João Pedro se reatualiza de novo se cristalizando outra vez como o herói camponês, que extrapola a década 60 do século e que produz ressonâncias nos dias atuais.

1.

O TERRITÓRIO DA ESCRITURA DE UMA HEROIFICAÇÃO

O corpo é um código à espera de ser decifrado.

Michel de Certeau

Era dois de abril de mil novecentos e sessenta e dois, quando nas proximidades de Sapé houve um crime que ficou conhecido através da imprensa paraibana como um bárbaro trucidamento. Crime esse que foi perpetrado contra um camponês, e que aconteceu em plena efervescência das Ligas Camponesas. Assim, podemos começar a história desse camponês que teve sua memória apropriada por diversos veículos da imprensa paraibana ao início da década de sessenta. Apropriação da sua história de vida como também a espetacularização da sua morte, acabou por dar início à fabricação da sua imagem como o herói camponês, como forma de instituir um ponto de referência para os outros camponeses. Dessa forma Jornais, como “A União” começam a construir discursos saudosistas que começam aos poucos construir a figura de um herói tido como exemplar, mediante aos signos que vão ser escritos sobre o seu corpo.

Nunca mais podemos esquecer os seus olhos. Os olhos dos mortos não choram. Eles nos deixou no transe derradeiro de vida, a dignidade final da sua morte. Sigamos o seu último exemplo. Ninguém derramara mais lágrimas. Os seus olhos queriam dizer que os camponeses, de tanto verterem suor, não tem, sequer, mais pranto para derramar outras lágrimas.¹

A apropriação da sua memória uma vez que ela será o artefato principal para uma construção póstuma, que o inventará como um personagem a ser imortalizado como um monumento com a finalidade de lembrar e promover a

¹ Jornal A União. João Pessoa, 05 de Abril de 1962.

união dos camponeses por meio de uma imagem discursiva de herói, que será publicizada naquele momento e por isso ela vai ser espetacularizada em grande medida ao início da sua morte. Essa operação escriturística, entorno da memória de João Pedro Teixeira pode ser pensada como um dispositivo político uma vez que Marilena Chauí², nos esclarece que esse tipo de imagem pública pode ser considerada como um espelhamento ampliado e iluminado de uma experiência imediata, dotada da capacidade de unificar aquilo que nesta última aparece fragmentado. Unindo o disperso à imagem, como um espelho dos dados imediatos que exclui a reflexão e, simultaneamente, cria a ilusão de conhecimento graças ao seu aspecto ordenador para promover a mobilização sem uma reflexão de imediato do que esta sendo posto. Assim, a imagem mesmo sendo discursiva é um artefato que é construído ou apropriado para fins políticos e que passa a ser publicizada mediante a estratégia política, que faz com que essas imagens sejam conhecidas ou mesmo reconhecidas através da sua publicização conforme a finalidade que a ela é destinada.

A ação dos discursos que colonizam o corpo de João Pedro Teixeira pela imprensa da Paraíba tem a função de criar a imagem de heroísmo para servir de símbolo visível e tangível. Sendo importante notar que uma das características marcantes dos textos das notícias publicadas nos jornais impressos e sua proximidade do discurso do drama, um gênero literário orientado para uma situação de comunicação que coloca, face a face, atores e expectadores, num espaço-tempo comum. Pois, Dines afirma³ com relação às estratégias de leituras seguidas pela imprensa, que o tempo é pensado como forma de atrair o leitor, uma vez que o presente de cada leitor deve ser tratado como se estivesse tomado conhecimento do assunto naquele instante ou a concentração da ação em torno de um pequeno núcleo de personagens que estabelecem entre si uma

² CHAUI, Marilena. **Ideologia e Participação popular**. São Paulo: Paz e Terra, 1979. p. 46. Estou me apropriando do conceito de imagem dessa autora, mas, no entanto quando falo em imagem, não penso apenas como iconografia, mas como imagem para além desta forma e sim com um conceito de imagem mais alargado onde penso como imagem discursiva, já que o texto é também produtor e condutor de imagem.

³ DINES, Alberto. **O Papel do Jornal: uma releitura**. 4ª Ed. São Paulo: Ed. Sumus, 1986, p. 17.

relação tensa e conflituosa para os outros. Como aconteceu ao início com as primeiras matérias que começam a escrever sobre o personagem a ser heroificado para colocar o leitor em contato com a sua história de vida e, sobretudo com as causas que o motivaram a sua luta política.

Dessa forma, podemos entender a finalidade com que esse corpo foi apropriado e as estratégias que foram colocadas em ação para produzi-lo como um texto póstumo. Que vai conferir a João Pedro Teixeira através dos signos uma imagem herói, por uma trama que é tecida pela ação de um grupo de diverso de narradores⁴ que colonizam o seu corpo ao contarem as suas memórias ou quando mesmo ao produzirem uma memória para ele. Sendo importante colocar que João Pedro Teixeira durante a sua vida não reuniu nenhum arquivo e nem tão pouco ordenou seus objetos pessoais, ou seja, uma sequencia de suas fotos organizadas através de um álbum de retratos, cartas e anotações do qual fosse possível mostrar a maneira como ele organizava e mostrava a sua trajetória de vida em função de se tornar um ícone na história, mostrando dessa maneira uma vontade de se auto – monumentalizar e se perpetuar na história das Ligas Camponesas para ser visto e admirado pelas gerações futuras.

Mas, mesmo ele não tendo reunido esse conjunto de objetos pessoais ou deixado de herança para os seus herdeiros, para que outra pessoa pudesse reunir. Mesmo assim ele teve o seu corpo heroificado e sacralizado após a sua morte ainda durante o ano de 1962. Mas, a partir de que materiais foi possível construir a sua imagem e herói? Uma vez que não existem matérias pessoais dele para se escrever uma história ou mesmo discursos que foram recolhidas dele por meio de entrevistas ou matérias que cobriam a sua atuação a frente das Ligas Camponesas na Paraíba durante os anos de atuação entre o ano de 1958 e 1962. A inexistência desse material não foi barreira para que ele passasse ser colonizado, uma vez os seus narradores, se voltaram logo após a sua morte para informar aos seus leitores que era João Pedro Teixeira é como havia morrido o

⁴ Esses narradores serão abordados no decorrer dos outros capítulos dessa dissertação, por isso acho desnecessário nomeá-lo, pois eles entraram no decorrer da trama dos outros capítulos desse trabalho.

“bravo” camponês, e assim dão início a composição de uma memória de heroísmo para ele. E partir desse movimento de informar aos seus leitores quem era esse camponês, e que a sua vida que começou a ser colonizado no início da década dos anos sessenta.

Uma vez que os anos da sua luta, a frente das Ligas Camponesas na Paraíba não há registro. E dessa maneira não temos acesso às matérias que reportem a sua luta é que havia sido escrito antes da sua morte e que pudesse trazer um pouco de informação sobre ele antes da sua espetacularização que foi promovida através da imprensa na Paraíba ao escrever sobre a sua morte no ano de 1962. Pois, só temos registro sobre João Pedro Teixeira através de uma fonte que remonta a fundação de uma associação de lavradores de Sapé é que foi possível romper um pouco o silêncio entorno dele. E que começam a fazer sentido diante dos primeiros registros logo após a sua morte e que nos informar quem era João Pedro Teixeira e a construir uma memória para ele. Onde Pedro Teixeira é escrito como o homem que havia colocado a sua vida a serviço de cuidar dos outros camponeses, colocando dessa maneira em cena a sua atuação como líder camponês. E a partir desse cuidado com os outros e Malaquias Batista escreve sobre ele,

O médico lembrou as vezes que o recebia... em sua casa, em busca de remédios, de amostras grátis para os camponeses que não tem dinheiro para comprar medicamentos.

E falou sempre o problema de saúde publica na zona rural, onde os filhos de camponeses – “órfãos de pais vivos” - carecem de maior empenho dos poderes públicos em todos os recantos do país.⁵

Através dessa escrita que teve como primeira função de informar aos leitores como atuava João Pedro Teixeira. É que podemos observar que começa a se cristalizar como a história de um personagem a ser imortalizado como herói, e que também foi produzida para fazer dele um exemplo de vida, configurando um tipo de narrativa que segundo o historiador Jacques Le Goff em sua obra “São

⁵ Jornal A União. João Pessoa, 05 de Abril de 1962.

Luís”⁶, nos lembram uma hagiografia. Narrativas que, assim como a vida dos santos, são escrita para servir de exemplo e modelo a ser seguido pelos outros. João Pedro Teixeira passar a ter existência através desse poliedro de narrativas que se escreve sobre o seu corpo dando uma forma e existência, onde também nele se inscreve o desejo de torná-lo modelo exemplo, imagem da perfeição. E a partir dessa vontade de dizê-lo é que será produzida para ele uma memória póstuma e através desse arquivo de memórias que ele vai (res)surgir outras vezes sob o signo de herói.

Como mencionei anteriormente nesse texto, o primeiro registro que eu consegui localizar em um cipoal de jornais do “candidato” a herói, e que narrava ou reportava minimamente ao seu nome durante a fundação de uma associação. Através dessa fonte é possível imaginar um pouco dentro limites da história e termos através dessa narrativa “um pouco da sua história ou um breve acontecimento” de sua vida quando ele se encontrava em uma sala apertada localizada no Grupo Escolar Gentil Lins na cidade de Sapé na Paraíba por ocasião da fundação da “Associação dos Trabalhadores de Sapé”. Também ficamos sabendo através do “Jornal A União” que havia comparecido na ocasião dessa fundação cerca de mais quinhentos trabalhadores rurais para assistir a conferência do Deputado Federal Jacob Frantz e da participação de outros ruralistas durante esse dia para compor a diretoria dessa associação.⁷

Essa mesma fonte de jornal nos conta que o conferencista Jacob Frantz foi vivamente aplaudido no Grupo Escolar Gentil Lins e num misto de vaidade diante dos aplausos do grande numero de trabalhadores, ele termina por conclamar os trabalhadores rurais para se organizarem e empreenderem uma luta constante em favor da concretização dos interesses em comum daqueles que seriam o proletariado rural da época. E assim, o então deputado começa a colocar em

⁶ Cf. “a vida hagiográfica é uma história, ainda que narrativa se organize em torno de manifestações de virtude e de piedade, e comporte, em geral à parte, um catálogo de milagres”. In: LE GOFF, Jacques. **São Luís – Biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 23.

⁷ Jornal A União. 20 de Agosto de 1958. João Pessoa. p. 2 e 5.

prática “toda” a sua erudição para que os trabalhadores vissem por meio dela a força de que eles dispunham.

É importante destacar que no momento da escrita dessa matéria pelo o “Jornal A União”, estávamos no final da década de cinquenta, período de efervescência do paradigma marxista é que por isso era comum chamar os trabalhadores de proletários. É comum perceber o uso dessa linguagem por jornalista no período das décadas de 50 e 60 do século passado, como uma forma deles também fazer uma crítica a sociedade da época, uma vez que eles enfatizavam que esses proletários seriam responsáveis por uma revolução que provocaria uma mudança na sociedade para uma nova ordem quer seja socialista ou comunista⁸.

Sobretudo, porque neste período circulava na Paraíba idéia vinculada ao pensamento marxista neste período através da imprensa paraibana, sobretudo pelo Jornal de maior circulação da época que por sinal era um órgão da imprensa oficial do estado chamado “A União”. Outro fator que contribuiu para a circulação dessas idéias aconteceu porque a política administrativa do governador Pedro Gondim teve um grande apelo e identificação com os populares, o que fez com esse período do governo de Gondim ficasse conhecido como populista na Paraíba. Por isso no ano de 1958, destacou-se na imprensa paraibana a publicação de matérias de ordem social ou de forte identificação com os problemas dos populares, como aponta estudos recentes da história da Paraíba como no caso do trabalho da historiadora Railane Martins de Araújo.

Os estudos dessa historiadora⁹ apontam que, o editorial “A União” e, assim como “todo” o seu conteúdo, era usado como uma estratégia política do governo Gondinista, para construir uma identificação dos populares com a política do governador. Dessa maneira a imprensa no que se refere ao jornal estatal “A União” era usado como uma engrenagem a mais para consolidar a essa política

⁸ KONDER, Leandro. **História dos Intelectuais nos Anos Cinquenta**. In: FREITAS, Marcos Cezar. (Orgs.). 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 355-375.

⁹ ARAÚJO, Railane Martins. **O Governo de Pedro Gondim e o Teatro de Poder na Paraíba: imprensa, imaginário e representações (1958-1965)**. João Pessoa: Dissertação de Mestrado em História: UFPB, 2009. p. 33.

adotada por Pedro Gondim, onde a linha “editorial” desempenhava a função explícita de ser uma ponte de identificação entre o poder público e a sociedade. O principal empreendimento ao longo de desse caminho colocado pelo jornal “A União” é forjar uma identificação entre o governador e o povo. Diariamente com a publicação e com as enunciações da imprensa por meio dessas matérias foi moldando a imagem do governo de Pedro Gondim como populista, como aquele que entende e se sensibiliza com os problemas da população. Em torno do nome de Pedro Gondim se construiu um emblema de político popular, que, através de suas práticas de governo, conseguia a cada dia angariar adeptos para junto de si, além de também imprimir a sua marca, que ficou conhecida como uma administração dinâmica a frente do governo da Paraíba.

Dessa maneira, diante desse clima construído pela política de Pedro Gondim de identificação dos populares e também de sinonímia com o seu governo. O deputado Jacob Frantz, durante a ocasião da fundação da associação dos trabalhadores de Sapé continuou através do seu discurso a enfatizar a necessidade de se esclarecer às massas a fim de que elas lutassem por melhores condições de vida. Como forma de conscientizar os proletários da época do seu papel na história, e para que eles desempenhem a missão que lhes reservava naquele momento atual: a conquista de melhores condições de trabalho e também de vida, poderia ser conquistada através de uma revolução ou mesmo por uma reforma.

O “cerimonial” de inauguração se encerra logo após o caloroso discurso de encerramento do deputado Jacob Frantz, onde o editorial do Jornal “A União” registra da seguinte maneira a reação das pessoas ao escutar o deputado na ocasião,

...a grande massa trabalhadora mostrou-se vivamente empenhada nos seus interesses mais urgentes evidenciando-se um entusiasmo geral do proletariado, num exemplo de unidade e coesão da classe.¹⁰

¹⁰ Jornal A União. João Pessoa, 20 de Agosto de 1958. p. 2 e 5.

A cerimônia da fundação da Associação dos Trabalhadores de Sapé enfatizou que o seu caráter inicial de assistencialismo. Mas, que posteriormente adotou uma nova política no tocante a conquista tanto de direito de melhores condições de trabalho ou de até mesmo pela posse da terra passando a ser conhecida como Liga Camponesa de Sapé, demarcando-se dessa maneira outro momento político: aí dar-se o início dos movimentos com finalidade de se lutar pela terra posse da terra.

Mas, que no momento nos reportemos à associação dos trabalhadores onde estavam presentes, o professor Joaquim Ferreira Filho, o representante do Governador do Estado da Paraíba Pedro Gondim, o Deputado Ramiro Fernandes do PSD, os advogados João Santa Cruz e José Gomes da Silva e os líderes do PSD local, como Joça Vitorino e Luís Gonzaga, o agrônomo Assis Lemos, o dentista Leonardo Leal e como não poderia faltar em meio a esta solenidade escrita com a presença de tantas autoridades pelo jornal da imprensa paraibana, a presença do pároco da cidade de Sapé Eurivaldo Caldas Tavares. Assim, logo podemos acompanhar o resultado da escolha dos membros que foram nomeados para compor a diretoria da associação dos trabalhadores, pela imprensa paraibana que, em sua escrita vultualista, não temos acesso ao processo de composição dos membros, se foi por eleições ou auto – indicação; ficando à disposição do leitor apenas seu resultado final: a diretoria passa a ser composta por Severino Alves Barbosa - presidente, João Pedro Teixeira como vice - presidente, Pedro Inácio Araújo como primeiro secretário, Walter Acioly como orador e Severino José da Silva com a função de tesoureiro.

Depois dessa solenidade se instaura um silêncio entorno do nome de João Pedro Teixeira uma vez em que não encontramos nenhuma matéria da imprensa paraibana que nos conte um pouco da sua luta. E que por isso quando acompanhamos as páginas esmaecidas dos jornais, observamos que se instaura por longo dois anos um silêncio entorno de matérias que poderiam trazer um pouco da luta de Pedro Teixeira. Mas ficamos sabendo através dos jornais como no caso do Jornal "A União" que essa associação cresce e que segundo a

imprensa paraibana havia se expandido por toda região da várzea paraibana, como é conhecido essa parte do brejo paraibano. O futuro herói João Pedro Teixeira já foi citado e compõe a diretoria da associação como vice - presidente, e assim podemos ir ao encontro de outra matéria sobre camponeses em busca de um acontecimento que tenha sido escrito sobre o herói.

Na inexistência de encontrar alguma matéria da imprensa paraibana que comente algo sobre João Pedro Teixeira para além daquela menção ao seu nome como vice – presidente da Associação dos Trabalhadores de Sapé. Mas, que podemos acompanhar através do Jornal “A União” que no dia dois de setembro do ano de mil e novecentos e sessenta o deputado Francisco Julião se encontrava na Paraíba fundando a Liga Camponesa de Santa Rita. A matéria que escreve sobre esse acontecimento, nos é mencionada por meio de letras destacadas em negrito, com o seguinte título “Julião vai fundar liga camponesa em Santa Rita”¹¹, dessa maneira a matéria de Jornal comenta a visita do deputado.

O deputado Francisco Julião deverá visitar João Pessoa dentro dos próximos dias, a fim de fundar na vizinha cidade de Santa Rita, mais um núcleo das Ligas Camponesas.

O ilustre parlamentar que ultimamente vem elastecendo através do Nordeste, o âmbito se sua atividade em favor do camponês, esta estreitando vinculando ao plano de trabalho do movimento nacionalista, secção da Paraíba, órgão que, em nosso Estado sob a inspiração, do jornalista Joaquim Ferreira Filho, vem patrocinando o movimento dos camponeses.

O deputado José Joffily será o presidente de honra das Ligas Camponesas de Santa Rita numa homenagem dos nacionalistas a atuação destemida e ilustre parlamentar pela libertação econômica do Brasil.¹²

O Deputado Francisco Julião aparece nesta solenidade devido a sua atuação nas Ligas Camponesas de Pernambuco, onde ele aos poucos alcança a frente desse movimento um grande destaque no cenário político para além das fronteiras regionais. Uma vez que sua figura se confunde com início da fundação

¹¹ Jornal A União. João Pessoa, 02 de Setembro de 1960.

¹² Idem.

de Liga Camponesa do Engenho Galiléia. A historiadora Maria do Socorro Rangel justifica que é a partir de 1959, que Francisco Julião começa a fazer parte deste cenário político devido a sua forte atuação quando o Engenho Galiléia foi desativado, a “Liga – Mãe” passando dessa maneira a ser um exemplo vitorioso da luta dos “camponeses” – como passaram a serem chamados todos os trabalhadores agrícolas filiados às Ligas Camponesas – pelo direito a terra. Se constituindo como figura marcante neste movimento, Francisco Julião teve em grande medida sua imagem associada ao exemplo do Galiléia, fazendo com que ele fosse convidado como presidente de honra da Liga de Sapé e como fundador da Liga Camponesa de Santa Rita na Paraíba.¹³

Também para entender melhor a circulação das idéias entorno desse movimento na Paraíba é importante notarmos a influência das Ligas Camponesas de Pernambuco sobre as demais regiões como no caso da Paraíba. Uma vez, que Maria do Socorro Rangel enfatiza que um elemento importante nesse contexto, foi às notícias que chegavam do Recife, sobre a luta dos foreiros do Engenho Galiléia. Pois em 1955 esses foreiros haviam criados uma associação de ajuda – mutua para amparar os doentes, enterrar os mortos e para o pagamento das dívidas dos foreiros. Através da atuação do advogado Francisco Julião que os representava a frente da assembléia legislativa de Pernambuco. E também a pedido dos foreiros do Galiléia, Julião havia registrado em cartório a associação, com o nome de Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco. Além disso, havia acionado a justiça para defender, com base na lei do inquilinato e do direito de permanência dos foreiros no engenho; promovia na Assembléia Legislativa o debate sobre a necessidade da reforma agrária; e organizava passeatas pelas ruas do Recife, com camponeses daqueles e de outros engenhos, entre outras iniciativas que tinham a intenção de dar visibilidade

¹³ RANGEL, Maria do Socorro. **Territórios de Confronto**: Uma história da luta pela terra nas Ligas Camponesas. In: LARA, Sílvia Hunold; MENDONÇA, Joseli Maria Mendonça. **Direitos e Justiça no Brasil**. Campinas/SP: Ed. UNICAMP, 2006. p. 470-471.

aos conflitos que disseminam na zona canavieira a angariar apoios para as reivindicações dos foreiros.¹⁴

Por isso Francisco Julião se encontrava na solenidade da Fundação da Liga Camponesa de Santa Rita no brejo paraibano, devido em grande medida a repercussão ao auxílio que ele havia dado aos foreiros do Engenho Galiléia pela imprensa naquele período fazendo que ele fosse convidado a ser presidente de honra da Liga Camponesa de Santa Rita. Mas, que entre tantas falas sobre esse movimento não encontramos nenhuma nota que mencione nome de João Pedro Teixeira e registre os seus atos e gestos que afirme então a sua atuação e presença, assim como também uma declaração dele ou uma frase de apoio aos camponeses da Liga Camponesa de Santa Rita. Mas, o que justifica tamanho silêncio em torno de João Pedro Teixeira neste momento? Uma vez, que tento fazer uma pequena cartografia sobre a sua atuação antes da sua morte, através de matérias que poderia nos contar um pouco da sua atuação. E do qual poderíamos nomear o começo da sua história como herói camponês dentro da história das Ligas Camponesas. O silêncio que se instaurou entorno, da atuação de João Pedro Teixeira neste período se justifica pelo fato, dele não ter sido morto e por não ter sido ainda capturado por nenhuma maquinaria discursiva, pois ele não havia sido inventado como herói e também não havia sido colonizado para ser herói. Mas enquanto não acontece a sua captura pelos discursos as Ligas Camponesas continuam a crescer na Paraíba como podemos acompanhar através do “Jornal A União”.

Pois no dia dez de setembro do ano de mil e novecentos e sessenta, o “Jornal A União” registra que em meio a um clima euforia, que estava tomando “vulto” no Estado da Paraíba, o trabalho organizado dos camponeses, através das associações que teriam por finalidade prestar assistência Jurídica para defesa dos pequenos lavradores como já estava acontecendo em algumas localidades de Pernambuco, em face das suas difíceis condições e de relações de trabalho no

¹⁴ RANGEL, Maria do Socorro. Op. Cit. p. 470 - 471.

campo. Como podemos observar através de uma informação sobre a Liga Camponesa de Sapé no ano de 1960,

A organização camponesa pioneira e a de Sapé fundada em agosto de 1958. Conta hoje com 2000 associados vem mantendo intensa atividade arregimentação e assistência aos seus integrantes tendo obtido já expressivas vitórias nas lideranças em defesa dos assalariados reдеiros, sitiantes e pequenos proprietários.¹⁵

A fonte nos informa sobre a Liga Camponesa de Sapé, o seu número expressivo de pessoas que aderiram ao movimento e, sobretudo ao seu caráter político de organização e as suas conquistas em defesa dos trabalhadores. Mas, no entanto pouco nos informa sobre João Pedro Teixeira e da sua luta e dessa maneira não obtivemos notícias do “nosso herói”, as matérias do Jornal “A União” escrevem sobre as Ligas Camponesas de Sapé, não menciona nada sobre ele. Dessa maneira, não conseguimos obter uma informação sobre João Pedro Teixeira, pois não conseguimos nem saber se ele ainda é o vice- presidente da Associação dos Trabalhadores Rurais e que no momento já estava sendo chamada de Liga Camponesa de Sapé. Sendo assim, não podemos saber da sua luta ou das suas conversas e poucos menos dos seus projetos e das suas negociações entre os espaços de poder.

Portanto, mais uma possibilidade de encontrar com João Pedro Teixeira através das escrituras não aconteceram, uma vez que nesse momento ele não havia sido capturado pelas palavras e tão pouco seu corpo havia sido tomado por signos que conferia a ele formas e sentidos. O “nosso herói camponês” ainda não foi colonizado pela escrita e nem tão pouco teve o seu tornado um corpo manifesto em função da luta no campo. Assim, passando alguns meses chegamos a partir do “Jornal A União” finalmente ao dia doze de dezembro de 1960 nos deparamos com uma matéria que narra mais um conflito no campo e que, sobretudo ele acontece na cidade de Sapé. Através dessa matéria, mais

¹⁵ Jornal A União. João Pessoa, 10 de Setembro de 1960.

uma vez se instaura a possibilidade de encontrarmos com ele, através das palavras que foram escritas sobre ele.

Essa matéria foi escrita para destacar os conflitos de trabalhadores rurais na cidade de Sapé é colocada para os leitores com o seguinte título de destaque “Em Sapé, ‘O direito é pau’ – os lavradores resistem à pressão dos donos da terra”¹⁶. A tônica desta matéria era fazer uma denúncia que ao mesmo tempo ironizava o “estilo violento” dos latifundiários de Sapé como colocou a matéria, em particular os “feudos” dos Ribeiro, como eles chamavam na linguagem da época. Pois a palavra feudo é acionada nos textos durante esse período, não apenas no sentido de nomear uma grande extensão de terra mais também colocar como um espaço atrasado quando as relações de trabalho em que o latifundiário era colocado como um “senhor absoluto” em alusão ao antigo sistema feudal da Idade Média européia.

Segundo, a mesma matéria havia ocorrido naquele “feudo”, uma nova vítima do conflito entre camponeses e latifundiários. A vítima tratava-se do agricultor João Inácio Pereira, que sob ameaça de armas, havia sido obrigado a assinar os recibos de venda das suas benfeitorias por uma indenização que seria quatro vezes inferior ao preço real da lavoura. Essa matéria de jornal registrou também a passagem, em na sua redação de quatro lavradores de Sapé, José Hirgino da Silva, Severino Joaquim de Santana, Antonio Estevão Borges e a vítima. Onde nesta ocasião se encontravam na redação do jornal “A União” as autoridades para escutar as reclamações e tomar as devidas providências. Essa fonte também nos conta que os lavradores estavam sob a orientação do jornalista e advogado Joaquim Ferreira Filho. Mas, no entanto podemos perceber que João Pedro Teixeira não foi citado e nem estava presente nesta redação, dessa maneira o seu corpo ainda não apropriado e dado sentido pelas palavras para ser um herói camponês. Como não estava presente não se registrou nenhuma fala e nenhum gesto produzido por ele. Onde estaria o futuro “herói”? E mais uma vez,

¹⁶ Jornal A União. João Pessoa, 12 de Julho de 1962.

um encontro com João Pedro Teixeira não aconteceu através da documentação da imprensa na Paraíba.

Na impossibilidade de um encontro com João Pedro Teixeira, podemos notar que o movimento do qual fazia e que era chamado naquele momento de Ligas Camponesas ainda não se constituía na Paraíba como problema. Onde notamos que esse movimento na Paraíba durante os finais da década de 50 do século, ainda não era um problema para o governo do Estado da Paraíba e, sobretudo o seu discurso não privilegiava a questão agrária no Estado, pois o problema era a seca, sendo esse mesmo problema explorado pelo governador da época. Como nos esclarece Araújo, quando afirma em seu trabalho que os anos de 1958 e 1959 havia sido marcado por uma forte estiagem na Paraíba, o que acabou por tornar o cenário propenso às engenhosidades do poder administrativo do governo de Pedro Gondim, devido à prática da promoção política à custa das necessidades da população, recorrente na cultura local. Sendo nesse período que o governador Pedro Gondim começa a construir uma imagem de grande benfeitor encarnando a imagem que forjara para si como governador populista na Paraíba, com um discurso assertivo voltado para os mais humildes, o que tornou nesse período uma fértil opção para obter apoio e votos populares, possibilitando assim, a sedimentação de campanhas e carreiras políticas sobre tais enunciações e práticas. A massificação desse discurso sobre a seca e pobreza nesse período da região Nordeste, acabou por contribuir para a da criação da SUDENE, ano de 1959.¹⁷

Dessa maneira se justifica a grande abertura que os movimentos do campo tiveram nesse período na imprensa paraibana, sobretudo em um órgão estatal que foi nesse período o Jornal "A União". Que era usado como parte de uma engenhosa maquinaria a fim de produzir uma imagem populista do governo durante esse período, pois podemos notar que mesmo esse jornal sendo um órgão da imprensa estatal da uma ampla cobertura aos problemas da população

¹⁷ ARAÚJO, Railane Martins. **O Governo de Pedro Gondim e o Teatro de Poder na Paraíba: imprensa, imaginário e representações (1958-1965)**. João Pessoa: Dissertação de Mestrado em História: UFPB, 2009. p. 30.

em geral nesse período e, sobretudo os camponeses como no caso que vimos anteriormente do agricultor João Inácio Pereira.

E, sobretudo porque a cobertura do caso do agricultor João Inácio Pereira não parou naquela matéria, acompanhamos a sua história através da coluna “Mais Uma”, onde colocam algumas indagações como “o que havia ocorrido com o modesto camponês casado?” e que ainda mantinha sua mãe de oitenta e oito anos. O jornal “A União” justificava essas matérias no sentido que a cobertura dos conflitos no campo de grande repercussão não era apenas um testemunho dos companheiros do campo das arbitrariedades rotineiras que ocorriam na área da Várzea sob o jugo da aristocracia Ribeirinha, era também uma forma de denunciar as injustiças e cobrar medidas das autoridades. Dessa forma temos acesso à matéria que cobre o conflito com João Inácio, e que é colocada pelo Jornal “A União” da seguinte maneira:

João Inácio trabalha há tempo na usina santa Helena. Para seu sustento, cultivou aproveitando o bom inverno deste ano... Agora quando a lavoura está no ponto de ser colhida, João Inácio é intimada a vendê-la por 3 contos de reis. Só o cara vale isso, afirma. A roça toda ficaria bem vendida por 12 contos. Mas o pobre não tem direito na Várzea. A “casa grande” já fixaria a indenização 3 contos. Nem um tostão a mais. O caboclo, inspirado na reação dos outros camponeses através da associação dos lavradores de sapé, resolveu resistir. De surpresa, viu sua casa assaltada. O Dr. Aluísio, o capitão (de mato) Otacílio e João Honório, armados de revólveres, levaram no prezo até a uzina. Ali o “recibo” foi batido e assinado. Estava encerrado a “operação”.¹⁸

A cobertura do caso de João Inácio teve um grande destaque juntamente como a de outros camponeses como no caso de João Honório. Uma vez que essas matérias foram veiculadas amplamente em matérias semelhantes, como podemos observar na escrita do caso de João Honório que é veiculada a partir do seguinte título o “Direito é Pau”:

João Honório prometeu reagir contra o espólio. Mas o feitor da usina, Severino Barbosa, ameaçou-lhe com novas violências: “pode procurar suas associações, seus advogados, seus protetores. O direito aqui é pau; estou acostumado em dar em homens”.

Joaquim Ferreira levou os camponeses até a assembléia, relatando o caso ao Presidente do Legislativo. O secretário do interior também foi

¹⁸ Jornal A União, João Pessoa, 12 de dezembro de 1960.

visitado pelos lavradores, bem com o chefe de polícia... Depois de espoliado só lhes "restam os calos na mão e o testemunho dos vizinhos para dizer que o meu trabalho vale mais de 3 contos."¹⁹

Entre tantas matérias que cobrem os conflitos entre latifundiários e camponeses no campo, não conseguimos encontrar com João Pedro Teixeira. Saímos em busca da sua atuação como líder camponês através de uma documentação, e nela percorremos os anos 59, 60 e 61 para nos encontrarmos com um gesto da sua atuação que nos fosse visível. Mas o que encontramos até agora são notícias das solenidades e confrontos de camponeses que em alguns momentos são denominados camponeses, lavradores e trabalhadores. No entanto, é possível perceber que essas matérias da imprensa paraibana não estão apenas relatando o dia ou denunciando violências praticadas por latifundiários contra seus trabalhadores. Tais matérias funcionam como uma maquinaria desejava a produzir territórios de confronto, que se constituíram na década de sessenta como um problema a ser resolvido ou mesmo a ser combatido como nos coloca o sociólogo Cezar Benevides na década de 80,

Nesse processo de participariam políticos, intelectuais, jornalistas e outras lideranças. Com um trabalho de doutrinação sistemático, os camponeses passaram a ter outra visão da realidade política e se situaram com o realismo na hierarquia do processo produtivo. Igualmente compreenderam que constituíam a sobra do corpo político do Estado. Sobra equivalente a verdadeira massa da manobra a serviço da classe dominante, sem maior sensibilidade para sentir os seus problemas, nem perspectivas para compreender a dinâmica das transformações daquele momento histórico.²⁰

Como colocou Benevides a participação ativa desses participantes na medida em que eles divulgavam tanto os problemas do campo quanto as soluções para esse problema, e com isso acabavam por promover duas leituras quanto ao movimento naquele período. Uma, que é marcada pela luta dicotômica entre camponeses e latifundiários e pelas notícias de violência entre os dois. E, outra que se escreve ao mesmo tempo e mostra esse mesmo tempo como o lugar

¹⁹ Idem.

²⁰ BENEVIDES, CEZAR. **Camponeses em Marcha**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. 1985. p. 44.

de possibilidades futuras, como uma abertura para um novo mundo regulado pelo direito.

Sendo que, para isso, os camponeses deveriam ser educados para olhar para futuro enxergando nele a promessa de uma vida melhor. Por isso, a escrita que traz o camponês como temática nessa época tem como função servir de agenciamento a produzir confrontos e desejos, uma vez que essa escrita também tem como função constituir ou mesmo tentar produzir outra sociedade, indicando os caminhos a serem seguidos como forma de se chegar a esta outra sociedade mais igualitária. E um dos veículos que foi usado durante nesse período foi imprensa, provendo a circulação dessas idéias, como ocorreu em outro momento histórico no Brasil, mesmo quando sabemos das grandes diferenças quanto ao fato dos objetivos da política midiática do Estado Novo colocada no governo Vargas nos anos trinta. Mas, o fato é que podemos notar, que através desse outro contexto como também em outro espaço notamos a importância da imprensa que atuou para mostrar novas formas de pensar e projetar outra sociedade, como no caso do Estado Novo que pensou outra sociedade pelo projeto da eugenia e na constituição de uma sociedade do trabalho²¹.

E que para isso a imprensa assim como outros aparelhos midiáticos foi apropriada de forma direta, como nos colocou o historiador Alcir Lenharo acerca do uso dos desses aparelhos e da sua importância na promoção de outras formas de subjetividades,

Revistas, temas, personagens, situação escolhidas... de fato não se trata de mera coincidência o aparecimento de revistas especializadas em saúde, higiene, educação física no final dos anos 30. O corpo está na ordem do dia e sobre ele se voltam às atenções dos médicos, educadores, engenheiros, professores e instituições como exército, a igreja, a escola, os hospitais. De repente, toma-se consciência de que repensar a sociedade para transformá-la passava necessariamente pelo trato do corpo como recurso a alcançar toda a integridade do ser humano.²²

²¹ Cf. O terceiro capítulo "A militarização do corpo" e o quarto capítulo "Preconceitos do sangue" da obra: LENHARO, Alcir. **A Sacralização da Política**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Papyrus, 1986. p. 75 – 138.

²² LENHARO, Alcir. **A Sacralização da Política**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Papyrus, 1986. p. 75

Esse pequeno retalho da tessitura do trabalho de Alcir Lenharo, fica visível a importâncias da imprensa quanto a sua apropriação para uso político. Onde se constituiu como maquinarias discursivas, quando foi apropriada e quando foi colocada a serviço do Estado Novo como parte de sua estratégia política para produzir novas formas de subjetividade, produzindo ou mesmo tentando alcançar dessa maneira em prática outra forma de sociedade durante a política varguista do Estado Novo no Brasil. Por isso, notamos, mesmo em outro espaço e tempo distintos, quanto ao uso parecido da imprensa paraibana, que foi tomada como parte de uma estratégia política, para repensar ou mesmo produzir outra sociedade durante o final da década de cinquenta e início dos anos sessenta. É esse momento que podemos assistir a construção da imagem do herói camponês através da captura de João Pedro Teixeira por uma economia escriturística que vai capitalizar o seu corpo pelo discurso investindo sobre ele signos de heroísmo como coragem e humildade para com os seus companheiros, sendo dessa forma colonizado para ser um símbolo de identidade para os outros camponeses, como também para ser uma forma de projetar por meio da imagem do herói camponês, outra sociedade desejada e para que ela seja também alcançada.

Dessa maneira podemos continuar ainda a nossa insólita viagem em busca do camponês a ser heroificado. Partimos então, em direção ao dia treze de janeiro de mil e novecentos e sessenta e um, e através dessa matéria que havia sido publicada nesse dia temos acesso a mais uma notícia da cidade Sapé, ou seja, nas terras do “nosso herói” camponês e com isso se instaura mais uma possibilidade de encontrarmos com João Pedro Teixeira através dessas matérias dos jornais. A possibilidade desse encontro se instaura faz através de uma matéria que anunciada com letras em negrito e continha em sua primeira página, os seguintes títulos “Camponeses Espoliados em Sapé”, juntamente com uma sequência de sub - título “Derrubada de fruteira e residências – Impera a lei do latifúndio – Protesto das Ligas Camponesas”²³.

²³ Jornal A União, João Pessoa, 13 de Janeiro de 1961.

Através dessa matéria podemos acompanhar em síntese a narrativa de mais um protesto feito pela Liga Camponesa do município de Sapé através do Jornal "A União", ao denunciar através desse jornal que na Fazenda Nossa Senhora de Lourdes trabalhadores e moradores até com 14 anos de serviços teriam tido seus direitos espoliados pelo administrador José Carlos que a mando das ordens dos seus "superiores" comandou a depredação das fruteiras das 34 famílias em pleno período de sua safra. Essa matéria nos informar que esses moradores também tiveram parte de suas residências destruídas, e que ao fim o administrador exigiu a imediata retirada dos rendeiros da terra sem nenhuma indenização.

Logo após essa matéria nos deparamos com outra, um pouco semelhante á anterior e que foi escrita também pelo Jornal A União. Essa matéria denuncia que mais uma violência havia ocorrido contra camponeses, onde o fato se deu nas terras do açude da mata nas proximidades de Sapé, onde cerca de cem homens as véspera de "um novo" e possível inverno ficaram impossibilitados de plantar, passando a serem exclusivamente trabalhadores assalariados, uma vez que iriam ficar sem as suas colheitas que eram uma fonte de economia a parte. A mesma fonte ainda nos informa que na fazenda de dona Raimunda, mais sessenta foreiros estavam ameaçados de serem expulsos da terra por não concordarem em assinar um documento imposto pela proprietária do latifúndio. Depois desse caso, chegamos à última denuncia que é registrada pela Liga Camponesa de Sapé na imprensa. Tratava-se de "Seu Joaquim Manuel Alves" que havia prestado ao Sr. Renato Ribeiro cerca de 30 anos de trabalho, e que, no entanto, acabara de ser dispensado de suas funções sem receber nenhuma indenização pelos longos anos de trabalho prestado a esse latifundiário²⁴. A matéria é concluída com seguinte justificativa para os protestos:

²⁴ Jornal A União, João Pessoa. 13 de Janeiro de 1961.

Os camponeses não querem a terra de ninguém. Desejam somente o que o direito lhes dá: plantar pagando honestamente, ser monetarizado quando suas benfeitorias forem destruídas. Querem apenas o direito de viver – concluem os camponês.²⁵

Ao fim dessa matéria uma pergunta se impõe: A onde estava João Pedro Teixeira que no momento desses acontecimentos não estava presente e nem tão pouco teve a sua opinião capturada pela imprensa no momento da escrita dessa matéria. Como não conseguimos ainda encontrá-lo com o fim desta matéria só nos resta à insatisfação por mais um encontro perdido com João Pedro Teixeira e pelo fato de não termos chegado a nenhuma informação sobre ele, uma vez que tivemos acesso não tivemos acesso um resmungo ou um tís seu que coubesse um registro sobre esse camponês.

Depois desse encontro frustrado, passei um grande número de páginas e conseqüentemente alguns meses também, mas até que fim uma nova possibilidade de encontrarmos com João Pedro Teixeira através de alguma matéria que comente algo sobre ele, durante a sua vida. Então, depois de pularmos alguns meses entre páginas e matérias de jornais chegamos a mais uma notícia sobre a cidade de Sapé e uma nova tentativa de encontrá-lo se constitui perante os meus olhos. Dessa vez, através de uma matéria que foi escrita pelo jornal “A União” no dia vinte de novembro de mil e novecentos e sessenta e um, e que informar aos leitores desse jornal que Damásio França havia levado as Ligas Camponesas para o cinema através de uma matéria que é escrita com o seguinte título “Damásio levou ao cinema as Ligas Camponesas”.²⁶

Essa matéria é escrita pelo Jornal A União de forma eufórica, para nos contar sobre a estréia de Damásio França como cinegrafista e que, no entanto já era um fotógrafo consagrado. E que havia trazido para as telas o mais palpitante problema do nordeste as Ligas Camponesas tendo como foco o município de Sapé, onde morava João Pedro Teixeira, o camponês que iria a ser o herói

²⁵ Idem.

²⁶ Jornal Correio da Paraíba. João Pessoa, 23 de Novembro de 1961.

camponês. O filme é então descrito pela “A União” como um breve e expressivo documentário por apresentar um grupo de camponeses que estavam empenhados em reconstruir a cerca do roçado de um companheiro que há dias antes havia sido derrubada a mando dos donos da terra; além desse registro há segundo a fonte cenas em “close-up” da invasão de um capanga a casa do camponês, como uma forma também de registrar o que estava se passando no nordeste naquele período diante da emergência das Ligas Camponesas.

O resultado foi tão bem sucedido que o Sr. Damásio França pretendia depois desta primeira tentativa. Fazer outro filme de curta metragem sobre as Ligas Camponesas, como forma de ampliar a exploração do tema pelo cinema, como nos informa o próprio “Jornal A União” sobre a produção de um filme sobre as Ligas Camponesas. E ao final da matéria ele deixa um aviso ao público: em brevemente o “Short” (curta metragem) de Damásio será exibido na cidade de Sapé e nas cidades sedes das Ligas Camponesas.²⁷ Certamente não podemos atender os apelos do jornal e aguardar a exibição deste pequeno documentário, pois já se passaram longos quarenta e nove anos, e podemos até levantar à hipótese de que ele nem exista mais.²⁸ E mais uma vez, só nos resta à impossibilidade de não encontrarmos João Pedro Teixeira mais outra vez. Mas, podemos observar que o pequeno filme foi produzido em Sapé e que, no entanto, não há também aí nenhum registro ele quanto há um gesto ou mesmo uma ação da sua luta.

Em busca do início da história de João Pedro Teixeira como um camponês a ser heroificado, fixei como primeiro ponto o dia 03 de abril de 1962, ano da morte do líder camponês como também é começo da sua fabricação como o herói camponês, uma vez que o seu corpo começou a ser escrito a partir deste momento. Mas, na tentativa de construir uma cartografia desse herói, parti então

²⁷ Idem.

²⁸ Durante as pesquisas que realizei nos inúmeros arquivos na Paraíba, não encontrei mais detalhes sobre esse filme e nem tão pouco uma cópia desse pequeno documentário.

em busca das “raízes” da sua história e voltei para o ano 1958 quando uma fonte mencionou o seu nome quando João Pedro foi nomeado como vice – presidente da associação dos trabalhadores de Sapé, e nesta fonte obtive acesso apenas a sua aparição infame e muda nesta fonte de Jornal.

Depois desse encontro fugaz ao ano de 1958, logo pulei para o ano de 1959 em Sapé, que se instaurou como uma tentativa de um novo encontro com João Pedro Teixeira. Mas, que logo após percorrermos um cipoal de fontes desse ano, não o encontramos. É mais uma vez não conseguimos encontrá-lo, dessa maneira passamos muitas linhas desse texto na busca incessante por um encontro. Mas, com o ano de 1960 um novo caminho se fez e uma possibilidade de encontrá – lo se instaurou. E assim, chegamos à notícia de um conflito em 1960 e mais uma vez não encontramos com o futuro herói camponês. E por fim na tentativa de construir uma cartografia de heroísmo de João Pedro Teixeira chegamos a uma matéria sobre a vinda de Damásio França na ocasião em que fez um filme de curta metragem sobre as Ligas Camponesas em Sapé, que anunciava o lançamento de um pequeno filme poderia ter sido a possibilidade de um encontro João Pedro Teixeira, mas que, no entanto não aconteceu. E o silêncio se edificou diante do seu nome se fez presente como também aos feitos da sua luta entre os anos cinqüenta e ao início da década de sessenta.

Mas, por que a busca desse encontro com João Pedro Teixeira? Este movimento que foi feito em busca de João Pedro Teixeira, sobretudo em busca de alguns contornos de uma escrita que poderia o configurar como um herói antes do ano de 1962, mas que, no entanto o efeito foi ao contrario acabou por delinear uma pequena cartografia não de encontros com ele, mas de desencontros com o próprio, ou melhor, com as fontes que falavam sobre ele. Sobretudo, porque o fato de não encontramos com João Pedro Teixeira por meio das matérias da imprensa, significa que a sua existência como herói camponês começa após a sua morte quando foi assassinado ao ano de 1962, quando acompanhamos

através da imprensa na Paraíba em grande medida o surgimento de uma memória de luta, que nos passa a idéia de uma memória anterior a sua morte quanto aos seus feitos, mas que após uma incursão entre as fontes não há encontramos.

Esses desencontros com João Pedro Teixeira se constituíram em um capítulo desse trabalho no sentido que esses desencontros foram experienciados e vividos por mim no decorrer da pesquisa nos tempos em que eu era um historiador do supra-histórico, aquele como diria Michel Foucault, que tenta chegar a uma origem primeira. A busca pelas origens, ou seja, na busca pelos seus fundamentos faz parte de uma tradição de se escrever a história que nas últimas décadas esta sendo posta xeque quando assistimos aberturas para se pensar uma história não construída não a partir das causas mais dos começos. E nisso se insere a lógica da escritura desse trabalho a partir do seu começo e não da sua origem. E dessa maneira superei os momentos das primeiras decepções, mas que logo foram superadas com as alegrias das possibilidades de que “os começos de se pensar a história” e que nos permite escrever uma história nos dias atuais do ofício do historiador.

Assim superadas as primeiras formas de pensamento de uma história sobre João Pedro Teixeira, que foi marcada pela busca restituir uma origem primeira para as suas lutas, já que eu buscava neste momento uma origem fenomênica para a sua história. E, sobretudo, buscava saber seus conflitos ou mesmo a hipótese de um resgate de uma história desse camponês que o colocava como um protagonista, ou seja, as lutas diante do que a vida o impunha e de como ele jogava com mil maneiras no território dos latifundiários como nos inspirou a pensar o historiador Michel de Certeau a cerca das astúcias em sua obra a “Invenção do Cotidiano”.²⁹

²⁹ Um pouco sob as artes de trampolinagem e astúcias anônimas dos heróis comuns. Cf.: CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. 1. Artes de Fazer. 7ª Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002. p. 37-53.

Não sendo possível pensar a fabricação dessa história, logo podemos começar uma nova viagem que não busca mais o homem anterior ao herói, mas o começo mesmo da fabricação de sua heroificação. O território de investigação de início será o mesmo: um conjunto de matérias retiradas das folhas esmaecidas e mofadas dos jornais da imprensa paraibana, assim como também os artigos dispersos, memoriais e como também trabalhos científicos para a construção dos outros capítulos. Então, vamos continuar a nossa insólita viagem para discutir o começo da história desse herói para encontrá-lo em meio a esses diversos territórios de escrituras que emergem como um acontecimento em tempos e lugares diferentes, logo após o dia três de abril de 1962.

Por isso é partir do dia três de abril do ano de 1962, recomeçamos mais uma vez essa história, e nisso puxamos os primeiros fios da trama que formaram a imagem de herói emblemático dentro das histórias que foram escritas sobre as Ligas Camponesas. E dessa maneira acompanhamos a ação dos primeiros fios que acionam a história de João Pedro Teixeira, que compõem e dão suporte a fabricação da sua imagem como o herói camponês. Então vamos para o outro cenário, para encontrar não com João Pedro Teixeira, mas com os enunciados que o fabricam com o herói, mas que antes ficamos com algumas quadrinhas em versos que foram construídas dentro da perspectiva de heroificá-lo após a sua morte. Como nos conta a fonte a cerca do dia da sua morte, e também com um aviso ao final que a “sua idéia não morreu”, uma vez que podemos afirmar que a memória que vai ser produzida para ele após a sua morte tem a função de restituí-lo para uma nova vida como um meio também de se chegar à outra sociedade traduzida na posse da terra, com o pão, na paz e com o agasalho. Onde as palavras que são escritas sobre o seu corpo têm a função de estabelecer caminhos a serem seguidos pelos outros. Que são construídos através de versos a primeira vista inocentes e desprovidos de interesses, quando não o são e sim

são peças de uma meticulosa maquinaria discursiva. Mas que por horas ficamos com o maquinário que esta sendo colocado em questão:

Havia tristeza e luto
quando o líder emudeceu
o asfalto tinto de sangue.

O vermelho das estradas
livros abertos no caminho
Era João Pedro. Morreu!

A tarde ficou viúva
A noite chorou orvalho
Nos olhos dos filhos orfãos
"Sono das Antas" acordou
Na madrugada do mártir:
Terra! Pão! Paz! Agasalho!

Hoje é o castigo do crime
Do fuzil que o abateu
É o fantasma nas uzinas
O medo na casa grande
É passeata nas ruas
Sua idéia não morreu!³⁰

³⁰ Jornal A União, João Pessoa, 25 de Abril de 1962.

2.

A TESSITURA DO HERÓI CAMPONÊS

Somente a partir de uma força suprema do presente tendes o direito de interpretar o passado: somente na mais intensa tensão de vossas qualidades mais nobres desvendareis o que há no passado digno de ser conhecido e conservado.

Friedrich Nietzsche

Ao dia três de abril de mil e novecentos e sessenta e dois, na cidade de João Pessoa, um Jornal de grande circulação da época vai informar a “todos” por meio de uma matéria, que havia sido escrita às pressas na noite anterior, sobre a morte de um líder camponês nas proximidades de Sapé. Essa matéria que foi escrita por Hélio Zenaide e Luiz Gonzaga tem a finalidade de informar aos seus leitores no Estado da Paraíba, sobre o crime que fora perpetrado contra João Pedro Teixeira. Sendo que esta mesma matéria, à medida que informa a “Paraíba”, começa também a escrever a memória do líder camponês que havia sido morto:

João Pedro Teixeira, líder atuante das Ligas Camponesas foi morto em emboscada e a tiros de fuzil, ontem à tarde, na entrada Café do Vento – Sapé. Voltava para casa, regressando de João Pessoa, levando cadernos e livros para seus filhos. Seu corpo, visto no hospital de Sapé, apresentava cinco ferimentos a bala, um em cima do coração, outro no peito direito e um na região glútea que a perícia supõe ter sido o primeiro disparo, além de mais dois no abdome.¹

Notamos que essa matéria tem como finalidade a sua nomeação como um corpo adjetivado do “homem atuante” dando início a sua fabricação através de memória de heroísmo e em seguida traz para os leitores uma descrição de como o seu corpo tinha sido alvejado por tiros que o levaram ao óbito, informando aos

¹ Jornal A União, João Pessoa, 03 de Abril de 1962. (Grifos Meus)

seus leitores como João Pedro Teixeira havia sido morto. E em outra matéria com o título “*Um Líder*” do mesmo Jornal e da mesma data, temos as primeiras informações sobre quem era João Pedro:

... Era o líder mais atuante das Ligas Camponesas, sendo um dos seus fundadores, pelo seu trabalho de esclarecimento dos camponeses foi escolhido como vice – presidente da federação das Ligas Camponesas, representando-a no último congresso de camponeses realizado em Belo Horizonte. Como líder apenas liderava sem a preocupação de se destacar dos companheiros. Morreu com cerca de 40 anos, deixando 9 filhos sendo que novo tinha poucos meses.²

Podemos ver que essas matérias que informam sobre o assassinato de João Pedro Teixeira começam a vazar entre as suas margens a emergência do herói camponês, na medida em que essas matérias dos jornais começam aos poucos a dizer quem era João Pedro e assim como também a edificar uma memória para o líder camponês encarnado como o camponês humilde que se lançou em defesa dos outros camponeses. Dessa forma, essa memória se cristaliza como sua história de vida, que é tomada como um plano de imanência que dará início à produção da sua imagem como herói camponês. Com isso, a sua vida passou a ser reescrita para construir por meio de uma história monumental a imagem de um herói exemplar, que servisse de modelo para outros camponeses em diversos momentos.

A sua memória é tomada ao início como um plano de imanência, porque é a partir dessa memória que João Pedro Teixeira é produzido como um monumento e que o reescreve para uma nova vida escriturária, tendo a função de ser um dispositivo de memória, ou seja, João Pedro é reescrito e fixada sobre a imagem do homem dedicado e humilde que apenas liderava sem se destacar dos seus próprios companheiros sendo um exemplo de humildade e dedicação aos seus companheiros. Fazer dele uma figura exemplar para os outros camponeses durante a década de 60 do século passado seria também fazer tanto da sua história de vida quanto da sua morte um monumento que funcione para os outros

² Idem.

como um dispositivo de memória, já que ele, escrito como um mártir e que lembraria no presente à história das Ligas Camponesas.

Com isso notamos que à medida que ele é instituído enquanto herói, ele passa, por meio dessa imagem que é produzida para ele, a ser uma figura identitária de líder camponês para os outros, já que ele é dito e escrito como um exemplo de vida a ser seguido por outros camponeses. Uma vez que essa mesma imagem é também um signo, que é construído para comunicar sentidos para outros, já que a instituição dessa história sobre João Pedro Teixeira o transforma em um exemplo de como deveria ser um líder camponês, marcado simbolicamente pela coragem, juntamente com a sua simplicidade e o extremo cuidado com os seus companheiros.

Dessa maneira, João Pedro passa a funcionar como um herói, a partir de um conjunto de matérias dos jornais da imprensa paraibana, matérias essas que se efetivam como sendo a sua história, mas podemos notar esse conjunto de matérias nada mais são do que um conjunto de memórias. Essas memórias se edificam como a sua história à medida que elas são revisitadas como lugares de verdade, já que elas são produzidas quando tomam como base sua própria história de vida, pois ela passa a ser apropriada como espaço para criação da figura do líder camponês exemplar e que se instituir como um mártir na história das Ligas Camponesas.

A trama das memórias que compõem esse lugar para João Pedro Teixeira se desenvolve também através do “Jornal Correio da Paraíba” podemos observar um movimento parecido no sentido de se produzir João Pedro Teixeira como herói. No entanto, diferentemente das outras fontes, ela não coloca a sua história de vida escrita em um fragmento, mas, passam a descrever o corpo de João Pedro Teixeira valorizando no seu corpo a figura masculina do herói, sobretudo o seu corpo forte, corpo comprido e sua cara de homem, diferentemente dessa fonte que foi colocada no início que dá destaque à figura do homem preocupado com o outro e que liderava sem grandes vaidades. Sendo assim, podemos perceber que o começo da fabricação de João Pedro como herói-monumento se

dá quando as matérias dos jornais passam a dar visibilidade à tragédia da sua morte, assim também quando passa a descrever o seu corpo³. Dessa maneira o Jornal Correio da Paraíba fala sobre João Pedro Teixeira,

... seu peito atlético ficou tão estragado, que à primeira vista não erraríamos em pensar que os latifúndios usaram foices em vez de fuzil, eu vi Pedro morto. Estava barbado, os olhos semi-abertos e vidrados, a fonte calva e luzida como se estivesse vivo, os lábios cerrados, a cara de homem, seu corpo comprido, crivado de balas e entornado de sangue parecia a imagem de Jesus morto.⁴

Outro movimento de escrita que vai contribuir para produzir a imagem de João Pedro Teixeira como herói, começa quando os jornais da imprensa aproximam sua história com as das imagens sacras do ocidente. Como no caso do uso da imagem de Jesus morto, como podemos perceber na coluna “Aconteceu” que foi escrita pelo jornalista Jório Machado que sai da sua posição de informante para também compor para si o lugar de testemunha ocular da história. Sendo que esse jornalista acopla o signo do homem forte e atlético, que se escreve nos padrões de masculidade da época, à imagem de Jesus Cristo que é acionada para estabelecer uma semelhança com a imagem de Pedro Teixeira no tocante a sua luta, pois assim como Jesus que morreu, segundo as narrativas da Bíblia, para libertar o homem do pecado, João Pedro Teixeira havia morrido, lutando para que um dia o homem do campo tivesse a sua terra e que por isso ele deveria ser um exemplo a ser seguido pelos outros.

Todo esse trânsito de escrituras em entorno da morte de João Pedro Teixeira tem como finalidade promover uma mobilização, devido ao grande número de pessoas durante o seu enterro, pois o seu corpo é escrito de início como um corpo manifesto ao trazer nele a encarnação e a imagem do movimento das Ligas Camponesas. Como foi também uma forma de conter a política do medo que começa neste período a ser colocada em prática pelos latifundiários da

³ Para melhor entender as estratégias das redes memórias que são operacionadas para construir os lugares de monumentalização para os sujeitos. Cf. DELGADO, Andrea Ferreira. **A invenção de Cora Carolina na batalha de memórias**. Campinas/SP: Tese de Doutorado, UNICAMP – IFCH, 2003, p. 339-394.

⁴ Jornal Correio da Paraíba. João Pessoa, 04 de abril de 1962.

Várzea, por isso João Pedro Teixeira foi agenciado como líder corajoso. O sociólogo Benevides expressa por meio do seu trabalho a imagem desse contexto da época no qual justifica o sentido de como ele foi colonizado ao início da década de sessenta,

Na Paraíba, a questão agrária partia na dianteira da competição que se desdobrou em freqüentes banhos de sangue envolvendo, de um lado, o campesinato e, do outro, as milícias particulares dos grandes proprietários rurais. Rompe-se a paz agrária mantida até então pela violência dissimulada dos senhores de terra e pela exclusão política e social dos camponeses.

Atuação das Ligas arrematando camponeses deslocou os vetores de poder do bloco agroindustrial, que, pressionado pela opinião pública, passou a agir na esfera do governo estadual no sentido de atenuar a luta de classes. A violência legitimou-se como única forma do grupo da várzea exercer o controle do campesinato paraibano. Foram os latifundiários os primeiros a colocar as baionetas na "ordem do dia" do movimento camponês.⁵

Dessa forma ao colonizar Pedro Teixeira em função desse momento e como uma estratégia política, podemos ver que a apropriação e o uso do acontecimento da sua morte marcam o começo da sua história e o seu nascimento em uma nova vida, porque é esse acontecimento que vai cortar o silêncio das páginas anteriores, demarcando de início uma explosão discursiva, e com isso começam a trabalhar a imagem do herói. Refletindo sobre o processo a construção do herói, Girardet⁶ enfatiza que todo o processo de heroificação implica, em outras palavras, em certa adequação entre a personalidade do salvador virtual e as necessidades de uma sociedade em um dado momento de sua história. Questão oportuna e que podemos observar no caso da construção da imagem João Pedro Teixeira como herói camponês que é investida de início como forma de enfrentamento contra o tido grupo da várzea da Paraíba.

A sua morte também se estabelece como a condição de possibilidade para que sua história seja produzida como também contada e recontada de diferentes formas, chegando, dessa maneira, a um único enunciado, que dá início à

⁵ BENEVIDES, César. **Camponeses em Marcha**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1985. p. 89.

⁶ GIRARDET, Raul. **Mitos e Mitologias do Político**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1987. p. 72.

naturalização da figura como o herói camponês. Podemos então passar para as fontes do seu enterro, a primeira que foi publicada pelo Jornal União tendo como manchete “Cinco mil camponeses foram ao enterro de João Pedro mostrar que a luta continua”⁷. E dessa maneira continua a matéria de manchete do Jornal A União,

Sem uma nota de desânimo, esperando um dia inteiro para acompanhar o corpo de João Pedro... Assassinato na tarde de segunda-feira, só ontem pela manhã espalhou-se pelos campos a notícia de João Pedro tinha morrido. Depois que a notícia correu mundo, pararam as enxadas de Miriri, Marau, Barra, Sobrado, Antas, Mamanguape, Guarabira, Santa Rita, homens, mulheres e crianças enchendo as estradas em busca de Sapé.

Na cidade de 9 da manhã até a hora do enterro, milhares de camponeses dividiram-se em aglomerações defronte o hospital, fazendo de cada uma um pequeno comício. Em todas elas o assunto era João Pedro e a curiosidade girava em torno das versões sempre várias, mas quase todos convergindo para um só nome: o mandante. A passagem do féretro ninguém ficou em casa, a multidão, tomando a avenida central, de uma calçada a outra, parando o cortejo frente a sede da Liga para última homenagem dos seus associados. Aí falou desembargador João Santa Cruz, diante do corpo de João Pedro. A beira do túmulo falaram Luis Bernardo, pelos trabalhadores da Paraíba; Hendrich Costa, pela UEEP; os deputados Raimundo Asfora e Osmar de Aquino e o presidente da federação das Ligas Assis Lemos. Para todos João Pedro foi líder, deixando com sua morte, o legado do sacrifício e da luta pela sobrevivência.⁸

Segundo essa matéria, a cidade de Sapé é o lugar para onde todos iam ou queriam estar em virtude do enterro de João Pedro Teixeira. Seu enterro é escrito e espetacularizado para ser um acontecimento para multidões diante da cobertura feita pelos jornais da época como a União, O Norte e Correio da Paraíba. No entanto, é importante notar que surge neste momento outro lugar: o lugar que dar início a colonização do corpo do morto, fazendo dele seu espaço de investimentos. Sua vida então passa a ser contada e recontada fazendo do seu corpo um palimpsesto, escrituras sobre escrituras. O corpo de João Pedro é produzido como um texto, como podemos observar no discurso do Deputado Estadual Raimundo Asfora que foi colocado pelo Jornal A União.

⁷ Jornal A União. João Pessoa, 04 de Abril de 1962.

⁸ Jornal A União. João Pessoa, 04 de Abril de 1962.

Não vamos enterrar um homem, vamos plantá-lo. Vede: os olhos de João Pedro ainda estão abertos. Eles viram muito, eles viram muito, eles viram quase tudo. Agora, eles continuarão ainda abertos, e nem a terra, que sempre viveu dentro deles, os fechará.

Pararam o teu coração. Sobre ele, trazias algumas cartilhas. O tiro de fuzil, ignóbil e covarde, num percurso diabólico, não apenas arreventou teu peito, mas despedaçou os sonhos de educação de teus filhos.⁹

A nova vida que é produzida pelas escrituras como base na retórica de Raimundo Asfora acaba por transformar o corpo de João Pedro Teixeira em uma árvore já que ele não seria enterrado, mas plantado como uma árvore a semear sementes futuras, assim como os seus olhos, pois a sua morte não os fechou, eles continuavam abertos, pois eles continuavam, segundo a mesma fala de Asfora, ainda mais abertos e assim, sobre este outro corpo que é produzido para João Pedro surge um homem teimoso que insiste em viver e ter uma nova vida e presença ainda pós-morte como antes em vida. No entanto, uma vida que é outra e que se multiplica:

.... Já se lembraram que camponês é como formiga, dá em toda parte, em cada roçado, em cada mata, em cada cercado, em cada moita? E que se as coisas marcharem para esse terreno, isso aqui pagará fogo de vez.¹⁰

Em outra fonte do “Jornal A União”, podemos observar outro gesto parecido com o da fonte anterior e que tem a mesma finalidade, a de preparar o corpo de João Pedro para a nova vida, uma vida escrita como líder exemplar onde ele é um homem teimoso que insiste em viver. Essa escritura quando toma o seu corpo é como tivesse o toque de Midas que transformava tudo o que tocava em ouro. No entanto, diferentemente do toque de Midas, o toque da escrita sobre o corpo dele tem a função neste momento de produzi-lo para uma vida escriturária em continuidade a sua anterior após a sua própria morte, escrita essa que se da em função de um momento histórico.

JOÃO PEDRO TEIXEIRA encarnava uma idéia, um programa, uma reivindicação justa, humana, inadiável. Sobreviverá, pois a truculência,

⁹ Jornal A União. João Pessoa, 04 de Abril de 1962.

¹⁰ Jornal Correio da Paraíba. João Pessoa, 05 de abril de 1962.

ao cacete, a violência ou bala a de fuzil. Os criminosos perderam o seu tempo e avivaram a fogueira **JOÃO PEDRO** viverá; e vencerá.¹¹

Com letra em caixa alta escrita em negrito que parecem expressar o desejo do escritor desse Jornal a colocar João Pedro Teixeira para uma nova vida, mediante aos seus fortes apelos “**JOÃO PEDRO** viverá; e vencerá”. Essas narrativas unidas pelo mesmo estilo e desejos vão criar uma unidade, para produzir João Pedro como um corpo escrito tendo como resultado dessa maquinação a imagem de líder-monumento já que todas essas matérias são escritas para que todos o vejam e possam também se inscrever em sua história. Seu corpo emite signos de desejos dos escritores que desejam acionar uma subjetividade que permitisse a identificação dos leitores com sua história.

Por isso, não basta escrever uma única matéria de jornal. A mesma notícia sobre a morte de João Pedro foi dita e reescrita de diferentes formas em direção a um único ponto, para edificar a sua imagem de homem exemplar tornado memória como o herói camponês. Sendo assim, podemos ir novamente para o processo de fiação do herói e explorar um pouco mais a tessitura de sua composição.

Como no caso da tessitura do escritor Juarez da Gama Batista que foi um dos editores do “Jornal A União” e responsável pelo aprimoramento literário desse jornal no governo de José Américo de Almeida durante o início dos anos cinquenta¹². Ele também tomou João Pedro Teixeira como espaço da sua escrita em coluna escrita no “Jornal A União” sob o título de “As vinhas da Ira”. Assim, podemos passar para a matéria e irmos ao encontro do corpo escriturário de João Pedro, já que ele é constituído e tomado por palavras. Dessa forma, a coluna começa:

Um tiro ecoou: ontem – ontem, dentro da noite fechada do campo no município – mártir da Paraíba. Foi um tiro de fuzil. Um relâmpago de morte cortou os escuros daqueles ermos. Caiu morto um pobre

¹¹ Jornal A União. João Pessoa, 04 de Abril de 1962. (Grifos e da própria fonte)

¹² ARAÚJO, Fátima. *História e Ideologia da Imprensa na Paraíba*. João Pessoa: Cia Editora, 1983. p.110.

camponês. Foi um balaço que varou a Paraíba inteira um estrondo que ainda que ainda está nos ouvidos mais sensíveis. E doeu como um acoite na face de um Estado já tantas vezes dessangrado por tantas desmandos, por uma tal audácia sem freios, por tantas crimes sem julgamentos e sem castigo.¹³

Notamos que para o escritor Juarez da Gama não bastava falar do impacto do acontecimento da morte de João Pedro Teixeira sobre as pessoas. Era preciso ir mais além: dar sentimentos a lugares e também falar por eles, sendo que para isso, da Gama acabou por colocar o Estado da Paraíba como um corpo vivo que sentiu a morte de João Pedro. No entanto, é preciso notar que da Gama ao colocar a Paraíba como um corpo que sente emoções conferidas a humanos, ele está traçando uma estratégia política com a sua espetacularização para que o crime que ocorreu com João Pedro não ficasse delimitado ao espaço de Sapé. Era preciso que toda Paraíba sentisse, falasse e se indignasse com o assassinato do líder camponês.

Juarez da Gama quando atribuiu ou mesmo conferiu "sentimentos aos lugares", ao colocar características humanas aos lugares ele estava traçando uma estratégia política para subjetivar os outros. Para que então os leitores do Jornal A União das outras cidades da Paraíba se indignassem com a tragédia de Sapé, já que João Pedro é escrito no primeiro momento como um corpo manifesto, que deveria ser lido e ao ser lido o leitor se escrevesse na sua história, assumindo também relação com as Ligas Camponesas.

Por isso, a maioria dos colunistas da imprensa paraibana, tantos os envolvidos quanto os simpatizantes das ideias colocadas pelas Ligas Camponesas, se sentiram convidados e autorizados a falar como também e escrever as matérias sobre João Pedro Teixeira, o que resultou na espetacularização da sua morte. Escreveu-se sobre a morte de João Pedro para que as pessoas a assumissem de imediato para si, inscrevendo-se no lugar de indignação com relação ao seu assassinato, como também para que as pessoas

¹³ Jornal A União, João Pessoa, 04 de Abril de 1962.

participem dos movimentos que estavam sendo organizados em protesto contra a morte de João Pedro Teixeira.

A cidade de Sapé já não tem mais olhos para chorar os seus mortos. Sua rua principal transformou – se na via dolorosa por onde seguem os ataúdes, puxando o côro das lamentações das viúvas e dos órgãos da barbárie sanguinária. O luto povoa a cidade de meninos pretos. E sape e hoje o burgo mais triste do Brasil.¹⁴

Juarez da Gama também recontou mais uma vez como João Pedro Teixeira foi assassinado. No entanto, escreverá sua história por outro olhar, diferentemente das outras fontes que já foram citadas, e que o colocaram como um exemplo de líder para os outros camponeses, ou mesmo quando destacaram em João Pedro Teixeira características físicas, como cara de homem, corpo atlético e corpo comprido entre outras formas. Esta outra ótica promoveu outra leitura sobre o corpo do líder, ela transformou João Pedro em um homem humilde. Como justificativa construída por esse escritor tem-se a negação do sobrenome de João Pedro, que é “Teixeira” e depois ele colocou que o líder não havia morrido já que os “mortos são rijos e irrecorríveis”.

Chamava-se João Pedro, o camponês emboscado, o homem que se esvaiu em sangue, estraçalhado pela arma terrível, na tocaia noturna. Nome de gente simples e humilde gente do campo sem direitos si quer a *sobrenome*, esse de João Pedro, a quem terminaram por negar até o direito de continuar vivo, lutando para sobreviver. Das suas mãos rolou pelo chão um pequeno embrulho, na hora do impacto traiçoeiro..... João Pedro não entregou aos filhos os livros que levava para eles. Mas os mortos são rijos e fortes irrecorríveis. Não mudaram. Estão silentes e compenetrados, muitos sérios.¹⁵

Esta coluna também recebeu elogios no Jornal A União pelo promotor Aurélio de Albuquerque, que neste jogo de enunciação coloca a crônica de Juarez da Gama como:

...uma crônica absolutamente bem escrita que foi publicada nesta folha comentando o frio assassinato do líder camponês, ocorrido em Sapé, o escritor Juarez Batista acentua sem tibiezas. Para depois deixar o seu

¹⁴ Idem.

¹⁵ Ibidem.

protesto deveras serio exigir providências severas das competentes autoridades. Todo Brasil hoje já é conhecedor desse fato gravíssimo: - Na Paraíba, estão matando camponeses, com as armas privativas das forças armadas.¹⁶

E assim passamos para outra matéria para chegarmos a outro encontro com João Pedro Teixeira. Este outro encontro se dá mais uma vez por meio de uma coluna que foi escrita pela colunista social Germana Vidal que deixará por alguns instantes as colunas sociais juntamente com a sua vida glamourosa das festas e das recepções de miss que viam a capital João Pessoa para desfilarem mostrando a sua beleza. No primeiro momento da sua coluna, ela parte de uma constatação que já nos é óbvia a essa altura da tessitura desse texto, a de que João Pedro havia morrido. Mas, no entanto, como venho colocando, a morte foi a condição para dar início à tessitura de heroicização. Dessa forma Germana Vidal continua escrever,

...la para casa levando livros para os filhos. Talvez como Geppeto, o pobre velho que vendeu o único palitô que possuía para comprar uma cartilha para Pinocchio. É uma história de Trancoso, de faz de contas. Mas a vida de João Pedro era também uma história de Trancoso, de faz de conta. Cheia de sonhos irrealizáveis, desejos frustrados. Não queria muito. E quem o conheceu João Pedro – eu o conheci – sabia das suas ambições modestas que ele acalentava: alimentação mais farta, escola para os filhos, direito a médico e a justiça, emprego decente, um pedaço de terra que lhe proporcionasse uma vida digna, de pai de família honesto e trabalhador. Era isto apenas, tudo, o que João Pedro queria. O mínimo de que ser humano precisa para viver, sem descer a condição humilhante de bicho, de irracional e selvagem.¹⁷

A narrativa de Germana Vidal desenha um João Pedro que morreu cheio de sonhos por realizar, sonhos esses que são escritos pela ótica do direito de vida igualitário no tocante a condições materiais de vida. Os sonhos de João Pedro ficaram por se realizar, como nos conta Germana Vidal. Sonhos que, segundo a própria autora, nos tornam humanos e fora desse direito de sonhar o homem não passa da condição de um animal irracional.

¹⁶ Jornal A União, João Pessoa, 05 de abril de 1962.

¹⁷ Jornal A União. João Pessoa. 05 de Abril de 1962.

Podemos perceber então que a escrita dessa colunista escreve João Pedro sob a ótica do despertar da consciência de classe pelos direitos igualitários de uma sociedade mais justa. No entanto, a escrita dessa colunista não se dá ao acaso. Ela está fortemente ligada ao debate que marcou o período da década de 50 e 60 sobre os possíveis caminhos para chegar à outra sociedade desejada. Germana Vidal ilustra por meio da história de João Pedro a possibilidade de reivindicar esses desejos que, segundo ela, constituem uma sociedade mais igualitária. Ela também acabou por legitimar a política das Ligas Camponesas que era esclarecer os camponeses sobre os seus direitos, como podemos ver a seguir em ainda em sua coluna,

Foram aquelas maravilhas que João Pedro vislumbrou nas Ligas Camponesas quando se associou a elas. É tomou gosto. E saiu convidando gente como ele para fazer o mesmo. E passou a esclarecer os mais brancos sobre todas as vantagens que, reunidos eles teriam. Não mais seriam a unidade frágil, dobrada ao primeiro vento: mas, o feixe de lenha, o conjunto, a classe inquebrantável. Os símbolos que usava para arregimentar os pobres vencidos pela miséria, pela desgraça e pela exploração secular dos proprietários inescrupulosos. Eles querem justiça, apenas justiça, apenas. Eles reclamam um direito que possuem e que lhe é negado. E nada mais.¹⁸

João Pedro nos chega pela escrita de Germana Vidal, como o líder camponês que esclareceu os camponeses mais **brancos** como ela mesma fala, fica também exposto na tessitura da autora uma das formas de organização que era escrita “nos manuais”¹⁹ que informavam como os camponeses deveriam se organizar, tendo como principal meio dessa organização a união, como fica explícito na metáfora do “feixe de lenha” que é usada por Germana Vidal sentido de exemplificar o sentido da união para os camponeses.

No entanto, Germana Vidal por meio do seu discurso acabou por contribuir para cristalização da imagem estereotipada dos camponeses como brancos²⁰ e

¹⁸ Idem. (Grifos são meus).

¹⁹ Cf. Anexos. In: BASTOS, Elide Rugai Bastos. **As Ligas Camponesas**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1985.

²⁰ No entanto Germana Vidal não está só ao colocar essa concepção. Mas também Francisco Julião vai compor um série cordéis em busca de educar o camponês para uma revolução ou reforma. Francisco Julião e também dos líderes das Ligas Camponesas produzir uma série de

quando ela também afirma em seu texto *que os camponeses são pobres vencidos pela miséria*. Mas podemos perceber que a trama produzida por essa colunista contribuiu juntamente com outros que já passaram por esse texto para fabricar João Pedro Teixeira como o herói-monumento, quando ele passou a ser escrito por essas matérias como símbolo de uma luta secular passando dessa maneira a ser um herói exemplar. Depois de Germana Vidal contar a sua maneira quem/como era João Pedro Teixeira, a tessitura da sua matéria cede espaço para protestar mais uma vez, assim como os demais, contra o assassinato de João Pedro.

Quem matou João Pedro? Quem tentou contra a vida de Pedro Fazendeiro. Quem matará centenas e os milhares João Pedro que tomarão de agora em diante? Os latifundiários? A polícia? Ou certos espíritos de porcos que desvirtuaram o verdadeiro sentido das Ligas Camponesas para acender na alma humilde da gente do campo, o estopim da revolta? Quantos terão pegados por aí afora, o "direito" de incendiar propriedades, de se apossar delas por bem ou por mal? Quantos terão ditos aos camponeses que o comunismo é o verdadeiro caminho. Quantas vezes ter-lhe-ão apontado os exemplos da China, de Cuba ou da Rússia. Esta feita à onda, não resta dúvida, conseguiu-se a agitação que se queria. Promoveu-se a ação. E agora recebe a reação o peito inocente de João Pedro e os peitos inocentes dos que lhe sucederão. Não era essa finalidade das Ligas, decerto. Mas, então por que atiraram um fósforo aceso, perto de tanta palha seca? ²¹

Germana Vidal vê com o assassinato de João Pedro a possibilidade do aparecimento não de outro líder camponês, mas a possibilidade de que surjam outros como também milhares de João Pedro. Também fica evidente no texto da autora uma crítica à mudança quanto aos rumos que as Ligas Camponesas vinham adotando. Pois antes do assassinato do líder camponês as Ligas Camponesas tinha como direção no movimento a conquista dos direitos dos camponeses pela legalidade, mas, no entanto diante da morte de João Pedro Teixeira o movimento camponês passara a dar prenúncios de novos rumos, como mesmo falou o presidente geral das Ligas Camponesas, Francisco de Paula

estatutos para da forma legal as Ligas Camponesas assim como ao próprio camponês. Cf. JULIÃO, Francisco. **O que são as Ligas Camponesas?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1962.

²¹ Ibidem.(Grifos são meus).

Julião, quanto a uma reforma agrária seja feita na lei ou na marra. Como coloca o texto de Lemos,

Julião desentendeu-se com, praticamente, todas as lideranças nacionalistas e de esquerda do país. Pretendia caminhar em “faixa própria” tal como alardeava. Isso aconteceu logo após seu regresso de uma viagem a Cuba, realizada na companhia do então presidente da República, Jânio Quadros. Ele se decidiu pela radicalização do movimento e do apoio a guerrilha. Criou os slogans: “Reforma Agrária na lei ou na marra” e “Reforma Agrária ou Revolução”. Passou a defender a idéia de que a saída para a situação brasileira era o sindicalismo, não a democracia como a defendia pelos nacionalistas.²²

Por isso, podemos ver na coluna de Germana Vidal que ela se mostra preocupada com os novos rumos das Ligas Camponesas passando a não ver com bons olhos os exemplos de Cuba, da China como também da Rússia, como exemplo do socialismo com a divisão ou fim da propriedade privada. A colunista social se mostra preocupada com as ideias do socialismo dentro das Ligas Camponesas, com a reformulação da propriedade privada e por isso, Germana Vidal destaca esses novos rumos da política das Ligas Camponesas e passa a culpar os latifundiários por terem atirado fósforo em palha seca, ou seja, com a morte do líder camponês as Ligas Camponesas a partir desse momento teriam passado a ser um movimento de luta direta com os latifundiários. Essa preocupação que foi expressa, pela colunista Germana Vidal, em sua narrativa fica evidente também no “Jornal O Norte” da imprensa paraibana cuja matéria foi publicada da seguinte maneira,

...combater uma idéia por meios violentos, eliminando a vida dos seus líderes, nunca foi hábil de solucionar problemas. Contribui, ao contrario, para acirrar os ódios, exacerbar, as paixões, incutindo nos espíritos o sentimento da honra que não admite recuos... Propugnar pelos seus direitos jamais constitui crimes e nunca foi respondido com assassinato... O fim de semana foi manchado com sangue de um homem, que se tinha defeitos, também tinha vivo sentimento dos deveres de chefe de família, tanto assim que ao ser abatido, conduzia um pacote de livros para que seus filhos pudessem freqüentar a escola.²³

²² LEMOS, Francisco de Assis Lemos. **Nordeste: o Vietnã que não houve Ligas Camponesas e o golpe de 1964**. Londrina: Ed. UEL/Ed. Da Universidade Federal da Paraíba, 1996. p. 135.

²³ Jornal O Norte. João Pessoa, 04 de abril de 1962. (Grifos meus)

Essa matéria compõe um arquivo que faz parte de uma estratégia política de produzir uma grande mobilização fazendo com que logo após um dia o sepultamento de João Pedro Teixeira na cidade de João Pessoa fosse programado um comício em protesto ao assassinato do líder camponês. Segundo o *Jornal Correio da Paraíba*²⁴, diversas personalidades se alternavam na tribuna para demonstrar sua revolta diante do triste acontecimento, exigindo que as autoridades apurassem o crime assim como prendessem os criminosos. Na tribuna, falaram o coronel Jocely Brasil, o médico e jornalista Malaquias Batista, os estudantes Antonio Augusto Arroxelas e Amilton Gomes, os sindicalistas Luiz Bernardo da Silva, Jomar Souto, Assis Lemos e os deputados Agassiz Almeida e Raimundo Asfora. Todos escreveram sobre o corpo de João Pedro fazendo dele espaço de sua escritura. O discurso do deputado Raimundo Asfora foi registrado e colocado por alguns jornais da imprensa paraibana:

É inútil matar camponeses. Eles sempre viverão. Antes de morrer João Pedro era apenas a silhueta de um homem no asfalto, mas agora, paraibanos, João Pedro virou Zumbi. João Pedro virou assombração. É sombra que se alonga pelos canaviais, que bate forte nas portas das casas grandes e dos engenhos, que povoa a reunião dos poderosos, que grita, na voz do vento, dentro da noite e pede justiça e clama vingança, que passeia pelas estradas de Sapé que fala pela boca de mulheres de criaturas escravizadas, a mesma linguagem que, com a sua morte, não se perdeu, porque a mensagem dos verdadeiros líderes não se esgota... Pessoenses: meditemos, profundamente, na destruição de João Pedro na tremenda cilada que aramaram contra o inesquecível líder, na carga do ódio que caiu sobre si, como peso de um destino. **Ele sofreu, no próprio sangue, a grave ameaça que existe contra todos nós. Que todos os patriotas dobrem os joelhos diante de seu túmulo.²⁵**

Podemos observar as linhas que Raymundo Asfora²⁶ aciona para compor a sua tessitura para João Pedro Teixeira. Ele pega as linhas da continuidade, embelezando dessa maneira a memória de João Pedro, tecendo para ele uma

²⁴ Jornal Correio da Paraíba, João Pessoa, 05 de Abril de 1962.

²⁵ Jornal A União, João Pessoa, 05 de Abril de 1962.

²⁶ Raymundo Asfora foi uma figura de grande destaque no cenário político paraibano e nacional onde ocupou diversos cargos, como deputado e vice-governador. Durante finais da década de 50 era membro do Partido Socialista Brasileiro, participando ativamente da campanha para governador Pedro Gondim. Mas, no entanto Asfora é escrito como político que ficou conhecido por sua notável oratória. Cf. RODRIGUES, José Edmilson; SILVA, Vanildo. **Paraíba nomes do século: Raymundo Asfora.** João Pessoa. Ed. União, 2000.

história monumental, no sentido de colocá-lo como um exemplo de líder camponês para a posteridade. A fala de Asfora foi apropriada pela imprensa da Paraíba para informar aos leitores do jornal que era *inútil matar camponeses, pois eles sempre viverão*, no sentido de estimular a continuação do movimento, sobretudo porque segundo Asfora, João Pedro Teixeira que viveria por meio da sua memória e da memória do crime na condição de Zumbi.

E logo, também podemos observar que Raymundo Asfora quando fala sobre João Pedro desenha sobre o corpo do líder camponês um pequeno mapa para onde ele ainda deveria andar, depois de dizer que sua sombra se alongava nos canaviais e que iria bater nas portas das casas grandes, para logo depois então povoar as reuniões dos poderosos e gritar ao vento e falar pela boca de mulheres e criaturas escravizadas com a mesma linguagem.

O texto de Asfora teve como finalidade no período que foi escrito a função de reconstruir para os seus leitores o cenário de luta de João Pedro Teixeira para dar continuação ao passado já que ele dá “vida” ao morto pelo território da sua escrita, como um Zumbi que teima em continuar a assombrar os latifundiários ou mesmo a desafiá-los, como fez em vida. Asfora atribui essas funções ao corpo de João Pedro como uma tela para expor os seus anseios e como forma de cobrar do governador da Paraíba uma medida urgente para solucionar o crime contra João Pedro Teixeira.

De todos os protestos contra a morte de João Pedro Teixeira, o discurso de Raimundo Asfora tornou-se emblemático devido a sua publicização por meio dos jornais da imprensa paraibana, já que ele também teve várias edições ou reedições em vários órgãos da imprensa paraibana.²⁷ O discurso de Asfora foi apropriado para mostrar como João Pedro Teixeira foi envolvido em uma cilada e como também a sua história não era própria dele, mas é também de todos que, assim como líder camponês, também estavam sendo constantemente ameaçados, e por fim o reconhecimento póstumo quando Asfora conclama para

²⁷ Como Jornal A União, Correio e O Norte como também na Gazeta do Sertão.

que todos os patriotas fiquem de joelhos diante do seu túmulo em sentido de reconhecimento da sua história, para tomá-la como exemplo de vida.

Uma vez, que os diversos discursos que protestaram contra a morte de João Pedro Teixeira contribuíram para a forma como sabemos a sua história hoje, sendo também hoje um lugar de interrogação para esse historiador, pois devido o seu assassinato todos os colunistas dos jornais da imprensa paraibana foram convidados a escrever sobre João Pedro Teixeira.

A partir dessas escrituras que se escrevem sobre João Pedro Teixeira podemos observar que eles se apropriaram da sua morte como espaço de sua escritura a partir de diferentes lugares. No entanto, diferentemente do caso de Rivière de Michel Foucault,²⁸ os discursos da imprensa paraibana não produziram vários João Pedro Teixeira, mas único João Pedro por meio de um único enunciado, fixando assim a imagem de herói camponês que se corporifica a partir dessa imensa vontade que se apropria do seu corpo. E no meio desse percurso onde eu caminhava nas trilhas dos discursos que dava uma corporeidade de herói ao líder camponês que fora assassinado, um discurso me chamou atenção, em um primeiro porque assumia que lugar que João Pedro Teixeira era para o autor da matéria um desconhecido, mas que, no entanto a sua história de vida era conhecida por ele e dessa maneira o autorizava a falar sobre um pouco sobre ele.

Não o conheci. Mas, curvo-me ante o seu cadáver – de um mártir dessa memorável campanha que a sindicalização rural e a reforma agrária. Presto minha homenagem e dos jornalistas profissionais ao bravo companheiro sacrificado nessa luta e nesse empreendimento monumental de procurar,... Um melhor bem estar dos camponeses. João Pedro Teixeira uma estátua tão alta quanto a Tiradentes, tão bela quanto à de João Pessoa e tão expressiva como a de todas as causas. (...) A morte não tirou do caminho de sua obra. Plantou-se um marco indestrutível na luta iniciada contra a reação a incompreensão e sistema mediável da maioria dos proprietários. A sua morte não me não me surpreende, como não me surpreenderá o desaparecimento de outros líderes, outros abnegados companheiros.²⁹

²⁸ Cf. FOUCAULT, Michel. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão**. 6ª Ed. Rio de Janeiro. Ed. Graal, 2002.

²⁹ Jornal A União, João Pessoa, 05 de Abril de 1962.

Esse discurso se instaura como uma diferença dos discursos dos outros narradores que escreveram sobre João Pedro Teixeira e que diziam conhecê-lo ou terem o visto, o autor dessa matéria do Jornal A União será bem enfático ao nos dizer que não conhecia João Pedro, mas que, no entanto sabia da sua história e que também se curvaria diante do seu cadáver como forma de reconhecimento também de sua história. Este escritor fez por meio do seu texto uma operação diferente dos demais, pois ele, assim como Homero que organizou o panteão dos deuses do Olímpio, atribuindo a cada um dos deuses um lugar e uma função, propõe uma reorganização dos tipos de herói da história do Brasil, como também da Paraíba, para colocar João Pedro Teixeira entre eles. Esse gesto se deu quando ele reivindicou para João Pedro, uma estátua tão alta quanto à de Tiradentes e tão bela quanto à de João Pessoa, pois segundo o próprio a sua luta era tão expressiva quanto à deles. Assim para torná-lo um herói ou um *camponês mártir* o escritor coloca a sua história como um quadro a compor a galeria dos heróis já instituídos. Mostrando a sua maneira que a memória da luta de João Pedro Teixeira deveria ser um exemplo e que assim como os demais heróis já edificados mereceria um monumento público para que a sua história não fosse esquecida e nem tão pouco apagada. Escrevendo da seguinte maneira aos leitores dos jornais,

Nós trabalhadores das mais diversas atividades devemos unir – nos ante o bravo desaparecido. Não para chorá-lo, mas, para depositar aos seus pés as nossas homenagens e essa luta que é de todos os brasileiros – a sindicalização rural e a reforma agrária.

Faço um apelo aos sindicatos no sentido de assumir a responsabilidade de educação dos filhos do herói – cada órgão de classe assumam o compromisso de manterem os desentendidos do camponês mártir.³⁰

O autor desse texto que foi escrito para o Jornal A União, também propõe a união de toda a sociedade, não para chorar diante da morte do líder camponês, mas a partir da história de João Pedro, dar continuação às suas causas políticas, como a sindicalização rural, assim como também luta pela reforma agrária. No

³⁰ Idem.

entanto, este escritor demonstrou uma preocupação diferente dos demais, ou seja, ele se preocupou com a família de João Pedro, não só como forma de assistência de condições básicas de sobrevivência, mas de como manter os descendentes do mártir como uma possibilidade futura de uma continuidade da história do herói camponês através da sua família.

1963. O processo de fabricação do herói camponês prossegue por meio das matérias, para lembrar por meio do seu texto um ano de morte do líder camponês. No entanto, esta matéria teve como finalidade dizer quem era João Pedro Teixeira contribuindo para a fabricação do herói camponês. A continuação desse processo de fabricação ocorreu de forma mais sofisticada no sentido de que os colonizadores das memórias de João Pedro Teixeira vão procurar dar uma unidade para essas memórias configurando uma história sob a forma de um monumento que tende para a sua heroificação, em uma história que é escrita sobre a ótica da luta de classe onde ele aparece como uma figura singular que lutou e sacrificou a sua própria vida contra os tidos fortes e opressores que se fixa na imagem dos latifundiários, como podemos observar em uma matéria feita para lembra um ano da morte de Pedro Teixeira pelo médico e jornalista Malaquias Batista para o *Jornal A Liga*³¹.

O texto de Malaquias Batista nos conta que João Pedro Teixeira havia sido assassinado aos 42 anos de idade. E logo após essa informação, o texto de nos leva para a sua infância como forma de apresentar aos leitores desse pequeno memorial a história de João Pedro como um homem explorado pelo latifúndio desde os primeiros anos de sua vida. E assim, ele institui uma causa para que ele tivesse liderado um movimento em favor de outros camponeses e contra os latifundiários. A infância de João Pedro passa a ser institucionalizada por esse memorial como uma forma de estabelecer lugar de origem como nos é colocado essa fonte:

³¹ Jornal A Liga, 03 de Março de 1963. In: Cadernos 27. p. 199.

...Deste os três anos foi também um filho sem pais, criado pelos avós. Viveu sua juventude como um cigano, de trabalho. Tendo apenas para vender a força de seus músculos adolescentes, João Pedro, ainda menor foi trocado por salários de fome, por foros extorsivos, por meios desumanos, sua força de trabalho em fazendas e engenhos. Em Guarabira, sua terra natal, o único título de propriedade que João Pedro poderia mostrar era sua certidão de nascimento no livro de registro civil. Nada mais.³²

E logo, essa mesma fonte nos mostra João Pedro Teixeira como um andarilho em busca de serviço em terras dos outros, primeiro no Engenho Coroadá, município de Santa Rita, para depois o texto colocar João Pedro como um homem aventureiro de espírito livre por ter saído em busca de outra vida no Estado de Pernambuco, sobretudo em Garanhuns, Jaboatão, Caruaru e depois na capital de Pernambuco, sendo que desta vez como operário. Mas, que, no entanto, nada havia mudado em a sua vida, pois ele em todos os espaços por onde havia trabalhado, segundo a fonte, era vítima do regime capitalista, então *marcado como exploração do homem pelo homem*³³. E outro movimento dessa fonte foi também definir quem era João Pedro Teixeira e como havia se tornado um líder camponês na Paraíba.

Nasce líder. João Pedro foi um aluno da vida, um autodidata das vicissitudes. Aprendeu pelos caminhos que andou. Pelos sindicatos, pelas lições que lhe ia ensinando a unidade operária. Ao voltar a Sapé, em 1954, como morador da Fazenda Antas do Sono, João Pedro traria uma idéia atravessada na cabeça: fundar uma associação de camponeses. E pensou, melhor o fez. Convocou os trabalhadores da vizinhança – uns duzentos camponeses.³⁴

Malaquias Batista também nos apresenta através do seu texto, João Pedro Teixeira como o grande homem que dá início ao movimento, como também a associação no ano de 1954. No entanto, a fonte omite a presença de Nego Fuba e Pedro Fazendeiro. Quando menciona a falta desses dois camponeses que estiveram junto com João Pedro no início da fundação das Ligas de Sapé, menciona para que possamos entender melhor o processo de monumentalização

³² Idem. (Grifos Meus)

³³ Ibidem.

³⁴ Ibidem.

que silencia uma diversidade de nomes para concentrar em um único sujeito, ou seja, silencia toda uma diversidade para produzir com isso uma história cheia de efeitos e práticas que convergem para um único sujeito. Como podemos observar ainda nessa fonte quando fala do início da sua luta:

A reunião se fez no pátio do casebre. Com debates, ata e diretoria eleita e empossada. Bastou então que o núcleo se fundasse para que o terror policial – latifundiário se fizesse presente como um rolo compressor. Havia semana em que João Pedro era intimado 15 vezes pelo comissário do posto policial de Sobrado, o núcleo se desfez com a dispersão de toda a diretoria, cujos membros foram obrigados a fugir o próprio João Pedro teve que se retirar para o Rio, onde trabalhou durante cinco meses, separado da família. Voltou depois veio para ficar.³⁵

Podemos notar que Malaquias Batista demarcou a volta de Pedro Teixeira como uma luta de segundo “round” para enfrentar o latifúndio. Essa volta marca, segundo Batista, um novo começo já ele contava com a experiência de sua tentativa anterior e também com a mudança de tática: ao invés da Liga doméstica que funciona no terreiro de sua casa, agora teria sua sede na cidade e com estatuto registrado em cartório. Segundo Malaquias Batista, João Pedro *catequizou antigos desertores e enfileirou novos soldados*³⁶. Dessa maneira podemos observar que este autor acopla duas imagens sobre o seu corpo, como a de um jesuíta, quando fala em catequizar com também a figura de um militar quando escreve que João Pedro enfileirou soldados, para depois comparar a história de João Pedro com a de Cristóvão Colombo.

A luta de João Pedro nesta jornada faz lembrar... O esforço épico de Cristóvão Colombo na descoberta da América. Poucos acreditavam na iniciativa. Dispostos os pioneiros em frente do casebre, surge a primeira dificuldade. A arrecadação contabiliza entre os que tinham algum dinheiro não dava para o pagamento do transporte que levaria os camponeses até Sapé. João Pedro empenhou o único patrimônio disponível no momento – um carneiro que pertencia a sua filha mais velha e que foi arrematado de emergência por quinhentos cruzeiros, favor do proprietário do caminhão contratado.³⁷

³⁵ Ibidem.

³⁶ Ibidem.

³⁷ Ibidem.

A escritura de Malaquias Batista contornou o corpo de João Pedro Teixeira enquanto herói camponês ao comparar aos esforços épicos de Cristóvão Colombo da descoberta da América. No entanto, segundo ele João Pedro Teixeira não contou com as grandes fábulas de moedas de ouro e prata da Espanha para construir uma associação, assim como o navegante Cristóvão Colombo, o que torna os feitos heroicos de João Pedro ainda maiores. A escrita de Malaquias Batista contribui para a ideia de líder exemplar por meio da imagem de um herói perseverante, que não esmorece ao menor desafio a exemplo de como disse Raimundo Asfora, em páginas anteriores, os heróis são rígidos, fortes e compenetrados.

Tanto a narrativa de Malaquias Batista quanto a de Raimundo Asfora não poderia ser diferentes quanto ao resultado final do seu texto, pois eles partilham das mesmas regras de formação discursiva que organizam o texto e que pretendem tornar o corpo de João Pedro Teixeira um corpo – manifesto, fazendo dele uma figura identitária que unisse e informasse todos camponeses. Sobre esse gesto da escrita de produzir heróis após a morte, Georges Balandier nos elucida: a morte faz do “grande homem” morto um símbolo político puro. Nos países comunistas, esta prática é institucionalizada com os funerais dignitários caracterizados pela glorificação dos desaparecidos e que marcam o seu acesso a outra vida, como a imortalidade cívica, uma vez que os tidos heróis não morrem porque é através dessas narrativas eles são constantemente acionados e dessa forma são reatualizados como forma de se manterem vivos pela ação dos outros em tempos diferentes e em lugares diversos³⁸.

Pois o morto como indivíduo desaparece por trás da significação política de sua vida, João Pedro Teixeira se transforma em uma imagem a ser modelo de inspiração também para as gerações futuras, já que o político se alimenta por essas conexões onde a mitologia lhe dá sentido, assim como força. Por isso, João Pedro foi escrito na narrativa de Malaquias Batista como o homem que lutava e

³⁸ BALANDIER, Georges. *O Poder em Cena*. trad. de Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília. Ed. Universidade de Brasília, 1982. p. 62.

representava os anseios dos outros camponeses, e como uma figura identitária desse movimento, sua história vai se escrita segundo essa fonte sob a ótica de fazer com que a sua história de vida se confunda com a própria história das Ligas Camponesas, cuja trajetória quando feita uma retrospectiva se confunde com a “própria biografia de João Pedro! Tragédia e glória”³⁹.

Um fato me chamou atenção durante a pesquisa quando eu já estava atônito com tantas falas que foram ditas e escritas na mesma direção, convergindo para o mesmo sentido. Foi o encontro com o texto do médico e colunista Malaquias Batista que afirmava que todas essas notícias que foram veiculadas pelos jornais da imprensa paraibana da época obtiveram grande repercussão no exterior. A primeira vista havia me instaurado a dúvida se era mesmo verdade, mas, depois não cabia essa hipótese se essa informação teria sido dita ou não. Ela é colocada na função de *citação* quando cria pelo *New York Times* uma valorização do evento com a função de chamar mais atenção sobre a história de João Pedro. E assim, consolidar a figura do mártir que teve a sua história escrita para além das fronteiras nacionais.

Pouco há para dizer sobre a morte de João Pedro. Seu assassinato foi notícia e manchete em todo o país e até no estrangeiro. O “*New York Times*” registrou e gravou o fato dando-lhe mais importância do as cotações do dólar na bolsa de Wall Street. Agnaldo Veloso Borges, Pedro Ramos Coutinho e Antonio Victor financiando a emboscada, haviam cometido o crime do ano.⁴⁰

E logo Malaquias Batista continua ao fim do seu texto, produzindo um pequeno inventário, e uma mensagem em estilo messiânico como uma sentença póstuma, para depois de afirmar que havia no Brasil uma democracia de brinquedo, onde a lei tinha apenas um olho e um ouvido já que os assassinos de João Pedro saíram impunes. Mas que, no entanto João Pedro havia deixado uma sentença póstuma a fim de lembrar aos outros no futuro. Sentença póstuma que é constituída por sua própria história que se estabeleceu como os seus epitáfios, que havia ficado a beira da estrada quando ele foi assassinado, uma vez que sua

³⁹ Jornal A Liga, 03 de Março de 1963. In: Cadernos 27. p. 199.

⁴⁰ Idem. (Grifos Meus)

a história havia ficado gravada no lugar onde ele foi assassinado. Malaquias Batista afirma em seu texto que esse lugar da sua morte é um ponto de encontro com a história de João Pedro uma que segundo ele é “*esse lugar onde muitos olham, param e sentam*”⁴¹ e que por sua vez deveria ser preservado configurando como um lugar de memória. Pois foi no asfalto que:

...as ranhuras dos projéteis que plantaram na terra do caminho o sangue revolucionário de João Pedro. Compondo a cena final de sua vida, cartilhas inocentes que João Pedro levava para seus filhos, fizeram mudar não só o destino da sua família, na orfandade, como a própria educação política do campesinato. Há naqueles livros furados de balas, um apelo à revolução. E a revolução vem sendo pregada. Sobre o sangue de João Pedro e de seus companheiros. Suas cartilhas ficaram no caminho da viagem interrompida, devem hoje ensinar outro credo e civismo, outras primeiras letras. Devem ser bíblias de lutas para as escolas onde se formam novas gerações.⁴²

Nessa fonte assim como as outras que foram acionadas para compor a tessitura desse texto. Podemos perceber que há nelas uma teatralização da história de João Pedro, essa teatralização o que poderia ter dado margem, na acepção de Walter Benjamin, ao aparecimento da figura do narrador⁴³. O sentido que o narrador, que Benjamin nos fala é sempre uma pessoa de fora, onde esse mesmo narrador se assemelha com a figura de um oleiro, que deixa as marcas da sua mão ao produzir um vaso de argila, essa mesma peculiaridade de deixar as suas marcas quando nos contam a história de João Pedro Teixeira, os seus narradores terão em um primeiro momento uma vez que contam a sua história a sua maneira, como podemos observar nas inúmeras narrativas que falam sobre ele, como podemos observar nas fontes que foram escritas por Hélio Zenaide, Germana Vidal, Malaquias Batista e outras fontes das quais não tivemos acesso aos nomes de autoria dos escritores.

Pensar estes colonistas da imprensa paraibana como os narradores de uma experiência na acepção das palavras de Benjamin e que, portanto teriam como

⁴¹ Ibidem.

⁴² Ibidem.

⁴³ BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov; In: *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. 3ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas). p. 197-221.

função intercambiar a sua experiência entre os tempos, nos dirigindo através das suas narrativas um apelo messiânico pela forma como foi escrita ao leitor, tendo também como finalidade fazer com que o passado possa ser um dia presente de novo. E com isso, a memória de João Pedro não se perderia ao “instante de perigo” como é pensado o tempo presente por Benjamin. Uma vez que a sua história poderia ter sido escrita para que ela tenha, como diria ainda nas palavras de Benjamin, “uma força germinativa” para que possa renascer em outro tempo sendo dessa maneira em outro momento presente de novo⁴⁴.

Entretanto, colocar as matérias dos jornais da imprensa paraibana que foram escritas pelos colunistas como uma produção de um narrador na acepção completa de Walter Benjamin seria uma afirmação e uma conclusão um pouco apressada, pois eles não estão comunicando uma experiência, uma vez que eles estão a serviço da informação, já que eles escrevem sobre o corpo de João Pedro para fazer dele um elemento de informação para provocar uma mobilização no momento em que foram produzidas e também para que a sua história servisse de modelo para os outros no momento em que foram escritas.

Podemos notar que eles se apropriam do corpo de João Pedro Teixeira e o colonizam através dos seus discursos que configuram sobre ele formas de sentidos. E que também criam através das suas narrativas uma memória para ele e que acaba convergindo para um único ponto, ou seja, fazer dele um modelo de herói e homem camponês para os outros. Já que para isso a imprensa paraibana da época colonizou o seu corpo quando espetacularizava a sua morte, e como também já venho afirmando, a memória que produzida para ele tem a função naquele período de fazer dele um agenciamento de enunciação e subjetivação para produzir outros camponeses, colocando como base desse processo, para isso a sua memória, que se edificada como a sua história para que ela também seja exemplo a ser seguido pelos outros.

No entanto, todo esse processo de fabricação, assim como a de efetivação de uma memória heroificadora para Pedro Teixeira, começa a ser interrompido

⁴⁴ Idem.

inicialmente ainda no ano de 1962, com a intervenção do Governador da Paraíba, Pedro Gondim⁴⁵ que demite alguns dos redatores do Jornal A União e, sobretudo depois do golpe militar no ano 1964. Como podemos notar nesta afirmação de Benevides,

Pedro Gondim vai modificar o aparelho ideológico governamental a partir de 1962, começando pelos órgãos da imprensa falada e escrita. Correu a notícia no Ponto cem Reis [na cidade de João Pessoa] que a cobertura jornalística de *A União*, na morte de João Pedro Teixeira, fugira à orientação doutrinária do governo. O diretor do jornal foi imediatamente afastado. Em seu lugar assumiu Antonio Brayner, antigo militante da UDN e aliado ao Grupo da Várzea. Nessa primeira etapa, o expurgo atingiria a cúpula e afastaria o diretor da Rádio Tabajara, Adalberto Barreto,.....⁴⁶

Dessa forma Benevides continua,

.... demitiram, no mesmo período, dois autênticos valores culturais da emissora oficial do Estado: o maestro nozinho, que organizou a orquestra da Rádio Tabajara e criou as retretas populares para difundir a cultura musical junto as classes marginais, porque escreveu a música "Canção camponesa" ,...e o diretor artístico Paulo Pontes, por o seu pensamento e sua ação política não se ajustava ao programa de dominação...⁴⁷

Outro meio de interrupção do processo de fabricação do herói camponês ocorreu devido ao golpe de militar em 1964, como nos conta em grande medida as obras de história que se dedicam a estudar esse período da ditadura militar no Brasil. Por isso à primeira vista fui levado por esse canto da sereia e pensei que o processo de fabricação de João Pedro Teixeira foi interrompido como fator determinante devido ao golpe militar e, sobretudo devido à sua política totalitarista que não concebia a ideia de multiplicidade de pensamento e nem tão pouco a possibilidade de questionamento da ordem estabelecida. Por isso, o forte controle dos canais de comunicação na época que podiam veicular a história do líder

⁴⁵ Essa relação do governador da Paraíba, Pedro Gondim e a imprensa que tinha inspiração com as idéias de esquerda também foi vista pelo historiador Eltern Campina Vale por isso confira a dissertação desse historiador. Cf. VALE, Eltern Campina. **Tecendo fios, Fazendo História: A atuação operária na cidade – Fábrica Rio Tinto (Paraíba, 1959 - 1964)**. Fortaleza, Dissertação de Mestrado em História da UFC, 2008. p. 79 - 82.

⁴⁶ BENEVIDES, Cezar. **Camponeses em Marcha**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1984. p. 47

⁴⁷ BENEVIDES, Cezar. Op. Cit. p. 47-48.

camponês, onde o silêncio que se instaurou em volta das suas memórias, foi também uma forma de promover uma desmobilização das Ligas Camponesas naquele período.

Mas que, no entanto, pensar esse silêncio que se instaura entorno das memórias de João Pedro Teixeira durante o regime militar pela atuação da força do próprio regime, essa análise seria uma conclusão apressada para um historiador nos dias atuais. Sobretudo quando temos acesso aos estudos do historiador Carlos Fico⁴⁸, que promoveu por meio dos seus estudos uma análise em ruptura com as das demais narrativas historiográficas sobre o golpe militar. Dessa forma, foi levado por meio dos estudos Fico a pensar com mais atenção à política do regime militar e dessa maneira conseguimos observar com mais clareza a questão sobre o silêncio da memória de João Pedro Teixeira. O silêncio não foi apenas resultado da ação da força do regime militar se impunha pela força, mas também pelo uso de estratégias políticas de controle da mídia que começou aos poucos a serem colocadas em prática para quebrar as constantes celebrações, que prosseguiram para a fabricação e instituição de João Pedro Teixeira como herói camponês como forma de provocar mobilizações ainda naquele período.

Portanto, o silêncio que começou a ser produzido como o objetivo de interromper esse processo de fabricação da heroificação de João Pedro Teixeira. E não pode ser entendido pelas análises que têm como causa primeira a política de repressão que produziu o silêncio da memória que vinha sendo produzida para João Pedro Teixeira. Temos que observar mediante aos novos estudos desse período como no caso estudos do historiador Carlos Fico que o silêncio pós-1964 não foi produzido pelo uso da repressão ostensiva que contribuiu para colocar um ponto “final” na produção de uma memória que pretendia heroificar João Pedro, mas a uma política “sutil” promovida pelas agências de propaganda do regime militar.

⁴⁸ FICO, Carlos. **Reiventando o Otimismo: Ditadura, propaganda e Imaginário social no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997.

Dessa forma a repressão ostensiva que contribuiu para produzir esse silêncio não pode ser vista como causa única e sim as estratégias política adotada pelo regime militar que acompanhava a repressão naquele período. Como um dos fatores para a produção do silêncio foi à criação de uma agência de propaganda do próprio regime militar que tanto cuidava da imagem desse regime quanto também tentava produzir no Brasil um clima de reinvenção do otimismo em meio a uma política desenvolvimentista baseada na educação da população com um amplo dos recursos de imagens e filmes como auxílio pedagógico para educar a população brasileira.⁴⁹ A censura esteve acompanhada pela política de produção das campanhas publicitárias que enalteciam o otimismo no país e não os problemas que havia na sociedade brasileira naquele período, por isso o governo militar visou criar uma imagem positiva do Brasil, pois, não era permitido fazer críticas nem expor aspectos negativos da realidade brasileira, em contrapartida a criação por parte do governo de campanhas que almejavam fortalecer o patriotismo, o combate ao inimigo como no caso o comunismo, à necessidade de confiar no governo, criavam uma imagem que não condizia com a realidade brasileira.

Diante desse clima político, os jornais do Brasil estavam proibidos noticiar atos de tortura, prisões e desaparecimentos de subversivos, movimentos contestatórios realizados por estudantes, como também dar espaço a pessoas que tiveram seus direitos políticos cassados, estavam proibidos até mesmo divulgar a existência de censura. Com a propaganda se desejou criar a imagem de um país bom, "grande", que ninguém seguraria que deveria ser amado por suas qualidades, com um governo livre de atos autoritários, que somente agia para contribuir com a segurança nacional. Tentou-se forjar uma imagem positiva, eliminando e tornando ilegítimo o inimigo e o seu discurso, sendo necessária a construção de mecanismos de controle que reprimiam, espionavam, censuravam,

⁴⁹ FICO, Carlos. A Criação de uma agência de propaganda. IN: **Ditadura, propaganda e Imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997. p. 89-120.

extirpando todos aqueles que lutaram contra o arbítrio dos militares na década de sessenta.

As estratégias, que foram adotadas como forma de controle dos canais que estavam questionando tanto a ordem instituída quanto as que se estava em projeção de instituição, podemos entender por meio dos estudos sobre a política totalitarista feito pela filósofa Hannah Arendt. Sobretudo porque podemos perceber pela forma como foi conduzida a política no Brasil nos anos sessenta, há em grande medida um cunho de regime totalitarista. Uma vez que, Arendt afirma em seu livro "As origens do totalitarismo" que uma das principais estratégias do controle social dos regimes totalitários sobre as pessoas é a quebra dos seus vínculos espontâneos que são estabelecidos entre os indivíduos e os grupos sociais, e a destruição das suas redes de articulação política. Sem efetivos políticos e sociais fortes que os ancoram, os indivíduos ficam soltos, fragilizados, vulneráveis, tornando presas fáceis para os regimes totalitários. Pois, como nos enfatiza a Hannah Arendt,

O totalitarismo que se preza deve chegar ao ponto em que tem de acabar com a existência autônoma de qualquer atividade que seja, mesmo que se trate de um jogo de xadrez. Os amantes do "xadrez por amor ao xadrez", adequadamente comparados por seu exterminador aos amantes da "arte por amor a arte", demonstram que não forma totalmente atomizados todos os elementos da sociedade, cuja uniformidade inteiramente homogênea é a condição fundamental para o totalitarismo... Os movimentos totalitários são organizações maciças de indivíduos isolados.⁵⁰

As palavras de Arendt são contundentes para nos levar a pensar o cenário político que se instaurou depois da morte de João Pedro Teixeira, sobretudo depois do ano de 1964. A política adotada pelo regime militar quebrou os vínculos espontâneos da sociedade naquele período como também impediu a circulação das idéias no que se refere à reforma agrária em particular, passando o próprio regime militar construir os vínculos das pessoas, gerindo dessa maneira uma tentativa de controle sobre elas. E com isso, podemos observar que a produção

⁵⁰ ARENDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo**. 17ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 50 - 51.

do silêncio fez com que a memória que estava sendo composta para João Pedro Teixeira fosse para o subterrâneo, passando dessa forma a condição de memória subterrânea. Aguardando, portanto um canal de saída para que ela pudesse sair do subterrâneo para passar a ocupar a cena política novamente. E como nos coloca Michel Pollak,

Uma vez rompido o tabu (silêncio), uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória...⁵¹

Todos os discursos que foram ditos sobre João Pedro Teixeira no período da sua morte até o ano de 1964, passaram a fazer parte de uma memória subterrânea ficaram escritas nos corpos dos participantes da história das Ligas Camponesas constituindo muitas vezes uma memória afetiva, juntamente com os suportes que guardavam todas essas informações em meio as suas páginas amareladas, mas que, no entanto sobreviveram ao tempo e a foracidade das traças, nossas “fieis companheiras” de pesquisa nos arquivos. A memória que estava sendo produzida para João Pedro Teixeira durante a década de 60, assim como também a memória dos participantes das Ligas Camponesas serão apropriados pela academia no decorrer da década de 80 já que o regime militar depois de quase duas longas décadas já dava sinais de desgaste dando início a um lento processo de abertura política e redemocratização.

E neste processo de abertura política no Brasil no início dos anos 80, se instaura a possibilidade de aberturas dos canais de debate e que em um primeiro momento se fará através do território acadêmico, tendo como tarefa inicial resgatar os ideais das lutas da geração das décadas de 50 e 60, e com isso a história de João Pedro Teixeira começa a ocupar o espaço da cena política novamente. Dessa maneira, os arquivos na década de 80 do século passado, os jornais da imprensa paraibana como “O Norte, Correio da Paraíba e A União”

⁵¹ POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

foram revisitados pelos intelectuais com a função de resgatar a memória para reativar os debates em torno da reforma agrária trazendo de volta do passado João Pedro Teixeira com um mártir. Sobretudo pelo filho do próprio João Pedro Teixeira, pois Elizabeth Teixeira nos conta que,

De todos os filhos foi ele quem mais puxou ao pai. Ele era interessado em saber da vida e da luta do pai. Ele sentia muito orgulho de ser filho de João Pedro Teixeira. Eu nunca vou me esquecer das perguntas que ele fazia, ele queria saber das histórias do passado, ele procurava jornais antigos que falassem da história do pai.⁵²

Dessa forma, José Eudes começa a se instrumentalizar por meio das leituras das leituras do Jornal A União. E aos poucos, o filho de João Pedro Teixeira passa a se tornar uma liderança no campo, tomando como inspiração as matérias que escreveram João Pedro Teixeira. Fazendo com que em 1987 ele funde uma associação de camponeses, com o nome de Associação João Pedro Teixeira. Essa associação tinha à primeira vista o objetivo primeiro à construção de um armazém comunitário. Através dessa associação ele queria conseguir alimento para os camponeses pobres, assim como também leite para as crianças dos trabalhadores. O segundo objetivo de José Eudes era resgatar João Pedro Teixeira de volta do passado como tentativa de monumentalizá-lo, resgatando para isso, os seus ideais veiculados pelos jornais da imprensa paraibana que investiram sobre o corpo do seu pai.

Portanto, os jornais da imprensa paraibana se constituem como um arquivo discursivo para aqueles que praticam a história contínua que tentam se apropriar das imagens desse passado para que ela funcione da mesma forma que antes, através de historiadores que praticam a história para estabelecer semelhanças entre o passado e presente através dessa memória. Ou para historiadores que praticam outro jogo da história para estabelecer descontinuidades e diferenças entre o passado e o presente, como no caso desse historiador que escreve sobre

⁵² Fala de Elizabeth Teixeira retirada de BANDEIRA, Lourdes; MIELE, Neide, GODOY, Rosa (Orgs). **Eu Marcharei na tua luta: a vida de Elizabeth Teixeira**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997. p.138 e 139. (Grifos meus)

a história que nomeia João Pedro Teixeira como o herói camponês, por acredita como nos ensinou Foucault que o saber não é feito para compreender, mas que eles é feito para cortar⁵³. E que nos faz também perceber que esse herói não tem essência, sendo, portanto, um sujeito histórico que ganhou forma mediante a sua historicidade e com isso podemos construir e inventar outros caminhos no território da história, estilhaçando para a isso a memória que foi construída para ele.

⁵³ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 18ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2003. p. 28

3.

A ESCRITA DA HISTÓRIA DO HERÓI CAMPONÊS

O grande jogo da história será de quem se apoderar das regras, de quem tomar o lugar daqueles que as utilizam, de quem disfarçar para pervertê-la, utilizá-la ao inverso e voltá-la contra aqueles que as tinham imposto; de quem, se introduzindo no aparelho complexo, o fizer funcionar de tal modo que os dominadores encontrar-se-ão dominados por suas próprias regras.

Michel Foucault

1985. A escrita da história de João Pedro Teixeira se torna um estilete pontiagudo e cortante, que perfura o presente para fixar nele fragmentos de um passado não tão distante, o presente se torna um espaço de resgate desse passado. Como uma tentativa de unir o passado e o presente como uma forma de lutar contra a fragmentação e as erosões deste presente o passado foi colonizado novamente. Essa luta conta a fragmentação começa com a ruptura do silêncio em torno da memória como da história de João Pedro Teixeira, por meio da publicação em 1985, da dissertação de Cezar Benevides que foi publicada com o título "Camponeses em Marcha". Benevides tinha ligação direta com as décadas de 50 e 60 e com as Ligas Camponesas, pois ele havia sido assessor parlamentar do ex-deputado federal José Joffily. Seu livro trouxe João Pedro para uma nova vida, em forma de texto, produzido novamente para ser um corpo escrito em outro momento e contexto histórico. Sendo assim, podemos ter acesso à outra economia escriturística que se apropria do seu corpo novamente fazendo dele um novo texto nos anos oitenta, configurando-o como um mito a ressurgir como seu corpo investido de signos novamente. E como fala Raul Girardet,

Mais uma vez o velho mito do salvador ressurge em nossa história, mito destinado, nesse caso, a um futuro bastante curto, mas, por momento, suficiente poderoso, suficiente e coerente, suficiente atrativo também para fixar a atenção e reflexão.¹

Dessa forma, João Pedro Teixeira foi resgatado das páginas esmaecidas dos Jornais sob o signo de histórias de epopéias, por meio de uma narrativa atrativa carregada de heroísmo para outro, sendo que para construir a sua narrativa Benevides tomou como base a imprensa paraibana para colocá-lo em cena novamente. Cezar Benevides olha para o passado e enxerga-o no presente como o lugar de possibilidade para que ele possa então resgatar os fios soltos do passado e reconectá-lo na década de 80. Com isso, ele promoveu a união, por meio de seu texto, da história de João Pedro com da sindicalista Margarida Maria Alves. E com união dessas histórias na sua obra, ele instaura a possibilidade de reativar a memória das Ligas Camponesas unindo o passado ao presente como uma possibilidade de reviver o passado.

A morte de Margarida Alves configura a permanência dessa estrutura de violência e impunidade que atinge os nossos dias.²

A história que foi escrita por Benevides é uma articulação dos fragmentos de memórias e restos do passado, ou seja, os jornais da imprensa paraibana que escreveram sobre João Pedro na época da sua morte. Ele faz uso da memória para compor uma continuidade do tempo da sua obra com as duas décadas anteriores como 50 e 60. Esse gesto se efetiva quando Benevides faz uso da memória para reconfigurar João Pedro Teixeira, agenciando para isso também a imagem de Margarida Maria Alves como um meio de unir o presente ao passado. Estabelecendo, portanto por meio do seu texto uma continuidade com as décadas anteriores quando ele conecta para isso a memória de João Pedro Teixeira com a imagem de Margarida Maria Alves.

¹ GIRARDET, Raul. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 64.

² BENEVIDES, Cezar. **Camponeses em Marcha**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. 1985, p. 25. (grifos meus)

Também quando folheamos o livro de Cezar Benevides notamos logo ao início da produção de sua obra um gesto de seu autor que me chamou atenção, de início um espanto pela morbidez de Benevides. Quando ele colocou antes da introdução como também do sumário o “Registro de Óbito” assim como a “Guia de Enterramento” de João Pedro Teixeira.³ Mas, o que pretendia esse autor com esse gesto? Senão uma tentativa de espetacularizar mais uma vez a morte de João Pedro, já que ele tentou restituir o passado por meio desse documento na abertura. Mas também podemos notar que esse documento que foi inserido em seu livro, também foi usado por Benevides como parte de sua estratégia para mostrar ao leitor como foi grandioso o gesto de João Pedro Teixeira e como a violência contra camponeses ainda permanece, já que Benevides toma a morte de Margarida Maria Alves como forma de continuação.

O livro de Benevides constitui-se como uma obra de valor para história, para alguns um clássico que se insinua como uma ponta iceberg por ser a primeira obra a cortar o silêncio sobre as Ligas Camponesas na Paraíba e mostrar imagens do passado que antes estavam imersas para ser esquecidos. Logo em sua abertura com a introdução podemos observar uma estratégia de leituras por meio dos jogos do prefácio que vai ser feito pela intervenção do historiador Fernando de Azevedo, autor de um livro que se tornou referência na época com o título de “As Ligas Camponesas”⁴. Azevedo escreveu o prefácio do livro de Cezar Benevides, como forma de dar credibilidade ao pensamento de Benevides repentindo os mesmos argumentos na introdução do livro. Dessa forma Azevedo escreve,

Camponeses em Marcha é um livro sobre as Ligas Camponesas de Sapé, onde militou o legendário João Pedro Teixeira, assassinado por capangas do latifúndio em 1962, e sua mulher Elizabeth, hoje conhecida nacionalmente depois do filme de Eduardo Coutinho, *Cabra Marcado para Morrer ...* Ao longo de cinco capítulos, o leitor se defrontará com uma história de violência e impunidades de uma das mais reacionárias frações da nossa elite agrária a dos usineiros que compõem o que se chama, Paraíba de grupo da várzea... A última vítima foi Margarida Maria

³ BENEVIDES, Cezar. Op. Cit. p. 15.

⁴ AZEVEDO, Fernando Antônio. *As Ligas Camponesas*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1982.

Alves, presidente dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, assassinada com tiro, em agosto de 1983, por capangas deste mesmo latifúndio que, após o golpe de 64, também foi responsabilizado pelo “desaparecimento” de Nego Fubá e Pedro Fazendeiro, ex-líderes das Ligas de Sapé.⁵

Podemos ir ao encontro da introdução feita por Cezar Benevides autor do livro “Camponeses em Marcha”:

1962. Dois de Abril. João Pedro Teixeira, líder camponês, presidente da liga Camponesa de Sapé, na Paraíba, presbiteriano, analfabeto e pai de onze filhos, morre fuzilado a caminho de Sapé, na Paraíba, na entrada do Café do Vento, numa tocaia previamente anunciada pelos latifundiários do Grupo da Várzea.

1983. Doze de agosto. Margarida Maria Alves, líder camponesa, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, a poucos quilômetros de Sapé, morre com um tiro no rosto, à porta de sua casa e diante do filho menor, em crime aparentemente, planejado e executado pelos latifundiários do Grupo da Várzea.

1985. Nestes 21 anos que separam o duplo trucidamento, vários assassinatos foram cometidos, todos com garantias prévias das impunidades e tendo por vítimas camponeses, líderes sindicais advogados dos trabalhadores rurais e pessoas comprometidas com os direitos humanos no Nordeste.⁶

Esses dois intelectuais olharam para João Pedro Teixeira como uma figura que lembra o passado e para Margarida Maria Alves como continuação da luta de João Pedro Teixeira no presente, para afirmar que esse mesmo presente nada mudará, e assim os dois construíram uma leitura marcada pela semelhança entre passado e o presente. Seus gestos são de quem olha para o passado diluindo as diferenças de dois tempos que estão justapostos, o presente serve apenas para ajuste de conta com o passado tendo em vista o resgate dessa memória do passado. Benevides constrói o passado como um monumento no presente aparando/diluindo as diferenças para valorizar em grande medida as imagens do passado, fazendo desse passado um ponto de referência. Para ele, o presente é apenas o lugar de conexão com os fios do passado, pois este mesmo passado é

⁵ AZEVEDO, Fernando Antônio *Apud* BENEVIDES, Cezar. Op. Cit. p.17.

⁶ BENEVIDES, Op. Cit. p. 21-22. (Grifos meus)

resgatado como valoroso marcado por memórias lutas e coragem que se corporifica na imagem escrita e encarnada em João Pedro Teixeira.

Por isso, Benevides e Azevedo para estabelecer um ponto de ligação do passado com presente acabam por colonizar Margarida Maria Alves em função do resgate das memórias de João Pedro Teixeira. Esses dois intelectuais para estabelecer uma conexão entre o passado e o presente, olham para o presente como lugar de resgate para provocar uma mobilização tanto do debate quando a reativação das Ligas Camponesas. Benevides e também Azevedo estabeleceram um pequeno inventário por meio do seu texto para da continuidade passado, pois como eles falaram nos 21 anos que separou o duplo trucidamento (João Pedro e Margarida Alves) vários assassinatos continuaram sendo cometidos, no entanto todos com garantias prévias das impunidades e tendo como vítima os camponeses, líderes sindicais, advogados dos trabalhadores rurais e pessoas comprometidas então com os direitos humanos no Nordeste.

Benevides retoma o passado para informar por meio da sua obra como estava à política Paraíba neste cenário político entre os finais da década 50 e início da década de 60. Como ele mesmo coloca, no início da década de 60 vigorava no país o populismo, que os setores democráticos e as forças progressistas. Sobretudo no quadro Nacional, com a posse de João Goulart abria o espaço para movimentos de massa. Neste contexto se deu a campanha eleitoral de 1960, na Paraíba com Pedro Gondim mobilizando a classe média e buscando respaldo financeiro nos grupos econômicos colocados por Benevides com os mais reacionários do Estado. Essa aliança com o Grupo da Várzea como era chamado neste período o grupo de latifundiários é colocada da seguinte forma,

O futuro político da Paraíba estava estigmatizado por esse jogo de aliança lesivo aos interesses populares. Mal havia iniciado o segundo governo de Pedro Gondim, quando as primeiras associações camponesas despontavam com o máximo de vigor e organização. O movimento camponês, ao ocupar espaço na arena política, fez ressurgir

as contradições das classes antagônicas no processo produtivo ao mesmo tempo que assumiria a natureza orgânica e dimensão nacional.⁷

Dessa maneira surge, segundo Benevides, o movimento de conscientização como ele mesmo chama as Ligas Camponesas e que havia se estruturado no combate por reivindicações cuja bandeira era a reforma agrária. Benevides reproduz a lógica da época quando coloca que foi neste período o camponês havia tomado consciência de sua posição histórica, de sua classe histórica, de sua classe social e, acima de tudo, de sua força coletiva. E o governo da Paraíba comprometido com a “conciliação conservadora” dos segmentos dominantes estreitava os laços entre governo da Paraíba e o bloco agroindustrial. Diante desse contexto das Ligas Camponesas, sobretudo depois do forte acirramento dos movimentos das Ligas Camponesas na Paraíba com os latifundiários culmina no assassinato de João Pedro Teixeira o que leva como forma de protesto a imprensa paraibana a dedicar uma semana a escrever sobre João Pedro Teixeira. Uma história que se traduz na escrita de Benevides a se repetir, já que segundo ele as bases sociais ainda permanecem no que se refere ao latifúndio, que ainda estava intocado já que ele usa o caso da morte da sindicalista Margarida Maria Alves como forma de continuação dos mesmos problemas e dramas das décadas passadas.

Portanto, João Pedro Teixeira e Margarida Maria Alves são acionados para informar a academia nos anos 80, sobretudo à sociedade, que havia no presente uma dívida com a geração passada e que deveria se resolver a questão agrária. Por isso, a tentativa de se resgatar João Pedro Teixeira e evitar que Margarida Maria Alves seja esquecida como tentaram fazer com João Pedro Teixeira, para Benevides os coloca como monumentos na história das lutas da história da luta no campo pela terra. Dessa forma João Pedro corporifica a memória das Ligas Camponesas como exemplo do passado. E a dos sindicatos rural que se

⁷ BENEVIDES, Cezar. Op. Cit. p. 41.

corporifica com Margarida Maria Alves representando o presente, com a união das duas histórias como forma de estabelecer formas de continuidades.

Cezar Benevides e Fernando de Azevedo olharam para a memória de João Pedro Teixeira com objetivo de fazer um resgate da história das Ligas Camponesas com tintas, ares e contornos de uma história monumental, onde eles mostram os projetos políticos que deveriam ser resgatados tendo como maior deles a reforma agrária que deveria ser colocada novamente na ordem do dia. Benevides coloca o presente a serviço do passado quando ele o segmenta no sentido de recuperar esses fragmentos do passado nos colocando com isso o peso do devir de sermos herdeiros ou mesmo devedores dessa história que se traduz pela forma da escrita do seu artefato,

O que pretendia João Pedro Teixeira, em 1962? O que pretendia Pedro Fazendeiro de nego Fubá, líderes camponeses desaparecidos em 7 de setembro de 1964, depois de libertados do 15º Regimento de infantarias aquartelado na capital paraibana? O que pretendia Margarida Alves, em 1983? O que pretendia tantos outros homens e mulheres do campo assassinados ou desaparecidos, senão terra plantar e algumas dignidades para sua existência?⁸

Benevides saqueia os restos do passado e pratica uma inversão já que ele não interroga a história de João Pedro Teixeira, mas sim nos interroga como podemos observar no conjunto dessas quatro interrogações. Interrogações que carregam o peso do passado a nos impor como uma obrigação de sermos devedores desse passado não muito distante, sobretudo quando eles são reativados para mostrar que não há mudança entre os tempos, “passado e presente”, mas que no presente encontram-se marcas desse passado que se encarnam no assassinato da sindicalista Margarida Maria Alves já que ela representa, no contexto da década de 80, a continuação de sonhos e desejos que marcaram a luta de João Pedro Teixeira. As interrogações que foram construídas por Benevides funcionam como um apelo para que os leitores se coloquem no dever de responsabilidade para com esse passado no sentido de continuar com

⁸ BENEVIDES, Cezar. Op. Cit. p. 21.

luta das Ligas Camponesas, tendo a história de João Pedro como um modelo e emblema a continuação.

Dessa maneira, Benevides ao tomar o corpo de João Pedro Teixeira como espaço de escritura, como também o de Margarida Maria Alves para fabricar a tessitura de sua história, acabou por diluir a singularidade de suas experiências de vida quando comparou arbitrariamente a luta de Margarida com a de João Pedro em momentos e temporalidades distintas. A diluição das diferenças e das particularidades históricas se deu quando Benevides valorizou em desmedida dois personagens ou quando falou dos outros personagens da história das Ligas Camponesas como Nêgo Fubá e Pedro Fazendeiro para colocá-los nos bastidores, fazendo deles apenas uma referência que se fixa em um nome sem mencionar as suas participações.

Segundo os estudos de Noéli Correia de Mello Sobrinho podemos notar que a obra "Camponeses em Marcha", se cristaliza como também se fixa na imagem de historiador que se propõem a comparar impropriamente o passado como o presente, quando passam a identificar e a generalizar arbitrariamente as particularidades históricas e ao valorizar em desmedida alguns fatos em detrimento de outros, eles caem na imprecisão e falseamento, pois fazem abstrações das diferenças, das singularidades, para estabelecer homologias das coisas que jamais podem se repetir novamente.⁹

Como podemos observar quando Benevides escreve a história de João Pedro Teixeira como também na de Margarida Maria Alves, ele escreve para determinar a continuidade entre esses dois personagens. Benevides compõe a sua história procurando a semelhança, a continuidade e não a diferença, a descontinuidade seria a dissolução, por isso tecer essa história foi uma tentativa de produzir uma história monumental para João Pedro Teixeira. Por isso, Benevides acaba também por fazer uma caricatura com a história de João Pedro

⁹ MELO SOBRINHO, Noéli Correia. Apresentação e Comentário. In: NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos Sobre História**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; São Paulo: Loyola, 2005. p. 28.

Teixeira como também com a de Margarida Maria Alves quando afirma dessa forma,

João Pedro Teixeira, na sua fisionomia tranqüila, dava a impressão de um obstinado. Dedicava-se à causa camponesa pertencessem a própria família, a pesar dos encargos com onze filhos menores – todos trabalhando no pequeno sítio Sono das Antas, nas proximidades de Café do Vento. Sua atuação pela tenacidade inquebrantável, lembrava Margarida Alves. Ambos de baixa estatura e de fisionomia mais alegre do que preocupada. Movidos por crenças inabalável revelavam um gênero de perseverança tal que não lhes sobrava tempo para coisa alguma, além as missão a cumprir.¹⁰

Seguindo as trilhas do filósofo Miguel Angel Barrenechea, estudioso do pensamento de Friedrich Nietzsche, podemos observar que o gesto de Benevides quando escreveu a história de João Pedro Teixeira e Margarida Maria Alves para produzir um passado monumental também é cheio de efeitos e práticas sobre si. Gesto que funda um olhar de quem acredita na humanidade, pois escreve para promover uma mobilização, tendo em vista para isso as “grandezas do passado”, fazendo da história uma arma política a ser usada como lugar de verdade e redenção no presente e com isso eles acabam por petrificar esse mesmo tempo presente¹¹ sob o signo da continuidade.

Pois quando Benevides fez desses personagens exemplos a serem seguidos acabou também por diluir as diferenças entre o passado e presente, sobretudo no que se refere a João Pedro como a Margarida Maria Alves, acabando dessa forma por petrificar o tempo presente que é eterno e transitório. O tempo presente para Benevides passa a ser um lugar estático colocando para isso uma nova geração a serviço do passado quando ele lembra as décadas de 50 e 60. E com isso, ele acabou congelar os devires de criação e invenção, ou seja, a capacidade que cada geração tem criar seu próprio presente e por consequencia o seu próprio futuro, se utilizando da história não como lugar

¹⁰ BENEVIDES, Cezar. Op. Cit. p. 78 -79

¹¹ BARRENECHEA, Miguel Angel (Orgs). **As Dobras da Memória**. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2008. p. 51 – 66.

resignação de quem é devedor do passado, mas como um lugar de criação da transvalorização do passado.

O filósofo Barrenechea colocou por meio do seu texto uma alerta para aqueles que, assim como Benevides, colocam a história a serviço do passado e não se apropriam do passado para produzir e inventar novas possibilidades de vida. O alerta é que ao invés de ruminar o passado é melhor e devemos digerir para transformá-lo em algo que sirva para vida, pois a vida é quem deve avaliar esse passado e não racionalidade adquirida de um devir segmentado linear que tenta instituí-lo com as mesmas imagens do passado novamente fazendo da história um lugar de resignação.¹²

1986. João Pedro “volta” à cena outra vez sob a forma de texto. E por meio de outro túmulo escriturário. Túmulo escriturário é como Michel de Certeau chama uma obra que é escrita sobre o passado e que é escrita para os pares como história, obra que tem ao mesmo tempo a função de honrá-lo, como também liberar o morto para uma nova vida, mesmo sabendo que o morto fica novamente preso em um texto consistindo dessa maneira a beleza do morto¹³. No meio da década de oitenta do século passado o livro “*A vitória dos Vencidos*” da socióloga Bernardeth Aued, vai também trazer João Pedro Teixeira a cena de novo, e logo depois de lermos quatro folhas de um capítulo intitulado “Sobre o Líder camponês João Pedro Teixeira”¹⁴, a autora coloca a seguinte citação em sua obra. E que segundo a ela, esta fala que foi acionada no seu texto seria de um remanescente do Partido Comunista do Brasil. E, portanto sendo usada por ela com a finalidade de aproximar a imagem João Pedro Teixeira com a do Partido Comunista Brasileiro, como uma forma de protestar contra a produção do silêncio em torno dele também,

¹² Idem.

¹³ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 56-57.

¹⁴ AUED, Bernardeth W. *A Vitória dos Vencidos: Partido Comunista brasileiro e as Ligas Camponesas 1955-64*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1986. p. 45-50.

A cruz de madeira simbolicamente colocada no local da emboscada e que foi mais de uma vez destruída pelas mesmas mãos que lhe tiraram a vida, até mesmo a cruz de cimento aramado que em 64 foi desfeita com rajadas de metralhadora... que João Pedro era um camponês que não pagava o cambão, só pagava o foro, mas foi ele quem abriu a luta contra o cambão; ele era bom. Incapaz de trair a luta. Ele era um homem de partido. Mas tinha uma falta de vigilância de classe que só vendo. Eu conversei com ele oito dias antes sobre, alertei-o. Seu assassinato não foi uma surpresa.¹⁵

Podemos notar que a socióloga catarinense Bernardeth Aued, assim como seu informante também fazia parte do Partido Comunista do Brasil. Por isso, a sua tessitura não é produzida ao acaso, ela escreve a história de João Pedro Teixeira a partir desse lugar de escritura que é reativar a importância do PCB diante dos movimentos sociais. Seu texto é escrito no sentido de valorizar a história do PCB e resgatar a influência do partido sobre as Ligas Camponesas e, sobretudo diluir as críticas feitas ao partido durante as décadas de 50 e 60. O livro de Aued traz uma nota de abertura em sua capa uma nota que é emblemática quanto à função do livro que é mostrar a importância do partido na organização dos camponeses. Dessa forma a escrita do livro trás em sua capa,

Das lutas estudantis, 1968, brotou a certeza de insistir na busca de uma sociedade onde a miséria seja estirpada. **A Vitória dos Vencidos** é o resultado da convivência política com remanescentes das Ligas Camponesas de Sapé na Paraíba.

A Vitória dos Vencidos não é, portanto, livro de gabinete, pura e simplesmente acadêmico. A reconstituição histórica e interpretação sociológica é uma proposta polêmica, pois procura evidenciar aspectos fundamentais da luta que travaram os "julianistas" e "comunistas" no esforço dramático para organizar os camponeses.¹⁶

Segundo Bernardeth Aued os erros que foram cometidos pelo partido na condução do movimento das Ligas camponesas foram de natureza histórica e não teórica. Por isso, ela escreve sobre João Pedro para aproximá-lo com a história do PCB assim como para isentá-lo das posições tomadas nos últimos anos da Ligas Camponesas. Pois no seu texto, fonte e autora se confundem como no caso da fala que ela agencia para que os leitores do seu texto possam ter um novo

¹⁵ AUED, Bernardeth W. Op. Cit. Idem.

¹⁶ AUED, Bernardeth W. Op. Cit. Capa do Livro. (Grifos da autora).

contato com a história, pois como avisei em linhas anteriores é um dos primeiro texto pós-regime militar que vai escrever sobre João Pedro com a função de fazer um resgate do passado. E por isso João Pedro Teixeira é acionado mais uma vez como um corpo escrito por/pela história.

Por meio dessa citação que foi retirada do seu texto, podemos observar que ela faz em um primeiro momento uma denuncia no sentido do desaparecimento, dos marcos que lembram o assassinato de João Pedro, já que eles são espaços de memória e o coloca como uma figura exemplar para em seguida mostrar que faltava a ele uma vigilância de classe que ele não tinha, portanto a sua morte não foi consequência dos rumos adotados pelo Partido Comunista do Brasil na época. Bernardeth Aued escreve sobre João Pedro, para isentar o partido do qual ela faz parte dos erros que esse partido cometeu e usa das linhas da história para colocar o PCB de novo em cena já que a própria o chama de Partido de vanguarda.

Portanto, quando ela fala de João Pedro não o faz apenas para resgatar da sua história, mas, pela possibilidade de rebater as críticas feitas ao PCB nas décadas anteriores como a de que o partido comunista não tinha conseguido vincular a teoria marxista ao movimento camponês. Isso faz com ela deixe essa pergunta ao final do texto *“como vincular a teoria marxista ao movimento camponês?”*.¹⁷ Já que o partido foi duramente criticado por não conseguir adaptar a teoria marxista ao movimento das Ligas Camponesas, sobretudo porque Aued coloca que as distorções foram cometidas na interpretação realidade brasileira, principalmente no que se refere à chamada questão do Campesinato. Muito mais que injustas estas interpretações são reveladoras de insuficiência teórica, levando a dogmatizar determinados conceitos, aplicar simplesmente textos clássicos sem o maior critério.¹⁸ Sobretudo quando a autora mesmo coloca,

A insistência na caracterização da economia brasileira como sendo agrária semi - feudal e semi - colonial sugeria que a revolução deveria

¹⁷ AUED, Bernardeth W. Op. Cit. p. 88.

¹⁸ AUED, Bernardeth W. Op. Cit. p. 21

começar primeiramente resolvendo a questão agrária do campo, a solução do problema agrário através do confisco da propriedade fundiária, da liquidação das sobrevivências semi - feudais da emancipação da dependência imperialista.¹⁹

Aued olha para o passado e para a memória do Partido Comunista Brasileiro para reescrever com tintas vermelhas da bandeira do partido a sua história no presente, portanto para o início da década de 80 como fosse uma tábua rasa pronta como página em branco para ela escrever a sua história e como uma colonizadora ela se apropria do presente convertendo em seu território resgatando para isso o passado novamente. E como isso ela acaba também por escrever sobre João Pedro não apenas para resgatá-lo do passado, mas também de reescrever a história por isso a década de 80 do século passado será vista no primeiro momento como lugar de retomada do debate, para depois ser um território de disputa e de embates de memórias. Como podemos perceber quando ela fala em seu texto sobre João Pedro Teixeira,

Filho do seu tempo, soube assumi-lo, soube fazer uso das "lições de unidades operárias", ainda que historicamente tenha cometido alguns equívocos.²⁰

Bernardeth inaugura no seu texto de forma explícita a suposta relação de João Pedro Teixeira com o partido comunista, que até então esta ligação com este partido havia passado de forma velada pelos jornais da imprensa paraibana. Essa suposta relação com PCB era insinuada mais não diziam de forma explícita, as matérias da imprensa paraibana deram início a produção de João Pedro Teixeira como o herói camponês a partir do discurso marcado por valores cristãos como a solidariedade, compaixão e união valores que são enaltecidos pelas sociedades cristãs.

Teria então Bernardeth Aued maculado à memória de João Pedro ao colocá-lo entre a história do Partido Comunista Brasileiro? Se ela maculou a história do herói camponês não é nos dias de hoje uma questão interessante. É

¹⁹ Idem.

²⁰ Ibidem. (Grifos meus)

interessante entendermos nesta recolonização do corpo de João Pedro Teixeira e que ela toma o corpo do morto como uma página em branco, para escrever sobre o corpo de João Pedro uma narrativa em função dos seus interesses. E assim, ela demarca um pequeno inventário de João Pedro como líder para depois colocá-lo como membro do partido comunista e isentar o próprio partido das críticas que ele sofreu durante os anos oitenta. Ela usa a história de João Pedro para compor um espaço de heroísmo para Partido Comunista do Brasil, como ela própria fala, o partido de vanguarda. João Pedro Teixeira é para Aued o camponês representante e consciente do seu papel em sua classe de camponês, como o uma figura emblemática que agenciava e instrumentaliza as propostas do PCB. Dessa forma Aued coloca as estratégias adotadas por esse partido que foi pensada como também colocada em prática pelo movimento das Ligas Camponesas nesse período. Ela coloca este documento para mostrar as estratégias políticas que foram adotadas pelo PCB durante o período,

Para impulsionar o movimento camponês, é preciso partir do seu nível atual, tomando como base as reivindicações mais imediatas e viáveis, como o salário mínimo, a baixa de arrendamento, a garantia contra os despejos e evitando, no trabalho prático, as palavras de ordem radicais que se encontrava maduras para a sua realização. Também no campo, a experiência demonstrada que a atuação através das formas legais de lutas e de organização é aquela que permite alcançar êxito para as massas. Assim é tem progredido, além das associações rurais e cooperativas, a organização dos assalariados e semi – assalariados em sindicatos, que já obtiveram vitórias em contendas com fazendeiros. Tem grande importância a defesa jurídicas dos direitos já assegurados aos camponeses. A ação de massas se mostra indispensável para vencer a resistência dos latifundiários no Parlamento e conquistar a aprovação de leis que correspondem aos interesses dos trabalhadores agrícolas, inclusive a elaboração de uma legislação trabalhista adequada ao campo.²¹

Podemos perceber que esse documento que foi acionado por Bernardeth Aued, foi uma maneira dela também mostrar a atuação do Partido Comunista Brasileiro para a tida organização dos camponeses. O documento escrito pelo próprio partido e que Bernardeth Aued acionou em seu texto foi escrito logo na

²¹ PCB: VINTE ANOS DE POLÍTICA, 1958-1979: Documentos. São Paulo: Ciências Humanas, 1980. p. IX *apud* AUED, Bernardeth W. p. 24-25.

abertura dos anos 80, e com isso podemos compreender porque o texto coloca em sua maioria as estratégias adotadas por esse partido diante das Ligas camponesas, sobretudo mostrar nos anos oitenta todas as vias percorridas por esse partido, sobretudo quanto a sua legalidade. No entanto, ele deixa vaziar em suas linhas uma crítica feita dentro do próprio partido quanto aos camponeses no que se refere à atuação dos camponeses que seria indispensável na conquista dos direitos pregados pelo mesmo partido, fato esse que não ocorreu da forma como eles queriam. A socióloga recorre aos escritos de Karl Marx para explicar o fato dos camponeses não terem aderido ao movimento da forma que era pregada pelo partido, por não ser uma classe tida como verdadeiramente revolucionária na escrita do partido. Por isso Aued aciona uma citação de Marx e Engels para o seu texto como forma de justificar o fato dos camponeses não terem feito a revolução no Brasil, como podemos observar na seguinte citação colocada por ela,

De todas as classes que ora enfrentam a burguesia, só o proletariado é uma classe verdadeiramente revolucionária. As outras classes degeneram e perecem com o desenvolvimento da grande indústria; o proletariado, pelo contrário, é o seu produto mais autêntico. As classes médias – pequenos comerciantes, pequenos participantes, artesãos, camponeses - combatem a burguesia porque esta compromete sua existência como as classes médias. Não são, pois, revolucionárias, mas conservadoras; mais ainda, reacionária, pois pretendem fazer girar para trás a roda da história. Quando são revolucionárias é em consequência de sua iminente passagem para o proletariado; não defendem os seus interesses atuais, mais seus interesses futuros; abandonam seu próprio ponto de vista para se colocar no do proletariado.²²

2000. João Pedro Teixeira “reaparece” novamente e mais uma vez tem o seu corpo escrito/produzido por história. Uma história²³ que foi escrita em contraponto a todas as outras que já escreveram sobre ele. A trama dessa história é marcada pela melodia da saudade, quando também por uma forte admiração por esse sujeito, já que em grande medida esta historiadora recorre às memórias de sua viúva para contar a história desse herói. A historiadora Maria do

²² Do Manifesto do Partido Comunista de Marx e Engels *Apud* AUED, Bernardeth. Op. Cit. p. 51.

²³ RANGEL, Maria do Socorro. **Medo da Morte; Esperança de vida: As Ligas Camponesas na Paraíba.** Campinas/SP. Dissertação de Mestrado: Universidade Estadual de Campinas – IFCH, UNICAMP, 2000.

Socorro Rangel revisita o passado para construir outra história para João Pedro Teixeira com os fios da “New history” ou da “história vista de baixo”²⁴. O que implica em afirmar que a tessitura da sua história tem como forte inspiração as obras de um dos principais expoentes da New History inglesa como Edward Palmer Thompson. A New History ou História Vista de Baixo surgiu como um modelo alternativo de escrita da História que tem proposta central resgatar a história do ponto de vista das pessoas comuns, ganhando dessa forma contornos de protagonistas de suas histórias. Esse paradigma serviu de inspiração para escrever a história de inúmeros protagonistas que antes estavam anônimos. Sobretudo quando se propõem a escrever a sua história para resgatar o seu ponto de vista como também as ações desse protagonista dentro da sua própria historicidade.

Essa perspectiva de contar uma história a partir do olhar de baixo influenciou em grande medida a escrita da dissertação de Socorro Rangel no sentido de que ela opta, e, sobretudo influenciada por esse paradigma de pensamento por escrever a história de João Pedro Teixeira a partir das memórias de Elizabeth Teixeira, deixando com isso a margem do seu texto um grande arquivo que foi escrito sobre João Pedro Teixeira no ano de 1962 pela imprensa da Paraíba. Mas por que essa escolha? A escolha de Socorro Rangel por escrever a história de João Pedro Teixeira pela via do discurso de Elizabeth Teixeira lhe permitiu resgatar um pouco da experiência histórica desse sujeito para mostrar que ele esteve presente em seu próprio fazer-se como líder camponês e a também trazer para sua história os seus sentimentos, sonhos, empates, esperanças e suas relações com sua família.

Dessa forma, Socorro Rangel apresenta nos primeiros momentos do seu texto um pouco da história de João Pedro Teixeira no que refere – se ao nascimento, os motivos que fez com que não tivesse conhecido o seu pai e

²⁴ Cf. SHARPE, Jim. **A História Vista de Baixo**. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. p. 39-62.

alguns anos mais tarde depois de uma sucessão de acontecimentos ele acabou indo morar em Sapé, enfatizando também sua experiência como trabalhador,

Já em Sapé, João Pedro conciliava o trabalho no roçado do tio com o trabalho alugado na pedreira de um dos mais ricos latifundiários da região, o usineiro Renato Ribeiro Coutinho. O trabalho da pedreira era pesado estigmatizado como coisa de cassaco, ou seja, de migrante temporário, sem terra, que vive exclusivamente do salário recebido. Os trabalhadores temporários em geral estavam ligados a um contrato de trabalho informal com um empreiteiro que organizava o trabalho, controlava as diárias e providenciava o pagamento. Boa parte do salário era distribuída em vales para o barracão e o mestre Jacques o empreiteiro daquela pedreira, havia firmado um acordo com um pequeno proprietário do sítio "Antas do Sono" que também era dono de uma mercearia, para o fornecimento da "feira" semanal aqueles trabalhadores.²⁵

E em outro momento ela se dedica a resgatar por meio da memória de Elizabeth Teixeira, o início do namoro de João Pedro Teixeira, recorrendo dessa maneira a memórias de sua viúva. Dessa forma, Socorro Rangel aciona as memórias de Elizabeth Teixeira para que ela conte como conheceu o seu marido,

Lembro muito bem. João Pedro chegou com um grupo de companheiros de trabalho. Realçava dos demais pelo porte alto e atlético, apesar de magro tinha ombros largos e se vestia com cuidado. Os cabelos, apesar de crespos e duros estavam muito bem cortados e penteados. Uma fileira de dentes muito alvos, a pele bem morena combinava com os olhos. Era muito bonito e simpático.

Entretanto não foi só o físico que me chamou a atenção, foi o seu olhar e sua voz, uma mistura de força e ternura:

"- Por favor senhorita!"

Com muita delicadeza estendeu o braço e me entregou a lista de compras. À medida que eu ia buscar as mercadorias solicitadas, sentia seus olhos se dirigirem para as minhas mãos, o tempo todo, enquanto eu ajeitava as compras. Achei graça na atitude daquele rapaz tão educado. Fiquei envaidecida. Olhei depois tentando entender a razão daquele olhar. Só quando passamos a conversar por carta e que João Pedro me confessou ter achado lindo o contraste da minha pele branca com o esmalte vermelho que eu usava.²⁶

Essa narrativa é apropriada pela historiadora Maria do Socorro Rangel, para que ela possa construir uma narrativa que resgate os conflitos iniciais entre

²⁵ RANGEL, Maria do Socorro. RANGEL, Maria do Socorro. **Medo da Morte; Esperança de vida: As Ligas Camponesas na Paraíba**. Campinas/SP. Dissertação de Mestrado: Universidade Estadual de Campinas – IFCH, UNICAMP, 2000. p. 161.

²⁶ RANGEL, Maria do Socorro. Op. Cit. p. 161-162.

João Pedro Teixeira e a família de Elizabeth Teixeira que não aceitava o seu namoro, já que seu pai o proibiu. Rangel coloca que a paixão do galante e educado lavrador com a mocinha vaidosa só cresceu a partir desse momento. Mas diante de toda essa euforia surge a figura do pai de Elizabeth a impor censuras que começaram a serem quebradas durante a Festa de São Sebastião, levando a contar essa cena com as tintas e intensidades das memórias de Elizabeth Teixeira,

Em janeiro, a festa de São Sebastião apareceu como uma oportunidade para um encontro. Elizabeth se esforçou para conseguir autorização do pai desconfiado e preconceituoso - seu Justino não queria o namoro por ser João Pedro negro pobre – e contou com a ajuda da mãe e dos tios para dobrar o velho. Depois de muitas garantias o pai cedeu. Daí por diante, toda preocupação era com os preparativos: vestidos e sapatos novos, um tratamento especial aos cabelos compridos, perfume de flor e, na hora da saída, o último toque: batom passado nos lábios por mãos trêmulas de ansiedade. Por todo caminho *o coração batia forte batia, toc... toc... toc..., tão forte que chegava a doer.*²⁷

Segundo Rangel, as alegrias do jovem casal de namorados acabou diante da proibição do pai de Elizabeth Teixeira, pai esse que é colocado no seu texto como um homem desconfiado e preconceituoso. Mas, não demora muito e depois de seis meses João Pedro Teixeira decide enfrentar o pai de Elizabeth indo até a sua casa pedi-la em casamento, resposta essa que ele recebeu como negativa. Sem a possibilidade de acordo com o pai de Elizabeth, eles resolveram fugir e foram morar com o tio de João Pedro no engenho Massangana. Em 26 de Julho de 1942, casaram – se em Cruz do Espírito Santo, município vizinho a Sapé numa cerimônia organizada pela família de João Pedro Teixeira.

Dessa maneira podemos entrar em outro momento do texto da historiadora Maria do Socorro Rangel, na parte em que ela enfatiza a história de João Pedro Teixeira no território das Ligas Camponesas e sua atuação como líder camponês. E mais uma vez encontramos as cores e intensidades das memórias de Elizabeth Teixeira, pois ela se torna o fio de Ariadne dentro da historia que Rangel quer escrever para João Pedro Teixeira. Sendo que ela instaura como marco inicial da

²⁷ RANGEL, Maria do Socorro. Op. Cit. p.162. (Grifos e da própria obra citada)

atuação dele em um conflito que ocorreu entre ele e o seu tio por discordar da forma como ele passou a tratar os moradores do engenho. Aí a memória de Elizabeth é acionada de novo para contar este episódio na história de João Pedro Teixeira,

O primeiro foi quando expulsou de Massangana uma família com oito filhos pequenos, sem qualquer direito. Eles tinham benfeitorias, tinham uma boa roça, mas saíram com as mãos vazias, apavoradas diante da surra que o chefe da família levou e das ameaças do tio Luiz. Naquela época eu não tinha consciência dos direitos dos trabalhadores. Ficamos penalizados com o caso, com muita pena do trabalhador, mas foi com um certo tempo, depois passou. Por muito tempo, depois passou. Por muito tempo não tivemos notícia desagradáveis sobre o comportamento do tio Luiz Pedro. Tínhamos até esquecido o fato quando fomos surpreendidos por mais uma atitude incorreta: na fazenda morava uma garotinha muito bonita. No nosso tio tinha bebido bastante e se dirigiu para a casa da viúva e tentou "bolir" com a menina. A pobre viúva teve que sair da casa com a filha, aos prantos e procurar um esconderijo.²⁸

Esse fato se insinua para Socorro Rangel como uma ruptura na vida de João Pedro Teixeira, fazendo com ele saísse do engenho Massangana, passando posteriormente a morar em Recife, onde João Pedro continuava a trabalhar na pedreira e como também na construção civil, passando a frequentar as reuniões na igreja e as reuniões tidas como de esclarecimentos dos camponeses. Esse fato fez com que João Pedro Teixeira ficasse sem emprego como é colocado por Rangel, através da fala de Elizabeth Teixeira,

A mera fundação de um sindicato de classe para esse proprietário foi imperdoável e João Pedro começou a pagar muito caro por esse "crime", todas as portas passaram a ser fechadas e quando conseguia um emprego, não demorava muito, sem qualquer razão era despedido, apesar de ser ele um excelente profissional – foi ele quem construiu o monumento "Tenente da Cateni" feito todo em mármore, para um usineiro em Santo Amaro, Recife.²⁹

Socorro Rangel informa por meio do seu texto que sem emprego fixo e com o nascimento de um filho, a situação financeira de João Pedro Teixeira ficou muito difícil, mas mesmo assim ele havia tentado conciliar a responsabilidade de manter a família sem abrir mão da organização do sindicato da pedreira. Fato

²⁸ RANGEL, Maria do Socorro. Op. Cit. p. 165.

²⁹ RANGEL, Maria do Socorro. Op. Cit. p. 166.

esse que é narrado por Elizabeth Teixeira dentro do texto de Socorro Rangel da seguinte forma,

Qualquer emprego era emprego para João Pedro Teixeira e, apesar de todas as dificuldades, não perdia a fé, a alegria, a ternura para todos nós. Entretanto, não abandonava a luta – as reuniões continuavam em nossa casa nos fins de semana durante a noite, outras reuniões começam quando as pessoas iam dormir e às vezes só acabavam quando o dia queria amanhecer. Sabia das reuniões, sabia que às vezes eram com companheiros do Partido Comunista (PCB), mas nunca participei dessas reuniões, como também não sabia o que se discutia. Em 1951, não me lembro o mês, a polícia “atocaiando” a nossa casa, havia uma importante marcada: se João Pedro sáisse por certo, seria seguido. Com muito cuidado, avisamos ao Serafim e esse foi avisar aos companheiros no ponto do ônibus onde costumavam descer. Foi um sufoco danado.

A cada ano que passava a nossa situação ia ficando mais e mais difícil. Fomos renunciando a tudo que era possível, mas tudo estava caro para quem já não podia contar com um salário. Por mais que tentasse colaborar financeiramente não conseguia grande coisa. João Pedro também fazia de tudo mas era tão pouco o que não dava quase para nada.³⁰

Diante de tantas dificuldades financeiras vividas pelo casal, Socorro Rangel aborda que em 1954, Elizabeth Teixeira recebeu em Recife a visita de seu irmão mais velho, Euclides Justino que logo constata as dificuldades financeiras passada por sua irmã. E com isso acaba por sugerir que ela voltasse para Sapé, mas desconfiada ela questiona se o seu pai a aceitaria de volta, pois eles estavam com dez anos que não se falavam. Nisso Euclides Justino promete a sua irmã que iria conversar com seu pai, e logo após quinze dias ele volta à cidade do Recife para dizer a Elizabeth Teixeira que o seu pai havia concordado em ceder para ela um sitio que havia comprado recentemente. Diante do convite, sobretudo pela aceitação do seu pai Elizabeth Teixeira fica muito contente com a possibilidade da volta a Sapé, mas que, no entanto sua alegria havia passado a dar lugar ao medo da reação de João Pedro Teixeira. Mas diante de tantas incertezas João Pedro acaba aceitando voltar para Sapé e para as terras do seu sogro.

³⁰ RANGEL, Maria do Socorro. Op. Cit. p.167.

E logo Socorro Rangel elucida, que João Pedro parece não ter concordado em vir para Sapé só para resolver sua situação familiar ou só para voltar a ser um agricultor. Elizabeth conta que ele quando chegou fez logo muitas amizades e, entre os novos amigos, localizamos vários personagens que mais tarde iriam com ele organizar as Ligas Camponesas na Paraíba como Ivan Figueiredo, João Alfredo – o Nêgo Fuba, Severino dias. E com isso Rangel nos convida mais uma vez a entrarmos no relato de Elizabeth Teixeira para tentar chegar mais perto da forma como esse empreendimento de mobilizar e organizar os camponeses, que eram cotidianamente realizados. Dessa forma Socorro Rangel acionou as memórias de Elizabeth Teixeira,

João Pedro Trabalhava durante a semana na terra e todos os fins de semana fazia reunião com os camponeses: em Miriri, Antas, Corredor, São Miguel de Taipú, Sapucaia, Carucú e outras regiões do Brejo. Ia de Bicicleta quando não era muito distante e caso contrário, tomava ônibus. Chovesse ou fizesse sol, ele nunca faltava a essas reuniões.

Em pouco tempo ficou conhecido nas redondezas. Em 1956 houve uma reunião em minha casa. Reunimos trinta companheiros, entre eles estavam Pedro fazendeiro, Nêgo fubá e muitos companheiros de Sapé e Miriri.

No dia seguinte, a repressão cercou a minha casa. Um aparato policial digno de guerra – metralhadoras, baionetas, muitos gritos e muitas ameaças. Os policiais levaram João Pedro preso. Ele apanhou muito e ficou oito dias encarcerados, tratado como um criminoso apesar de ser um honesto pai de família.

Os camponeses ficaram amedrontados.

Meu pai apareceu “com a moléstia” e aos gritos mandou-me embora da casa e das terras, inventou até uma venda para o Sítio ao sargento Moisés. Fizeram muita pressão para nos despejar do Sítio, mas resistimos.

Agora não era apenas a prepotência do meu pai, havia o poder do latifúndio. Os senhores das terras estavam preocupados com João Pedro. Ele era “perigoso” porque estava ensinando aos homens do campo que eles estavam sendo explorado e tinham direito a terem uma vida digna, já que eram as suas mãos que criam toda a riqueza dessas terras.³¹

Esse inventário construído por Elizabeth Teixeira foi acionado por Socorro Rangel para mostrar como João Pedro Teixeira deu início a sua atuação como líder camponês. Mas Rangel traz um fato novo ao seu texto no sentido em que ela coloca que diante do clima de violência instaurado com a sua vinda para Sapé,

³¹ RANGEL, Maria do Socorro. Op. Cit. p. 169 -170.

João Pedro por decisão dos companheiros, teve que partir para o Rio de Janeiro e lá ficou por oito meses trabalhando em uma pedreira e depois retorna a Sapé para fundar a associação que receberá o nome de Liga Camponesa de Sapé. Socorro Rangel registra em seu texto aquilo que seria para ela primordial para produzir a sua experiência de classe entre os outros camponeses: o fato de João Pedro após voltar do Rio de Janeiro ler com afinco livros, revistas e jornais como a "Voz Operária e o "Terra Livre" assim como também a ler com afinco os escritos de Francisco Julião, pois a sua intenção seria, segundo Rangel, se preparar melhor para convencer os camponeses da necessidade de organização³².

Essa conclusão feita por Socorro Rangel para compreender João Pedro Teixeira vai lhe permitir quebrar com os estudos de Bernardeth Aued, pois segundo Rangel não é importante definir se a Liga Camponesa foi uma criação do Partido Comunista. E dessa forma como leitora e estudiosa da História Social Inglesa justifica que, prefere ler essa experiência a partir da confluência de várias influências, de varias leituras, de várias proposições como é possível comprovar na indicação de Elizabeth Teixeira, de que João Pedro, já em 1958, lia os textos de Julião, e também o convite feito por eles para que Julião fosse advogado da Liga de Sapé, por isso o esforço de Rangel para entendê-lo não a partir de uma única influência, mas entender dentro de suas possibilidades. Dessa forma Rangel enfatiza,

João Pedro soube conciliar bem as lições que aprendera na sua participação política no sindicato da pedreira em Recife, sua fé religiosa e sua indignação frente às injustiças – como esquecer o motivo da briga com o tio? -, e dosava nas conversas com seus vizinhos a denuncia da violência dos grandes proprietários, a necessidade de garantir direitos e a esperança de um dia alcançar a terra prometida.³³

Assim, ela justifica que João Pedro Teixeira não se inscreveu em sua história como um mediador que tinha a função de interpretar proposições ou de falar pelo outro. Ele fez sua vida coincidir com a vida desse outros, por isso ele

³² RANGEL, Maria do Socorro. Op. Cit. p.171.

³³ RANGEL, Maria do Socorro. Op. Cit. p.176.

rompeu com uma tradição típica da ação que é a do discurso imposto pelo outro. João Pedro Teixeira como líder informava à medida que ele era informado, já que ele escutava os outros camponeses, escutava Julião e lia o "Jornal Terra Livre". E assim ele acabou por criar um arquivo que foi instrumentalizado na hora em que ele era preciso agir.

Dessa forma, podemos concluir que a escrita do trabalho da Historiadora Maria do Socorro Rangel no tocante a João Pedro Teixeira, se inscreve naquilo em Certeau se apropriou do pensamento de Jules Michelet para abrir o seu livro "A Escrita da História"³⁴ como uma obra de história que é fabricada para ressurreição dos mortos como uma tentativa de trazê-lo de volta para uma nova vida. Socorro Rangel produziu/escreveu a sua dissertação como uma historiadora estudiosa e benevolente, terna para com João Pedro Teixeira, percorrendo por meio da sua própria vida, de idade em idade, sempre jovem, jamais cansada, durante anos para produzir/escrever a sua história. Pois seu Caminhar e/ou escrever, foi um trabalho sem trégua, motivado pela força do desejo, sob as esporas de uma curiosidade ardente que nada poderia detê-la em sua escrita. E assim como Michelet, Socorro Rangel multiplicou as visitas, com "indulgência" e "temor filial" para com os mortos que são os beneficiários desse seu "estranho diálogo" com a finalidade de resgatar João Pedro Teixeira para uma nova vida por meio de sua dissertação ou mesmo ressuscitá-lo. Mas, Certeau nos esclarece que dizer a história,

....diz – se que a história os "ressuscita". Esta palavra é um engodo: ela não ressuscita nada. Mas evoca a função outorgada a uma disciplina que trata a morte como um objeto de saber e, fazendo isto, dá lugar à produção de uma troca entre os vivos.³⁵

Mas, diante do que venho analisando, é importante notar o trabalho de Socorro Rangel que foi produzido sobre as Ligas Camponesas na Paraíba e que

³⁴ CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2002. p. 13.

³⁵ CERTEAU, Michel de. Op. Cit. p. 57

analisa a trajetória de João Pedro Teixeira como um protagonista na história das Ligas Camponesas, acaba caindo nas malhas de sedução da imagem que foi construída para ele como o herói camponês no ano de 1962. Por isso, o seu texto coloca João Pedro Teixeira como o redentor livre de todos os discursos que construíram um lugar fundante de sua experiência. Para Rangel, João Pedro é um poliedro não dos desejos dos outros, mas dos seus próprios desejos que o levou a cruzar por tantos espaços para construir o seu próprio arquivo.

O texto de Socorro Rangel mesmo sendo um contraponto aos demais que foram produzidos para explicar João Pedro Teixeira, mesmo quando ela quebra a lógica de explicação das outras produções recorrendo às memórias Elizabeth Teixeira, acaba por cair na imagem do herói e não na ruptura com essa imagem porque não questiona os signos que se acloparam ao seu corpo e imprimiram sobre ele a imagem de herói camponês como também o regime de verdade que escreveu sobre ele.³⁶

Pergunta essa que obtivemos resposta quando questionamos os lugares de produção da memória de João Pedro Teixeira. Quando exploramos a singularidade da história e da memória para percebermos que para a memória, fica o que significa na história se resignifica o que fica do passado. Esta é a violência do historiador que com seus conceitos atribuem novos significados ao que fica guardado nas memórias; recortando-as, reconstruindo-as, desmanchando suas telas. Portanto, violar a memória faz com que seja gestada a História que está sempre em busca de um novo sol para orientá-la para compor outra história.³⁷ Pois o problema político para os historiadores como pensa Michel

³⁶ Essa "crítica" que coloco a dissertação da historiadora Maria do Socorro Rangel quando ela analisa a história de João Pedro, não é uma cobrança ao seu trabalho por ela não ter feito esta análise e, sobretudo porque a sua proposta era outra. Pois é importante ressaltar que em momento algum ela propôs esta discussão em sua dissertação. Faço essa crítica no sentido que ela é uma abertura de possibilidade para a discussão do meu trabalho. Sobretudo porque acredito que uma obra de história não é construída para instalar um silêncio e sim para provocar e trazer mais discussões para o território da história.

³⁷ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Violar memórias e gestar a história: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil.** CLIO - Série Arqueológica (UFPE), v. 15, p. 39-53, 1994.

Foucault não é mais resgatar um passado para recompor o seu lugar no presente, mas de pensar a sua própria composição. Sendo dessa maneira,

O problema político essencial para o intelectual [historiador] não é criticar os conteúdos ideológicos que estariam ligados à ciência ou fazer com que sua prática científica seja acompanhada por uma ideologia justa; mas saber se é possível constituir uma nova política de verdade. O problema não é mudar a “consciência” das pessoas, ou que elas têm na cabeça, mas o regime político econômico, institucional de produção de verdade.³⁸

³⁸ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 18ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2002. p. 14.

4.

UM NOVO LUGAR PARA JOÃO PEDRO TEIXEIRA

A história é um imenso palácio do qual não descobriremos toda a extensão (...) e do qual não podemos ver todas as alas ao mesmo tempo; assim não nos aborrecemos nunca nesse palácio em que estamos encerrados. Um espírito absoluto, que conhecesse seu geometral e que não tivesse mais nada para descobrir ou para descrever, se aborreceria nesse lugar. Esse palácio é, para nós, um verdadeiro labirinto; a ciência dá-nos fórmulas bem construídas para que nos permitem encontrar saídas, mas que não nos fornecem a planta do prédio.

Paul Veyne

No início do ano 2000, um grupo de escritores do Estado da Paraíba e das mais diversas áreas de conhecimento produziram para a editora União uma série de revistas para mostrar à Paraíba quem são os paraibanos do século, assim temos acesso a uma pequena coleção enfileirada. Assim temos acesso a uma lista que é produzida também para nos dizer quem são os paraibanos do século. A lista dos paraibanos do século é composta por Ernani Sátyro, Argemiro de Figueiredo, Antenor Navarro, Raymundo Asfora, José Américo de Almeida, Napoleão Laureano, Cristiano Lauritzen, Samuel Vital Duarte, Gazzi de Sá, Osmar de Aquino, Cleantho de Paiva Neto, Gama Melo e também entre essa seleção de vultos temos nesta fileira João Pedro Teixeira que é conhecido como líder camponês das Ligas Camponesas¹.

¹ Esse memorial tem como função resgatar João Pedro Teixeira do passado assim como também constituiu-o como um paraibano do século. Essa fonte é discutida da seguinte forma, ou seja, no primeiro momento faço uma exposição do próprio memorial para depois mostrar como esse mesmo foi constituído. Essa forma de estilo é visível em um livro que é exemplar que também serviu de inspiração para esse texto como o livro de FOUCAULT, Michel. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2000.

Esse memorial é uma pequena biografia² constituída em 72 páginas que visa por meio da sua tessitura resgatar o passado, como também foi um meio para (re)compor mais vez as história das Ligas Camponesas à medida em que os escritores ao produzirem seu texto, nomearam mais uma vez João Pedro Teixeira como um herói, colocando-o no ano 2000 como um dos paraibanos do século. Esse memorial também se destacou pela forma como ele foi produzido, onde a escrita desse texto funciona para reconstruir para o leitor os cenários da história de João Pedro e para colocar esse mesmo leitor em contato com os anos cinquenta e sessenta, sobretudo com a história das Ligas Camponesas. E dessa forma ele começa,

Foi um momento político de grandes reflexões, na Paraíba e no Brasil, aquele compreendido na década de 50 e primeira metade da década de 60. Paraíba de um salto particular, deu um salto decisivo em busca de caminhos menos tortuosos para delinear posicionamento mais compatíveis com a realidade sócio econômica da época.³

Esse mesmo corpo que tanto foi escrito e dito das mais diferentes formas para ser constituído sob o emblema de herói dentro da história das Ligas Camponesas foi retomado novamente sendo escrito e reescrito no ano 2000. Teria a sua escrita a mesma função que ela teve logo ao início, quando começou no início da década de 60? Posso te afirmar, leitor, logo de início que não, pois o corpo de João Pedro não foi escrito para ser mais uma vez um dispositivo de manifesto que o constituiu na época para ser o herói camponês como no início da década de 60 que também o escreveu como sob a forma de protesto.

No entanto, no ano de 2000, seu corpo foi novamente (re)escrito para lembrar aos paraibanos a história das Ligas Camponesas e para também liberar mais uma vez a memória dos subterrâneos para ocupar a cena política mais vez no presente. Por isso Lemos, juntamente com Porfírio, reúne os restos da memória do passado para fabricar mais uma vez uma história para João Pedro.

² LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. **PARAÍBA Nomes do século: JOÃO PEDRO TEIXEIRA.** João Pessoa: Ed. União, 2000.

³ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. p. 03.

Esses dois autores colocaram como primeira linha que norteou o seu texto a preocupação em demarcar a origem que havia motivado João Pedro a se construir como líder camponês, por isso eles recorrem para fazer a apresentação do memorial ao jornalista Jório Machado, que é o mesmo que havia escrito as matérias para o Jornal A União no período da morte de João Pedro, e dessa forma eles apresentam aos seus leitores, um pouco sobre o passado, mostrando mais uma vez João Pedro Teixeira como herói camponês.

Nesse contexto aparece a figura singular de João Pedro Teixeira o “Cabra Marcado para morrer”, cuja legenda haveria de correr mundos para contar a saga camponesa pela Reforma Agrária. Uma peleja nordestina que não teve a dimensão do que se viu no México. Mutatis Mutanti, João Pedro foi o nosso Pancho Vila. Conheci-o quando ingressou no movimento camponês, ao lado de Severino Barbosa, primeiro presidente da Liga de Sapé. Depois fui vê-lo na pedra do necrotério do Hospital Regional de Sapé.⁴

Esse memorial foi construído para a consagração e a (re)instituição de João Pedro Teixeira como herói camponês outra vez, a medida que ele passa a ser uma figura ilustre para ocupar um lugar entre os paraibanos do século. Por isso, a sua história foi recomposta por Lemos e Porfírio, pois esses dois escritores passaram pelos restos da memória do passado que informam sobre João Pedro Teixeira. E como dois coveiros do passado eles vão selecionar do passado “tudo” que possa dizer sobre sua vida e mais ainda que valorize a sua luta em contraposição ao latifúndio. É dessa forma João Pedro emerge outra vez como o homem e herói exemplar dentro da história das Ligas Camponesas.

O memorial foi escrito sob o seguinte título “*Paraíba nomes do século: João Pedro Teixeira*”.⁵ Os seus autores tiveram como preocupação inicial a localização de uma origem para esse herói, e com isso localizam um fato disperso na infância de João Pedro Teixeira para então demarcar essa origem. Então vamos a essa nova solenidade que se apropriada da vida de João Pedro para demarcar um

⁴ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. p. 03.

⁵ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. Idem.

lugar de origem e com isso uma causa primeira para sua luta. Como podemos observar no primeiro capítulo “A saga de um Mártir”,

A revolta de João Pedro contra a forma de trabalho dos camponeses surgiu de ensinamentos do seu pai, que envolve em um conflito na propriedade quis se apossar de uma parte das terras. O genitor do futuro líder das Ligas Camponesas não aceitou. Iniciou-se então uma disputa entre os dois.⁶

Esse fato, segundo a narrativa de Lemos e Porfírio, havia acontecido no mês de junho de 1924, época das festas juninas na Paraíba, essa narrativa nos conta que os camponeses saíam de suas casas para dançar nos forrós que se realizavam nos sítios da região, como também em outras áreas urbanas dos municípios do interior da Paraíba. E assim, eles dão início a uma narrativa rica em detalhes para estabelecer um marco inaugural da origem de João Pedro Teixeira como herói camponês.

No entanto, Michel Foucault nos ensina a duvidar pensar de toda pesquisa que se esforça, assim como os autores do memorial no sentido de recolher a origem, a essência exata das coisas como se buscasse a mais pura verdade, sua identidade cuidadosamente recolhida em si mesma, sua forma imóvel e anterior a tudo que é externo e acidental, sucessivo. Procurar uma origem para João Pedro Teixeira como fez Lemos e Porfírio, seria buscar a causa da sua história como líder camponês é uma tentativa de reencontrar “o que era imediatamente” o “aquilo mesmo” e uma imagem adequada a ele próprio e dessa forma tomar como acidental todas as peripécias que puderam ter acontecido, todas as astúcias, todos os disfarces é querer tirar todas as máscaras – da história de João Pedro Teixeira – para desvelar sua primeira identidade.⁷

Mas, como um historiador genealogista dessa história, devemos ter o cuidado de escutar mais uma vez a história que foi produzida para João Pedro Teixeira por meio desse memorial ao invés de acreditar na origem metafísica. Podemos aprender que para além da sua história como herói, há “algo

⁶ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. p. 05. (Grifos Meus)

⁷ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 18ª. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2003. p. 16 – 20.

inteiramente diferente” não que isso seja o seu segredo essencial, mas que esse herói não tem essência, ou mesmo que sua essência foi construída a partir de figuras que são apropriadas para se determinar uma causa com fatos que era estranho a João Pedro, ou seja, “como o pai de João Pedro Teixeira pode ensinar aos seis anos de idade lições de contraposição ao latifúndio, quando o memorial afirma que ele aprendeu com seu pai?” Eis a interrogação que nos sugere mediante esse jogo, no entanto pouco posso te esclarecer, leitor, sobre essa interrogação.

Em busca de estabelecer uma origem para João Pedro Teixeira o memorial nos conta que numa noite o pai de João Pedro Teixeira estava se preparando mais uma vez para ir uma a festa. Mas, enquanto o pai de João Pedro se preparava para ir à festa, dona Francisca pediu ao seu marido que não fosse, pois ela já sabia que boatos circulavam pelo sítio dizendo que o proprietário das terras onde moravam queria “pegá-lo”. Mesmo assim ele não deu importância às ameaças e mesmo contra a vontade de sua esposa decidiu ir à festa. Depois de uma longa caminhada, ele chega à festa nos arredores de Sapé e lá se encontra com “dois elementos” que o encaravam, dando início ao desentendimento onde o pai de João Pedro acabou por atirar em um deles”. E logo depois ele foge e desde então não se teve mais notícias do pai de João Pedro. Esse fato é demarcado por Lemos e Porfírio como a causa da origem de tudo o aconteceu na vida de João Pedro, pois João Pedro Teixeira nunca havia aceitado a ausência do pai.

Depois de Lemos e Porfírio demarcarem a origem para João Pedro Teixeira, eles partem em busca de demarcar os confrontos entre ele e os latifundiários, assim como também as suas ações em favor dos outros camponeses. Para dar mais veracidade e autenticidade à sua origem para a história desse herói, os autores do memorial localizam fato esse que ocorreu quando João Pedro Teixeira tinha 23 anos, quando trabalhava em uma pedreira nas proximidades de Café do Vento em Sapé.

E logo a narrativa, os dois autores nos informam que ao fim de semana João Pedro Teixeira aos 23 anos, juntamente com outros operários iam fazer

compras na mercearia de Manuel Justino da Costa nas proximidades do seu local de trabalho. Pois em idas e vindas a mercearia João Pedro acabou por conhecer uma “menina” de 16 anos de idade chamada Elizabeth Altina da Costa⁸, filha de Manuel Justino do então dono da mercearia. Assim, começam constantes trocas de olhares entre os dois durante os finais de semana, mas, um empregado da mercearia logo percebeu que havia entre os dois uma troca de olhares e toma como decisão contar ao pai de Elizabeth que a proíbe de ir à mercearia.

Esse fato é reconstruído pelos autores quando eles agenciam uma fala, que havia sido dita pelo pai de Elizabeth Teixeira. No entanto, esse dois autores não mencionam o lugar de onde ela foi retirada fazendo com que, nos instaure a seguinte interrogação “verdade ou mentira?”. Mas encarar essa fala pelo lugar do binômio da verdade e da mentira seria uma forma simplista de vê-la. Temos que olhar essa fala como peça que dá credibilidade⁹ à tessitura do memorial e também como um fio que liga a origem de João Pedro em confronto com o latifúndio. E assim essa fala foi agenciada por eles para dá credibilidade a tessitura ao memorial:

Eu não quero a minha filha namorando com um cassaco, com um empregado, com essa gente, com um negro? Não! Negro é da grade da mercearia prá lá.¹⁰

Desta forma, eles passam a narrar o início de namoro de João Pedro Teixeira com Elizabeth. Tudo começou contra a vontade do pai de Elizabeth. O namoro teve seu início por meio de cartas até que finalmente chegou o dia: João Pedro decide marcar ainda por meio de carta à fuga dos dois. Depois de tudo combinado, é chegado o dia da fuga, fuga essa que logo foi notada pelo pai de Elizabeth. Diante de tal fato o pai de Elizabeth Altina “arregimentou” alguns homens de sua confiança, sobretudo armados para irem à pedreira a procura de

⁸ O memorial sempre quando se refere à Elizabeth escreve **Elisabete** por isso o leitor encontrará duas grafias desse nome ao longo do texto.

⁹ Cf. CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense – Universitária, 2002. p. 102.

¹⁰ LEMOS, Assis; PORFIRIO, Waldir. Op. Cit. p. 07.

João Pedro e lá, ficam sabendo que João Pedro e Elizabeth haviam fugido com destino ignorado.

E assim, ficamos sabendo por meio do memorial que os dois haviam fugidos para a casa de Luiz Pedro, tio de João Pedro – Sitio Massangana para dá entrada aos papéis para casamento. Depois de muitas negociações, o pai de Elizabeth deu autorização para que Elizabeth Altina pudesse se casar com João Pedro e os dois finalmente se casaram indo morar em um casarão em Massangana, local onde João Pedro também começa a trabalhar para o tio.

João Pedro Teixeira e Elizabeth Teixeira permaneceram em Massangana por dois anos. E assim Lemos juntamente com Porfírio localizaram mais uma ação de João Pedro Teixeira, só que dessa vez, João Pedro entra em confronto com o seu tio para defender os moradores do Engenho Massangana. O memorial nos conta que tudo começou quando João Pedro teve uma discussão com o seu tio Luiz Pedro, fato esse que ocorreu quando Luiz Pedro depois de se embriagar num bar em Cruz do Espírito Santo nas proximidades de Sapé, invadiu a casa da viúva de um dos empregados no intuito de manter relações sexuais com a moradora. Essa atitude do tio de João Pedro o desagradou, fazendo com que ele o procurasse para dar a sua opinião sobre o fato que havia ocorrido. Mas, o tio Luiz Pedro não gostou das colocações do seu sobrinho João Pedro Teixeira, ocorrendo assim o primeiro desentendimento entre os dois.

Mas, não demora muito, Lemos e Porfírio localizam outro desentendimento de João Pedro com o seu tio. Tudo acontece devido à expulsão de oitos moradores e uma agressão sofrida por um dos moradores do Engenho Massangana. Diante desse fato, João Pedro Teixeira protesta junto ao seu tio, argumentando com ele que os moradores estava há vários anos no Engenho Massangana e que não podiam sair sem direito algum. E assim, os autores do memorial reconstroem mais uma vez os diálogos entre João Pedro e seu tio Luiz Pedro. Diálogos que nos imprimem como fala do próprio João Pedro Teixeira,

Meu tio o senhor ta errado. Um dos moradores que o senhor expulsou tinha plantação, oito filhos para sustentar e nunca criou qualquer

problema. E essa história de espancar um trabalhador, também está errado. Se tem de botar um morador para fora, o senhor bote como gente e não assim como foi feito, com os capangas do Engenho.¹¹

Depois da reconstrução desse diálogo, eles apontam para outro diálogo. Dessa vez entre João Pedro e Elizabeth.

-Vamos embora daqui. Desse jeito não fico mais.
 - Como é João Pedro? As nossas vaquinhas, que já estão de bezerras como ficam?
 E o seu roçado, cheio de lavouras, pronto para a colheita, vamos deixar tudo isso para trás? – questionou Elizabete.
 - Eu tenho que sair, minha filha. Não vou continuar assistindo ao que meu tio está fazendo com os moradores.¹²

Todos esses confrontos que esses autores reconstruíram para o leitor do memorial produzem uma memória para João Pedro Teixeira que se institui como sua história já que esse memorial passa para o leitor comum à ideia de unidade de sua história, com a função de instituí-lo como um dos paraibanos do século. Por isso, eles também reconstroem os cenários de luta assim como de sua história para que os seus leitores vejam a sua trajetória de luta a cada ano de sua vida de João Pedro, em concordância com os fatos anteriores como 1945 em que já estava fora das terras que seu tio administrava e morando em Jaboatão começou a frequentar a Igreja Presbiteriana e anos depois acabou de entrando para o partido comunista e posteriormente deixou a Igreja.

E assim, os dois autores pululam para o ano de 1948 para nos levarmos, a ver como João Pedro começou a reunir em sua casa os seus *companheiros* para conversar sobre as condições de trabalho na pedreira, mostrando a eles que deveriam se unir para fazer suas reivindicações em benefício da categoria. E que logo depois de uma serie de reuniões surgiu o Sindicato dos Operários da Pedreira, do qual João Pedro foi o primeiro presidente, passando a receber visitas dos operários que se achavam injustiçados em suas condições de trabalho.

¹¹ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. p. 9.

¹² LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. Idem.

Diante dos debates e das primeiras conquistas do Sindicato dos Operários da Pedreira, que começou a ter destaque e como eles mesmos colocam o sindicato ganhou *fama* entre os proprietários. E com isso, os proprietários das pedreiras começaram uma séria perseguição, segundo narrativa do memorial, a João Pedro Teixeira. Todas as pedreiras passam então a negar serviço a João Pedro, fazendo com que ele começasse a se preocupar com a manutenção da sua própria família. E assim, com João Pedro desempregado, Elizabeth Teixeira sendo sua esposa decidiu ir trabalhar. O memorial nos conta que,

Elisabete passou a trabalhar em um mercado de Jaboaão. Euclides Justino da Silva – irmão de Elisabete – ficou deprimido ao ver sua irmã, o marido em suas condições. Convidou Elisabete e sua família para ir mora no Sítio Sono das Antas, em Sapé, que o pai havia comprado da viúva do padrinho de Elisabete – conseguira os documentos para que ela casasse. ...ao obter a informação, através de Euclides, sobre a vida de Elisabete e de sua família, Manuel Justino, imediatamente, os convidou a votarem a Sapé, colocando à sua disposição o sítio Antas do Sono.¹³

Lemos e Porfírio nos contam por meio do mesmo memorial que Elizabeth Teixeira havia chegado ao Sítio Antas do Sono em 13 de maio de 1954. Trazendo consigo os filhos, assim como também alguns objetos, mas João Pedro não veio de início, pois só poderia retornar no dia 30 do mesmo mês. No entanto, eles também nos contam que antes de deixar Jaboaão, João Pedro foi aconselhado a não voltar a Sapé, devido à violência dos latifundiários aos homens do campo, sobretudo no que se referiam as suas ideias. Segundo Lemos e Porfírio, João Pedro Teixeira acabou respondendo da seguinte forma aos conselhos dos seus amigos, *não quero morrer. Não tenho medo de morrer por causa dessas coisas, mas é melhor do que morrer de fome.*¹⁴ Essa citação poderia ser mais uma vez uma questão para essa pesquisa, descobrir se o que foi dito nesta citação seria verdade ou mentira, pois eles não mencionam o lugar de onde ela foi retirada.

Se eu fosse um historiador da tradição certamente iria me envolver com essa questão da verdade ou mentira diante das afirmações sobre João Pedro que

¹³ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit., p. 10.

¹⁴ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. p. 11.

foi colocada pelos autores do memorial. Mas enquanto um historiador que usa a tradição sem perder de vista a sua função, podemos afirmar que o discurso cria a maneira como sabemos sobre os objetos, ou seja, que todo discurso capitaliza o outro quando o toma como espaço de expansão da sua escrita ao mesmo tempo em que ele acaba por construí-lo. Pois Michel de Certeau nos inspira a indagar da seguinte forma antes de saber quem falou esta frase na fonte que é, manuseada por Lemos e Porfírio é necessário saber como ela funciona dentro do texto.¹⁵

Essa citação foi colocada como artifício de convencer os leitores que João Pedro é um paraibano do século diante de sua história de vida, onde ele surge em meio ao memorial como homem corajoso que havia dado a sua vida por uma causa política, que era lutar por melhores condições de vida no campo. Também a citação dessa fala de João Pedro Teixeira foi usada por esses autores para que ela funcione dentro do seu texto contribuindo para mostrar João Pedro como um corajoso e indignado com a fome contribuindo também para reativar a imagem de herói camponês.

Sobretudo, foi uma tentativa para também convencer à comissão da editora da União que João Pedro Teixeira, por sua história fazia jus a publicação, que o instituiria como um dos paraibanos do século. Esse “estilo” não parou no uso dessa citação, pois outras citações foram usadas para Lemos e Porfírio para continuar ainda o seu jogo trazendo o morto mais uma vez ao presente, sob a condição de ser um paraibano do século.

Neste jogo discursivo que foi preparado por esses dois autores eles recorreram no início à citação sem referências com a finalidade de constituir mais veracidade ao seu texto, por isso eles colocam os diálogos sem dizer aos leitores a sua localização do lugar de onde esses diálogos foram retirados sobre tudo quando podemos notar que esses diálogos são pedaços da fala de Elizabeth Teixeira. Por que tal gesto dos autores do memorial? Podemos especular mais uma vez a forma como esse memorial foi produzido para João Pedro Teixeira,

¹⁵ CERTEAU, Michel de. CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense – Universitária, 2002. p. 76.

sobretudo quando localizamos na história de um dos autores como no caso do engenheiro e professor universitário Assis Lemos, que havia sido também líder das Ligas Camponesas ao final dos anos cinquenta e início dos anos sessenta juntamente com Pedro Teixeira.

Nesta mesma época Elizabeth Teixeira assume a liderança das Ligas Camponesas depois da morte do seu esposo. E logo depois orientada por Francisco Julião se candidatou a deputada estadual, já que Elizabeth disputou as eleições com Assis Lemos na mesma época, concorrendo com ele. No entanto, Lemos saiu vitorioso nesta campanha política, mas Elizabeth nos conta que só perdeu as eleições porque seus eleitores não sabiam votar, pois a maioria deles eram analfabetos naquele período¹⁶. Essa disputa que foi feita por Elizabeth durante esse período deixou em Lemos alguns ressentimentos.

Por isso podemos observar que Elizabeth Teixeira é citada por Lemos em seu texto, apenas como a esposa de João Pedro, já que eles não mencionam que ela continuou a luta de seu esposo chegando até mesmo à presidência da Liga Camponesa de Sapé. E que também ele se faz uso do livro que foi organizado com as memórias de Elizabeth Teixeira, livro esses de onde eles tiram essas citações para compor a tessitura do memorial para João Pedro Teixeira, sem, no entanto citar a referência desse material que eles acionam para compor seu texto.

Essa atitude de Lemos teve como função instituir para ele como único lugar de autoridade de saber e de memória das Ligas Camponesas e por isso ele não menciona o livro de memórias de Elizabeth¹⁷, já que ela é outro ponto de edificação da memória de João Pedro Teixeira, assim como das Ligas Camponesas. Depois dessa questão só nos resta um caminho retornar mais uma vez ao texto de Lemos e de Porfírio. O memorial elaborado por Lemos e Porfírio, é preparado para que ele funcione para os seus leitores como uma tela limpada, para que João Pedro seja visto por seus leitores com as qualidades que são

¹⁶ BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide, SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **EU MARCHAREI NA TUA LUTA! A VIDA DE ELIZABETH TEIXEIRA**. João Pessoa: Ed. Universitária/Manufatura: João Pessoa, 1997. p. 91-93.

¹⁷ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. Idem.

comuns aos heróis da história como um exemplo de coragem, determinação e o amor aos seus ideais em detrimento da sua própria vida, ou seja, como um modelo de virtude para que os outros o admirem.

Dessa forma, quando retomamos o memorial podemos observar que eles narram à chegada de Elizabeth. E falam que logo após sua chegada, o seu pai Manuel Justino havia mandado uma feira para sua casa, assim como também mandou um pequeno grupo de moradores de sua fazenda para ajudar na limpeza dos roçados do seu genro João Pedro. Mas, não demora muito para João Pedro chegar a Sapé assim como também ele chega ao texto de Lemos e Porfírio encarnando mais uma vez a figura do herói pela forma como eles o colocam em defesa dos outros moradores,

João Pedro observou que os moradores que o ajudavam traziam, para as suas refeições, apenas, um pequeno pacote contendo farinha, rapadura e piaba. Era o que comiam no almoço. Decidiu averiguar se os outros trabalhadores eram tratados da mesma maneira. Começou a percorrer as propriedades vizinhas colhendo informações sobre a situação de vida dos camponeses. Suas idéias ficaram conhecidas pelos trabalhadores que sempre o visitaram para saberem das ocorrências, através de jornais lidos por Elizabeth, e como deveriam reagir às injustiças.¹⁸

Assim, podemos ver que João Pedro teve a sua história escrita novamente tendo neste momento uma unidade de sua história. Quando eles estabelecem uma origem para João Pedro Teixeira que se instituem por meio do texto do memorial por confrontos para mostrá-lo como um sujeito potencialmente natural a ser líder camponês para recompor a imagem do herói como também para instituí-lo como paraibano do século.

Podemos então partir em busca dos outros fios que Lemos e Porfírio, usaram para compor a tessitura da história que eles estão escrevendo, onde podemos notar que eles para escreverem a sua história recorrem à memória de Elizabeth Teixeira que foram usadas por esses autores do memorial, mas, que, no entanto não se menciona quanto ao seu lugar de referência a colocando-a como

¹⁸ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit., p. 11-12.

uma sombra nos bastidores do seu texto. Os outros fios que os dois autores recorreram foram também às reportagens da época que foram utilizadas como suporte da memória do passado que são usados para ilustrar o passado no presente que eles querem recuperar. Por isso, as matérias da imprensa paraibana da época foram reproduzidas ao máximo para colocar o leitor em contato com a luta de João Pedro, assim como também no cenário da sua morte e consequentemente nos anos 50 e 60. Como podemos ver nessa fonte que é retirada por Lemos e Porfírio do Jornal A União como finalidade de mostrar ao leitor o cenário da época,

Camponeses e moradores eram expulsos das terras, as casas de palha queimadas e as pequenas lavouras de subsistência confiscadas sem a menor indenização. Os programas geralmente se realizavam à noite, quando famílias inteiras eram despertadas pelas tochas incendiárias sem o menor aviso prévio. E lá se iam, pelas madrugadas, em demanda do horizonte, o pequeno rebanho apavorado. Eram mulheres e crianças que gemiam e que choravam, deixando para trás o turgúrio em chamas.¹⁹

Logo após esse cenário que é pintado com tintas tão forte para que o leitor entenda o sentido da luta de João Pedro, eles começam a fabricar outro cenário da sua história para que o leitor então possa conhecê-lo melhor ou até mesmo se identificar com ele novamente. E nos mostram João Pedro Teixeira que mesmo não sendo um bom orador, mas, sendo um homem muito corajoso assim como grande articulador em que sua fama começa a crescer por meio das conversas sobre as lutas dos camponeses fazendo com ele seja conhecido em Sapé como também fora do município. Fazendo com que no dia 25 de novembro de 1961, ele fosse eleito como vice-presidente da instituição, obtendo para isso o apoio dos representantes das catorze Ligas Camponesas da Paraíba. Com a sua participação na diretoria da Federação das Ligas, passou a viajar constantemente para participar das reuniões de camponeses em Sapé. E assim, uma entrevista com Jório Machado que era jornalista na época é acionada no texto de Lemos e Porfírio,

¹⁹ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit., p. 15. Matéria citada por eles do Jornal A União.

Conheci João Pedro Teixeira durante algumas reuniões de camponeses, no município de Sapé. Estas reuniões eram realizadas nos povoados, arraiais e distritos daquele município de Sapé, tais como Anta do Sono (onde morava João Pedro Teixeira)... Ele me foi apresentado à primeira vez pelo jornalista João Manoel de Carvalho e, a partir daí sempre tivemos, vez por outra, encontros cordiais para tratar geralmente de questões vinculadas as Ligas Camponesas às violências cometidas no campo pela polícia, por jagunços, todos os serviços dos latifundiários, tais como Aguinaldo Veloso Borges, Pedro Victor, Renato Ribeiro e outros.²⁰

O memorial tem como função apresentar aos seus leitores quem era João Pedro Teixeira, sobretudo o cenário da época que havia motivado a causa da suas lutas. Depois de apresentar aos seus leitores quem era João Pedro, os dois autores nos levam para o cenário da sua morte por meio do capítulo “A trama”²¹ que é um cenário escrito pelos autores do memorial para mostrar aos seus leitores como a trama da morte de João Pedro Teixeira foi desenhada pelos latifundiários. Segundo os autores do memorial a trama da sua morte começou a ser pensada a partir de Manuel Justino, sogro de João Pedro que não aceitava a sua participação em um movimento subversivo e que inclusive, já havia tentado de todas as formas para que ele saísse da Liga Camponesa de Sapé. Mas, Manuel Justino não obtendo êxito durante as tentativas anteriores, acabou decidindo vender o sítio para que João Pedro mudasse para outro lugar. O sítio é vendido, mas João Pedro decidiu ficar, começando assim uma sucessão de ameaças para que ele saísse do sítio, sendo também constantemente aconselhado para que ele fosse embora junto com a sua família.

Lemos e Porfírio para produzirem uma narrativa mais envolvente para os leitores do memorial recorrem mais uma vez à memória de Elizabeth Teixeira para mostrá-lo outra vez como um exemplo de coragem, reconstruindo mais uma vez uma fala de João Pedro e dessa forma eles colocam, *você e meus filhos podem ir. Fico com os retratos. Mas não me acovardo circulando pela cidade*

²⁰ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. p. 18-19

²¹ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. p. 20-30

conversas de capangas que afirmavam que *iam cortar a orelha de João Pedro e tomá-la com cachaça*.²²

Dessa forma, os rumores dessas ameaças corriam pela cidade de Sapé e muitos comentários chegavam a João Pedro Teixeira afirmando que iriam cortar as suas orelhas para tomar com cachaça. Ameaças que não surtiram efeitos, pois João Pedro não foi embora. No entanto, João Pedro foi informado ao final de março de 1962 que Antonio Victor o mesmo que havia comprado o sítio em que ele morava com sua família, queria fazer então um acordo. Marcando com isso uma reunião ao final da tarde do dia dois de abril no escritório do advogado das Ligas Camponesas José Gomes da Silva.

Na manhã do dia dois de Abril, o memorial nos conta que João Pedro viajou para a cidade de João Pessoa e ao chegar nesta cidade ele deu uma rápida visita à sede da Federação das Ligas Camponesas, para depois dar uma passada em uma livraria para comprar cadernos e livros para os seus filhos. E logo depois deveria se encontrar com o presidente da Federação das Ligas Camponesas o agrônomo Assis Lemos para irem juntos ao escritório do advogado. No entanto, João Pedro quando chega ao escritório fica sabendo que a reunião havia sido adiada. Assis Lemos (d)escreve a reação de João Pedro Teixeira quando o advogado José Gomes o informa do adiamento da reunião. Lemos sendo também o autor do memorial toma como base a sua memória para reconstruir esse mesmo fato,

- João Pedro, a reunião com Miguel Paiva e Antônio Victor que estava marcada para às 11 horas, foi transferida para o final da tarde, às 17 horas, a pedido do dr. Miguel Paiva.

- Mas doutor, nesse horário eu não posso, porque o último ônibus que parte para Café do Vento sai exatamente às 17 horas e eu não vou dormir aqui só porque Antônio Victor e Miguel Paiva desmarcaram a hora da reunião que haviam convocado para a manhã de hoje, respondeu João Pedro.

- Então, vá embora. Quando eles quiserem uma nova eu lhe aviso, aconselhou José Gomes.²³

²² LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. p. 21.

²³ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. p. 22

Lemos recorreu a sua própria memória para construir o seu texto uma vez que ele é testemunha desse período. E com isso, eles colocam João Pedro Teixeira no cenário da sua morte por meio da sua trama (escritura da sua história) em rumo à trama (emboscada da sua morte). Dessa forma, a sua narrativa começou a dar conta dos últimos passos da vida de João Pedro Teixeira para que então o leitor possa também conhecer o cenário da sua morte. Como a sua chegada ao terminal rodoviário quando ele comprou sua passagem para o ônibus das 15 horas e também quando ele encontra com um conhecido seu que viajava no mesmo ônibus em direção a Café do Vento.

A narrativa dos dois autores do memorial também é tomada pelo cuidado com a reconstrução dos fatos, para nos dizer o que João Pedro Teixeira fez e como ele comportou. No entanto, não sabemos se eles testemunharam ou apenas inventaram, só sabemos que é um estilo de escrita que é agenciado pelos autores para dá mais veracidade ao memorial como também para os seus leitores. E para que os leitores possam se envolver, mais uma vez com a história do herói camponês. Como podemos observar nesta citação já que os autores nos chegam a nos dizer até mesmo o que João Pedro conversou durante percurso no ônibus,

Durante o percurso, em torno de uma hora, os dois conversam sobre os problemas dos camponeses e as dificuldades que estava enfrentando com as dificuldades que estava enfrentando com as ameaças que recebera e a pressão familiar para que ele fosse embora.²⁴

Assim, logo podemos sair do cenário da trama da sua morte e para irmos ao outro cenário que foi escrito por Lemos e Porfírio. O cenário do “O assassinato”²⁵ que tem como função contar a morte de João Pedro Teixeira por meio de uma narrativa cheia detalhes, com a função de envolver o leitor no enredo da morte do candidato a paraibano do século. Assim, as narrativas do memorial nos contam que por volta das 14 horas da segunda – feira do dia 02 de

²⁴ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. p. 24.

²⁵ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. p. 25- 30

abril de 1962, os criminosos trocaram de roupas numa propriedade do senhor Milton Borges em Pilar e logo após pegaram os três cavalos da Fazenda Recreio, e seguiram para a estrada de “Café do Vento”, local onde João Pedro passaria após descer do ônibus. Ao chegarem ao local da emboscada os referidos criminosos começam a preparar o terreno, escolhendo uma moita ao lado direito da estrada para se esconderem e montam um gancho para ser suporte do mosquetão do qual iria sair o tiro que mataria João Pedro Teixeira.

Não demora muito e logo ficamos sabendo por meio do memorial que ônibus que trazia João Pedro, havia parado por volta das 16 horas em Café do Vento. Lemos e Porfírio nos contam que ao descer do ônibus o *líder camponês* convidou Antonio Victor para caminharem em direção a suas residências que eram quase vizinhas, mas o seu companheiro não aceitou a sua companhia, pois alegou a João Pedro que estava com muita fome e iria fazer um lanche no restaurante do posto de gasolina de Café do Vento, conhecido como bar “Novo Gersey” e que logo depois iria para casa em sua bicicleta motorizada. E assim, os dois rapidamente se despedem, seguindo João Pedro Teixeira para a sua casa, que se localizava a uns seis quilômetros do local da despedida.

Quando Antonio de Oliveira estava indo para a sua casa de bicicleta motorizada passou por João Pedro Teixeira mais uma vez e o cumprimentou. E seguiu a sua frente e quando se distanciou dele encontrou com outro amigo que logo deram início uma breve a conversa como também para fumarem cigarros. Mas, não demorou muito e logo esses dois homens acabaram por escutar um disparo seguido de outros disparos, mas não sabiam que os tiros haviam sido dados contra João Pedro Teixeira. Lemos e Porfírio, afirmam que os disparos foram dados a uma distância de aproximadamente de 13 metros e que se alojou na região glútea e *que a vítima mal tombara*, os *sicários* dispararam mais dois tiros que um atingiu o coração e outra se alojou em seu punho esquerdo. E logo em seguida após o assassinato eles acabaram fugindo. Lemos e Porfírio nos conta a fuga por meio de uma matéria feita pelo Jornal Correio da Paraíba,

...testemunha achou estranho o soldado Chiquinho estar vestido de vaqueiro, e comentou com um amigo, segundo matéria do "Correio da Paraíba" da edição de 11 de Abril de 1962: "*Oxente? Esse camarada era soldado e agora é vaqueiro?*". Os "vaqueiros" assassinos retiraram-se do local do crime com destino ao município de Pilar. No caminho, segundo o depoimento de Chiquinho, o soldado Alexandre, que era compadre do latifúndio Pedro Ramos Coutinho, afirmou que se compadre lhe dissera "*não ter preço a cabeça de João*", que já tinha feito "vários 'serviços' desse tipo e nunca foram descobertos. E se um companheiro chegar a descobrir, a sua sorte não será melhor que a de João Pedro".²⁶

E o corpo de João Pedro Teixeira? O memorial nos conta que seu corpo ficou estendido no chão daquela estrada, juntamente com o material escolar que João Pedro Teixeira estava trazendo e que ficou impregnado com o seu sangue. Então assim podemos passar para outro ponto da escrita do memorial que é capítulo "*Mataram João Pedro*"²⁷. Neste capítulo os dois autores do memorial reeditam as matérias dos jornais que deram destaque ao assassinato de João Pedro, para depois escrever como Elizabeth Teixeira recebeu a notícia diante da morte do seu esposo. Eles nos contam que a notícia da morte só havia chegado ao Sítio Antas dos Sonos onde ele residia com a sua família na manhã do dia seguinte após a morte de João Pedro Teixeira.

O mesmo memorial nos conta que Elizabeth Teixeira passou a noite preocupada sem saber por que João Pedro durante a noite não havia chegado em casa. Mas pensava ter acontecido algum pequeno imprevisto e também sabia que não havia meios dele avisá-la, mesmo apreensiva Elizabeth Teixeira acabou por ir dormir. Ao acordar pouco antes das seis da manhã, Abraão observou que havia muita gente se aproximando da sua casa e chamou a sua mãe para atendê-las. Lemos e Porfírio colocam em seu texto uma citação sem localização para expressar ao leitor a reação de Elizabeth, por meio de um diálogo,

- "Elizabeth, João Pedro foi morto ontem, no final da tarde", disse um dos camponeses.
- "Morto? Onde?", perguntou Elizabete.
- "De Café do Vento para cá, já dentro da propriedade do seu pai".
- "Ai meu Deus, e agora o que é que eu vou fazer?", falou Elizabete.²⁸

²⁶ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. p. 28 – 29. (letras em itálico e aspas dos autores)

²⁷ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. p. 30 – 35.

²⁸ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. p.32. (As aspas são dos autores do memorial)

Depois dessa citação os autores do memorial retomam a narrativa para nos mostrar com uma cena o percurso de Elizabeth Teixeira até encontrar o seu corpo do João Pedro no necrotério. E assim eles começam a nos contar que Elizabeth vestiu-se apressadamente e foi com Abraão, seu filho mais velho, a pé até que encontrou um rapaz numa caminhonete que lhe deu carona. O rapaz que havia dado carona era Manassés, o mesmo que havia levado o corpo de João Pedro até Sapé. Manassés deixou Elizabeth e seu filho Abrão em frente ao Hospital Sá Benevides, onde havia muitos policiais que a proibiram de entrar para ver João Pedro Teixeira.

Elizabeth Teixeira ao chegar ao hospital Sá Benevides foi impedida pelos policiais, pois disseram a ela que só entraria com a ordem do diretor do Hospital Edmilson Cunha e que assim ela poderia ver João Pedro. Elizabeth não esperou pela tal autorização e decidiu pular o muro sob os protestos dos policiais. Mesmo assim logo conseguiu chegar e finalmente viu que o corpo de João Pedro se encontrava estendido numa mesa de pedra, com os olhos ainda abertos e o rosto sujo de terra. Diante de tal cena Elizabeth não controlou as suas lágrimas ao mesmo passo que limpava o rosto de seu esposo.

O memorial também nos conta que Elizabeth Teixeira diante da morte de João Pedro Teixeira não se sentiu bem. Sendo aconselhada a ficar no hospital, sob os cuidados médicos. E logo começou a receber as condolências dos amigos e das autoridades que começavam a chegar ao hospital, algumas autoridades como o tenente Newton Leite, ajudante de ordem do Governador e o Secretário da Casa Civil, Waldir dos Santos Lima e o representante do governador da Paraíba Pedro Gondin.²⁹

Chegando finalmente na análise, podemos concluir que o sofrimento de Elizabeth Teixeira foi escrito por esses dois autores do memorial para sensibilizar os leitores diante de tal tragédia imposta a ela e aos seus filhos. Omitem, entanto, o juramento que Elizabeth Teixeira fez diante do corpo do seu marido “eu

²⁹ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit, p. 32-33.

*marcharei na tua luta*³⁰. Por que eles omitiram o seu juramento? Eles não colocaram o seu juramento estrategicamente para não desviar o leitor da história de João Pedro e com isso não deslocam atenção do leitor para história de Elizabeth, pois logo após esse juramento ela começou a “ocupar” o lugar de João Pedro como líder camponês. Luta de Elizabeth Teixeira torna-se então um *não-dito* da escrita desse memorial como podemos ver nesta parte do Texto,

Após a morte de João Pedro, Elisabete deixou os filhos com os avós, tios e outros familiares. Abraão ficou em João Pessoa, estudando no Liceu Paraibano, hospedado em uma pensão; Isac foi enviado para estudar em Cuba, a convite de Fidel Castro, onde se formou em medicina, voltando ao Brasil no final da década de 80. Além deles, ficaram orfãos: Paulo, Carlos, João Pedro, Lenine, Marluce (nunca se conformou com a morte do pai, suicidando oito meses após), Maria José, Odívia, Marta e Marinês.³¹

O memorial apenas menciona que Elizabeth Teixeira havia deixado os seus filhos, mas não menciona porque ela os tinha deixados. A figura de Elizabeth como líder camponesa fica nos bastidores do texto do memorial para que João Pedro ocupe toda a cena dentro do memorial para ser um dos paraibanos do século. A família de João Pedro foi agenciada para mostrar aos leitores do memorial o impacto da morte para os seus filhos criando no leitor o sentimento da compaixão assim como também de indignação.

E assim podemos ir ao encontro ao penúltimo cenário do memorial “Os protestos ao crime”³², onde Lemos e Porfírio recompõem por meio da imprensa os protestos contra a morte do líder camponês, como podemos ver nesta citação que eles retiram do Jornal o Norte no período da sua morte de João Pedro,

Onze menores sem pai, uma mulher brava sem marido – eis o legado doloroso que a sociedade recolheu da imolação de quem tombou por uma causa que não se solucionará com bocas de fuzis. Porque, são tantas os espoliados que não haverá fuzis bastante para derrubar os milhares de João Pedro.³³

³⁰ Cf.: BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide, SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Op. Cit. p. 75.

³¹ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. p. 35

³² LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. p. 36 – 44.

³³ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. p. 40.

Depois de colocarem as matérias dos jornais de época que se dispuseram a escrever sobre João Pedro, os dois autores reconstróem os atos públicos de protesto contra ao seu assassinato. Esses atos de protestos estavam sendo planejado para o dia 10 de Abril na cidade de João Pessoa, para que nessa cidade houvesse uma grande manifestação em protesto ao assassinato de João Pedro Teixeira. No entanto, este ato não aconteceu, pois o exercito começou a intervir diretamente para que não se realizasse. E também por coincidência as vésperas do grande ato também era o dia em que o chefe de polícia Antonio Maria Filho, marcara uma entrevista coletiva para divulgar os nomes dos assassinos de João Pedro Teixeira e dos mandantes do crime.

Estas manobras foram feitas para forçar o adiamento ou até para que ele nunca acontecesse. As manobras foram acompanhadas pelas prisões de varias lideranças das Ligas Camponesas e também de personalidades ligadas ao movimento. E assim são obrigados a cancelar o ato de protesto, levando também a Federação das Ligas Camponesas emitirem uma nota de repudio contra a forma de politica que estava sendo adotada,

Deste modo, evita-se que os motivos justos e pacíficos da manifestação possam servir de pretexto para atos de violência e de derivativos para não apuração do bárbaro assassinato do dirigente camponês, João Pedro Teixeira, cujos responsáveis tudo fazem para que o crime, que tanto revoltou a opinião pública, fique impune. Espera a Federação que o Governo do Estado cumpra sua missão de apontar, pelos os meios legítimos, os executores e mandantes do bárbaro crime.³⁴

Esta citação funciona dentro do texto do memorial como um documento que é colocado por Lemos e Porfírio da mesma forma como os anteriores para dizer ao leitor que as Ligas Camponesas por nenhum momento deixou de cobrar das autoridades a responsabilidade de apurar o inquérito da morte de Pedro Teixeira. Cobrar que se faça justiça para a morte do líder camponês era uma missão das autoridades. Dessa forma, Lemos isenta as Ligas Camponesas da acusação de

³⁴ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. p. 43

não ter reivindicado que se fizesse justiça e não apenas estereotipado a morte de João Pedro Teixeira.

O grande ato de protesto fica marcado para o dia 1º de maio e o memorial nos conta com muita empolgação que esse ato se transformou na maior concentração popular jamais vista na cidade de João Pessoa, com mais de vinte mil camponeses que vinham em caminhões, trens e outras vinte mil pessoas de João Pessoa, Cabedelo, Bayeux e Santa Rita conduzindo faixas e cartazes de protesto contra a morte de João Pedro Teixeira.

Assim podemos ir para mais um cenário da história de João Pedro que foi escrito para o memorial como o capítulo "*A repercussão na Assembléia*"³⁵. Nesse cenário os dois autores do memorial resgatam dos bastidores o início do "jogo do inquérito" que se deu na Assembléia Legislativa, para cobrar do Governador da Paraíba, Pedro Gondim, uma medida urgente para conseguir prender os culpados da morte de João Pedro Teixeira. Dessa forma, os autores do memorial também localizam como primeira denúncia do assassinato na Assembléia Legislativa feita pelo Deputado Estadual Petrônio Figueiredo que inclusive taxou o crime como de "*bárbaro trucidamento*", apelando para ao Governador Pedro Gondim para que ele tomasse providências enérgicas no sentido de apurar os fatos do assassinato de João Pedro Teixeira para em fim chegar aos responsáveis pelo crime.

Diante das reivindicações do Deputado Estadual Petrônio Figueiredo, o também deputado Vital do Rêgo se lança em defesa do governador Pedro Gondim, se colocando a disposição para solucionar a morte de João Pedro. Diante das reivindicações Vital do Rêgo se lança em defesa do Governador do Estado da Paraíba quando afirma que se forem apurados os fatos os responsáveis responderiam pela barbárie que praticaram contra João Pedro, sejam quais forem as suas posições sociais.

O assassinato de João Pedro Teixeira foi tema de vários debates na assembleia legislativa que culminavam para denunciar quem teria sido os mandantes do crime. Como o Deputado Agassiz Almeida que denunciava

³⁵ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. p. 44- 53.

Aguinaldo Veloso Borges como possuidor de armas privadas das Forças Armadas e que também estava ameaçando os camponeses que tentavam fundar uma Liga Camponesa em Pilar e como também em Alagoa Grande.

Logo após esta denuncia o Deputado Luiz Pedro ligado ao grupo da Várzea, lançou um desafio para o Deputado Raimundo Asfora, que rebateu o seu discurso, sobretudo os da imprensa paraibana. Luiz Pedro desafiou Raimundo Asfora para que ele provasse quais seriam os membros do sindicato da morte na várzea da Paraíba, caso contrário convida o mesmo deputado a renunciar ao seu mandato. Lemos e Porfírio ilustram esse acontecimento por meio de um comentário ao "Jornal Correio da Paraíba",

O deputado Luiz Ribeiro Coutinho, após ouvir o libelo do tribuno Asfora, apanhou os destroços de seu repto fugiu do recinto do debate legislativo. E agora com o anuncio de novas autorias intelectuais irrogadas à Várzea, já deve estar em algum confessionário religioso a purgar o mal que se fez a uma tradição usando os próprios recursos. E sem dúvida, jamais fará em sua vida nenhum repto, salvo para não ser cumprido como o último, que ficou povoado ser a Várzea também coito de facinoras, casa de facinoras com especialistas no crime de emboscada e tocaias.³⁶

Na Assembléia Legislativa da Paraíba, os protestos contra o crime aumentavam a cada dia. Sobretudo após Aguinaldo Veloso Borges, ser acusado como mandante do crime assumir uma vaga na Assembléia legislativa. Após uma manobra que culminou com a saída de cinco deputados para então assumir já que ele estava como quinto suplente. Ele assume no dia 11 de Abril de 1962 e nesta mesma sessão Raimundo Asfora toma a palavra, Lemos e Porfírio registra da seguinte forma,

Raimundo Asfora ocupou a tribuna, de forma corajosa, para ler uma entrevista do Chefe de Polícia do Governo da Paraíba, Francisco Maria, onde eram denunciados os matadores e mandantes da morte do líder camponês, "ocorrido em condições covardes e criminosos no dia 2 do corrente". Disse que "apesar de reconhecer na palavra de Chefe de polícia uma denuncia das mais graves, pede que aquela autoridade divulgue uma nota oficial para que a Assembléia tenha um ponto de partida para formar uma posição definitiva sobre o rumoroso caso...".

³⁶ Jornal Correio da Paraíba, 14 de Abril de 1962, Apud LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit., p. 46.

Asfora lê a notícia citando os nomes dos soldados implicados, do vaqueiro, do proprietário da terra Pedro Ramos e do deputado Aguinaldo Veloso Borges. “Temos de saber se, neste recinto ou fora dele, contemplamos cidadãos de honra ou assassinos frios”, disse Raimundo Asfora.³⁷

Lemos e Porfírio afirmam que logo após esse discurso de Raimundo Asfora criou-se na Assembléia Legislativa um clima de tumulto com os rebates do grupo da Várzea. Como o de um deles que era o deputado Joacil Pereira que afirmou em seu discurso que havia altas autoridades do Estado a serviço de Moscou e que João Pedro Teixeira nunca havia sido um líder camponês e sim um agitador como uma forma desqualificar como um agitador e perturbador da ordem.³⁸ Depois desse episódio, os deputados aliados do grupo da várzea tentaram desmoralizar o inquérito promovido pela Polícia Civil da Paraíba que apontava para os matadores e mandantes do assassinato de João Pedro. E assim Grupo da Várzea conseguiram criar uma comissão de inquérito para punir os verdadeiros culpados.

No entanto, o objetivo da comissão de inquérito montada pela assembleia era destruir as peças montadas pelo inquérito policial, livrando assim Aguinaldo Veloso Borges, Pedro Ramos Coutinho e Antonio Victor da acusação de mandantes do crime e os policiais Antônio Alexandre e Francisco Pedro da Silva e o vaqueiro Arnaud Claudino, como executores do assassinato de João Pedro. Lemos e Porfírio se apropriaram de uma matéria da imprensa paraibana que foi produzida para criticar essa comissão em uma coluna “Diário da Política” escrita por José Soares Madrugá, dessa forma ele a colocaram,

Os proprietários que arregimentam em Associações, com a assistência jurídico-parlamentar do sr. Joacil de Brito Pereira, estão sentindo que a Comissão Parlamentar de Inquérito designada pela Assembléia para investigar as causas de incidência entre camponeses e donos de terra começou por onde devia terminar: o depoimento dos indicados como responsáveis pelo trucidamento de João Pedro Teixeira. Isto porque a opinião pública foi despertada para o objetivo daqueles interessados na

³⁷ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. p. 47 – 48. (Grifos e dos autores).

³⁸ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. p. 48.

CPI, qual seja o de desviar atenções voltadas para o bárbaro crime, fixando-as nas atividades do órgão de investigação...³⁹

A comissão parlamentar de inquérito para de apurar o assassinato de João Pedro Teixeira, porque estava caindo no ridículo, sobretudo com as críticas da imprensa local. Os defensores da causa latifundiária desistiram da comissão para fundar uma associação de proprietários rurais da Paraíba, que ficou conhecida pelos meios de comunicação como a liga dos latifundiários. Tendo como discurso de abertura feito pelo advogado Sabiniano Maia que falou da seguinte forma sobre a luta que acontecia no campo:

Todos são bons, todos são dignos, todos merecem louvores, somente o proprietário é criminoso e, como tal, condenado a desaparecer aos golpes da foice e do machado. E qual o nosso crime, para cuja a defesa nos encontramos aqui, unidos e reunidos, fortes e decididos?⁴⁰

Podemos, enfim, chegar à última parte do memorial chamada “o inquérito”⁴¹ da morte de João Pedro Teixeira. E o que fica ao final do inquérito para os autores do memorial é a indignação por não ter havido justiça, por isso esse memorial foi uma forma também de protestar mais uma vez pelo assassinato de João Pedro Teixeira. Pois todo o inquérito foi cumprido na época chegando aos responsáveis pelo crime que vitimou João Pedro Teixeira, mas a punição não aconteceu já que o mandante não sofreu nenhuma penalidade, pois se tratava de um Deputado Estadual. E como o mesmo memorial destaca em sua narrativa ele estava acobertado sob o “manto das impunidades”. Quanto aos outros assassinos de João Pedro Teixeira, Lemos assim como Porfírio nos contam que em abril de 1963, Alexandre e Chiquinho foram condenados por unanimidade de votos, mas, no entanto ao dia 08 de março de 1965 com a ditadura militar todos os culpados pela morte de João Pedro Teixeira foram absolvidos.

³⁹ Da coluna “Diário da Política do dia 15 de Abril de 1962.”. Apud LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. p. 50 – 51. Local de sua localização não foi mencionado pelo texto dos autores.

⁴⁰ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. p. 53. Esta citação é retirada pelos autores de MAIA, Sabiniano. **Sapé, sua História, suas Memórias** – 1883/1985. João Pessoa: UNIGRAFE, 1985. Os autores não mencionam a página de onde poderia está localizar esta frase.

⁴¹ LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. Op. Cit. p. 53-62.

E dessa forma, tudo o que pudesse lembrar a memória de João Pedro passou a fazer imediatamente parte da memória subterrânea, pois Lemos e Porfírio, terminam o memorial nos contando que o monumento que foi erguido em homenagem a João Pedro à margem da estrada Café do Vento em Sapé foi dinamitado logo após o golpe de 1964. No entanto, sem este espaço de memória, a memória de João é escrita por meio de outros canais sendo colonizada para que ele possa emergir em outro tempo. João Pedro Teixeira é, portanto um corpo escrito, pois esta é a condição de sua volta ao presente por meio de suas tessituras que o trás de volta sob o emblema de ser um herói camponês.

Ao contar a sua história novamente como no caso do memorial é também a possibilidade de encontrar os outros pontos de tramas da história como a própria invenção do camponês nas décadas 50 e 60, pois é função dessa invenção que se começa a pensar em um mártir para ser emblema desse novo corpo em produção. João Pedro seria como escreveu Albuquerque Júnior o homem representante da classe revolucionária, da classe máscula, fálica, capaz de penetrar e gestar a sociedade do amanhã.⁴²

Por isso depois desse memorial podemos afirmar que o processo de fabricação de João Pedro como herói camponês nunca chega ao fim, pois cada escrita que toma o seu corpo faz dele um novo acontecimento. Cada linha que se escreve sobre ele é uma linha de intensidade que faz do seu corpo aquilo que Guattari e Deleuze pensaram como um *corpo sem órgão*⁴³, pois assim como ele a sua história nunca esta pronta, sempre requer mais conexão, sua história de vida é um plano de imanência a começar outras histórias e que para isso estabelece novas conexões como possibilidade de ser presente de novo. A história de João Pedro Teixeira se conecta a outras histórias como a possibilidade um novo encontro. Como podemos ver por meio dessa fonte, onde a sua história como o próprio João Pedro Teixeira deixa de ser virtual para se tornar atual quando se

⁴² ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª Ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001, 225.

⁴³ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**: Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. p. 9 – 13. (Vol. 3).

reconecta ao presente de novo ao estabelecer semelhanças, como no caso através da história do seringueiro acreano Chico Mendes que foi morto nos finais da década de oitenta.

O paraibano João Pedro Teixeira foi um mártir da luta da terra no Nordeste do país, assim como o acreano Chico Mendes se notabilizou na defesa do seringal e do meio ambiente em terras e do meio ambiente em terras nortistas, sobretudo na região amazônica.⁴⁴

⁴⁴ Revista Feneae Agora. **Memória: Um mártir da luta da terra**. Maio/junho 2007. (Grifos Meus).

5.

PASSAGENS POR UM TERRITÓRIO A(FE)TIVADO PARA O HERÓI CAMPONÊS

A consciência de si própria não é algo que a pessoa progressivamente descobre e aprende a descrever melhor. É, antes, algo que se vai fabricado e inventado, algo que se vai construindo e reconstruindo em operações de narração e com narração.

Jorge Larrosa

Na madrugada do dia três de Abril do ano de mil novecentos e sessenta e dois, no Sítio Antas do Sono, localizado no município de Sapé na Paraíba. Elizabeth Teixeira depois de uma longa noite de espera, decide ir dormir, sendo que antes com zelo e carinho de uma mãe, ela vai dar uma rápida olhada nos seus filhos que dormiam em suas camas e redes, mesmo ela sabendo que todos estavam dormindo o bom sono da infância. Durante essa madrugada Elizabeth Teixeira estava preocupada, pois João Pedro Teixeira ainda não havia chegado, ela sabia que ele havia saído de casa pela manhã e que iria voltar logo cedo, pois ela também sabia os horários de chegada dos ônibus da capital em Sapé. Há ansiedade e o medo aumentava a cada minuto, Elizabeth Teixeira se preocupava, pois a cada instante se lembrava de um sonho que João Pedro Teixeira havia contado, a ela horas antes de sair de casa. E dessa maneira Elizabeth conta o sonho,

Olhe eu não acredito em sonho, mas esta noite eu sonhei que estava atravessando um rio e dois cabras me atacavam de faca, eu me defendia dando chute, mas eu via um rio de sangue em vez de água o rio era feito de sangue.¹

¹ BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (Orgs). **Eu Marcharei na tua luta**: a vida de Elizabeth Teixeira. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997. p. 72.

Diante de um sonho tão assustador Elizabeth havia aconselhado João Pedro da seguinte forma: “É melhor você não viajar hoje”.² Diante desse conselho João Pedro Teixeira havia retrucado da seguinte maneira “mas eu tenho que ir, a audiência esta marcada para hoje”.³ Esse diálogo a cada minuto ecoava na sua memória fazendo com que ela a cada minuto ficasse mais amedrontada e insegura, pois ela temia que o pior houvesse acontecido. E depois de uma noite quase sem dormir ou com a possibilidade desse sono até mesmo nem ter acontecido, Elizabeth Teixeira e seu filho mais velho Abraão notam que havia um grande número de pessoas se dirigindo para a sua casa logo cedo, diante das pessoas que aos poucos se aproximavam, Elizabeth por instante será tomada por uma sensação estranha de medo e insegurança, pois ela ficou logo desconfiada que a notícia que ela iria por receber não seria das melhores. E logo que começa a se aproximar de sua casa um número grande de pessoas e a notícia que ela temia receber um dia aconteceu. Dessa maneira Seu Chico foi logo dizendo a Elizabeth: “João Pedro foi morto por um tiro de fuzil, ontem de 5:40 da tarde, bem perto de Café do Vento. Ele já se encontrava em Sapé”.⁴

E por um instante Elizabeth Teixeira acionou em sua memória pequenas passagens, que assim como um caleidoscópio que a cada instante girava e que mostrava a ela diferentes passagens que convergia para mostrar que a morte de João Pedro Teixeira se anunciava. Na sua memória girava passagens semelhantes a um caleidoscópio não para mostrar a ela diferentes imagens e paisagens, mas sim a mesma imagem que convergia para a morte de João Pedro Teixeira como ela expressa em sua fala: “Meu Deus tanto que esta gente planejou que chegaram a realizar”.⁵ Diante desse acontecimento, Elizabeth Teixeira ficou atordoada com a notícia que acabava de receber, ela seguiu em direção ao corpo de João Pedro Teixeira. E assim ela relata em sua biografia,

² BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (Orgs). Op. Cit. p. 72.

³ Idem. Idem. p. 72.

⁴ Ibidem. Ibidem. p. 74.

⁵ Ibidem. Ibidem. p. 74.

Nesse momento, eu nem penteei o cabelo, não penteei o cabelo, não troquei de vestido e nos saímos de pés com destino a Sapé. A gente ia caminhando pela estrada quando parou uma caminhonete junto de nós. Eu disse ao motorista que João Pedro estava morto em Sapé. Ele disse que já sabia, pois ele mesmo tinha transportado o corpo para o necrotério do hospital. Ele então me levou até Sapé. Chegando lá, o policiamento em volta do hospital era grande.⁶

Mas Elizabeth Teixeira quando chegou ao hospital para ver o corpo de João Pedro Teixeira se deparou com fato que para ela causou uma grande surpresa: o fato do seu corpo que estava sendo guardado pelos policiais e também dela não poder vê-lo. A indignação de Elizabeth se deu pelo fato de quando João Pedro estava vivo a polícia nunca havia se preocupado com sua vida, fato esse que contado por ela e que interrogou da seguinte forma "... agora que ele estava morto, pra que danado precisa dele ali?"⁷ Essa situação levou Elizabeth Teixeira a sentir naquele momento o ódio dos policiais por causa das prisões e dos massacres que eles haviam submetido a João Pedro Teixeira em vida. Diante da proibição dela não entrar para ver o seu esposo morto, Elizabeth não obedece,

Eu voltei pro hospital disposta a pisar por cima das armas que eles estavam segurando, duas armas abocadas, dois fuzis apontados; eu pulei por cima dos fuzis e mandei que Abrão pulasse também. Fui diretamente para o necrotério. Cheguei e ele estava lá, morto, estendido em cima da pedra. Os olhos cheios de sangue, como se estivesse sido morto naquele instante, segurando os olhos dele tão vivos, abertos, tão vivos que se você olhasse, dizia que estava vivo.⁸

A morte de João Pedro Teixeira provoca uma ruptura na vida de Elizabeth Teixeira, sobretudo, quando ela aceita continuar a luta do seu esposo a frente das Ligas Camponesas, pois João Pedro enquanto estava vivo sempre perguntava a Elizabeth se daria continuidade ao movimento caso ele chegasse a ser morto a mando de algum dos latifundiários que o ameaçavam em vida, mas ela nunca havia dado uma resposta a ele que fosse afirmativa ou negativa no sentido de continuar ou não a sua luta através das Ligas Camponesas, mas diante do corpo

⁶ Ibidem. Ibidem. p.74.

⁷ Ibidem. Ibidem. p.75.

⁸ Ibidem. Ibidem. p.75.

de João Pedro Teixeira morto e das marcas de ferimentos a bala de um mosquetão, ela decidiu dizer sim a luta do seu esposo e a sua nova forma de existência que sua escolha provocou na sua vida ao assumir a sua luta. Passagem que é colocada por ela da seguinte forma,

...por mais de uma vez você [João Pedro Teixeira] me perguntou se eu daria continuidade à sua luta, e eu nunca te dei minha resposta. Hoje eu te digo com consciência ou sem consciência de luta, eu marcharei na tua luta, João Pedro pro que e vier!⁹

A partir desse juramento Elizabeth Teixeira deu início a uma nova escrita de si provocada pela sua reelaboração através do acontecimento da morte do seu esposo e da sua escolha de continuar no movimento, que efetiva pela maneira como ela teve que (re)elaborar a sua vida em função de dar continuação a luta do seu esposo, pois antes da morte de João Pedro Teixeira ela sempre havia afirmado que ela era uma mulher fora da política e que portanto não entendia de política e o que fazia era apenas ajudar o seu esposo lendo os jornais o Terra Livre ou carimbando as carteiras dos sócios das Ligas Camponesas. A continuação da luta de João Pedro Teixeira também é motivada por diversas maquinarias discursivas como no caso dos poemas que vão ser escritos e endereçados a Elizabeth Teixeira que somando – se ao o seu juramento feito diante do corpo ainda morto do seu esposo, vão fazer com que ela entre para as Ligas Camponesas como líder, através também de uma estratégia política que foi adotada pelo movimento no ano de 1962. Como podemos observar neste poema que foi escrito por Afonso Romano de Sant' Anna no ano de 1962 e que aciona Elizabeth Teixeira por meio de sua tessitura para colocá-la a frente do movimento da Liga Camponesa de Sapé,

(...)

Ronda o galo a casa aberta
de Pedro Teixeira morto.

⁹ Ibidem. Ibidem. p. 75.

Uma viúva e seus filhos
se espreitam na madrugada
que amanhece em sangue e brasa.

Vai a noite
alta é

uma viúva em seu leito
arde desejos e sangue.

- Mulher, porque morreu o teu marido
com o corpo ferido?

- Moço, morreu ferido pelo inimigo
Porque sabia o caminho.

-Mulher, porque feriram o teu filho
Na estrada do teu marido?

- Moço feriram o menino
por que seguia o caminho
que vamos todos seguindo.

Desce logo dia
logo é.

Uma viúva
ouvindo a voz do marido:
"Vai mulher
que a luta é"

desperta seus companheiros
e sai com a alba pelos campos.

Tu és pedra
Pedra Teixeira
e sobre ti levanto
esta bandeira.

Tu és brasa
Pedro Teixeira
sobre ti já queima
esta fogueira.

Tu és guerra
Pedro Teixeira
E sobre ti cavamos
a trincheira.¹⁰

Este poema que foi escrito pelo poeta e crítico literário Afonso Romano de Sant'Anna, tendo também uma dupla função reescrever por meio de uma linguagem poética a morte de João Pedro Teixeira para alcançar os leitores de forma assertiva e transmitir aos seus leitores um pouco a história de vida de João

¹⁰ SANT'ANNA, Afonso Romano de. **Coleção Violão de Rua**. Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, 1962. (Vol. 3). (Grifos Meus)

Pedro. Mas, sobretudo foi também estratégia de subjetivar Elizabeth Teixeira através das frases que foram escritas como sendo uma fala dela e que possivelmente eram para ser entendidas que haviam sido ditas por ela, quando ela foi interrogada no poema quando a perguntava “*de que morreu o seu marido com o corpo ferido*”. Outra ação desse poema era colocar João Pedro Teixeira como referência de sua luta quando o poeta Afonso Romano metaforiza a sua vida criando para o leitor um signo de futuro e, sobretudo quando corpo de João Pedro é nomeado com os signos que conferem a ele um caráter de imortalidade como *pedra, bandeira, e brasa*. Como também através dos signos que conferem uma continuidade e que remetem a sua luta quando é metaforizada com a palavra *trincheira*. Este poema que foi escrito e endereçado a Elizabeth Teixeira foi também endereçados aos outros camponeses, para que eles a aceitassem dentro do movimento das Ligas Camponesas como líder no lugar de João Pedro Teixeira.

Diante de um juramento feito por Elizabeth Teixeira, ela aceitou também os “convites” que foram feitos por diversas “maquinarias discursivas” como os jornais e pequenos poemas que foram produzidos e endereçados para que ela entrasse para o movimento das Ligas Camponesas. Para aqueles que eram os mentores das estratégias políticas pensadas para as Ligas Camponesas como no caso do advogado e presidente nacional das Ligas Camponesas Francisco Julião a entrada de Elizabeth Teixeira seria de fundamental importância para conter a dispersão do movimento diante do assassinato de João Pedro Teixeira e cultura do medo que estava se edificando após o seu assassinato. Elizabeth Teixeira entra no movimento das Ligas Camponesas na Paraíba como um símbolo de coragem e determinação para lutar contra os latifundiários da Várzea paraibana, se constituindo para os outros camponeses como um exemplo. Impulsionada por essas motivações Elizabeth ao entrar no movimento das Ligas Camponesas, mostrando-se preocupada com a situação do homem do campo naquele período e motivada a lutar para mudar essas condições, mesmo à medida que ela afirmava que tudo o que fazia era apenas em protesto contra a morte do seu

esposo. Mas o essa estratégia política adotada pelo movimento das Ligas Camponesas foi desautorizada anos mais tarde na década de oitenta pela socióloga e militante do Partido Comunista Brasileiro Bernardeth Aued, mesmo quando ela ao início do seu discurso demonstrou uma admiração inicial em sua narrativa com a chegada de Elizabeth Teixeira ao movimento. Aued colocou a sua chegada Elizabeth Teixeira dessa maneira:

Elizabeth projetou-se no movimento depois do assassinato de João Pedro. Inicialmente colocada na direção das Ligas apenas para manter na memória a figura do grande líder, a fim de fortalecer o movimento, ela surpreendeu a todos com a sua capacidade de liderança, sua impressionante coragem. Ainda que no princípio tivesse sido orientada por militantes do PCB, Elizabeth se destacou - se como uma das mais importantes figuras entre os "julianistas". Sua ascensão como líder, foi bastante rápida. Já em outubro de 1962 ela se candidata pela legenda PSB a Deputada Estadual. Pretendia-se com isto, transformá-la em um modelo eleitoral. Sua campanha foi bastante tumultuada, o seu despreparo político era muito grande, assim como também era grande o grupo que se manifestou contrário a sua candidatura.¹¹

O discurso de Bernardeth Aued quando critica a atuação de Elizabeth Teixeira, se insinua como um discurso dissidente na história das Ligas Camponesas, quando faz a crítica a sua entrada no movimento a colocando como despreparada politicamente para ser líder camponesa, ainda que estivesse sob a orientação do PCB ao início, já que a socióloga escreve nos anos oitenta para defender o partido comunista como também para construir uma memória para defender e consagrar o partido. Elizabeth Teixeira havia se candidato como Deputada Estadual da Paraíba pelo partido do PSD ainda no ano de 1962, sendo apoiada por Francisco Julião a sua candidatura acabou provocando uma divisão dentro das Ligas Camponesas já que Assis Lemos que era um dos líderes do movimento acabou saindo nesta mesma eleição como candidato a deputado estadual. Essa eleição com Elizabeth Teixeira como candidata foi marcada neste período por vários embates dentro da Liga Camponesa como também fora, como no caso da atuação dos latifundiários da Várzea, que liderados por Luiz Inácio

¹¹ AUED, Bernadeth Wrublewski. **A Vitória dos Vencidos: Partidos Comunistas e as Ligas Camponesas 1955 – 1964.** Florianópolis, Ed. da UFSC, 1986. p. 66.

Ribeiro Coutinho combatiam a candidatura de Elizabeth Teixeira. Uma vez que esse grupo atacava indiretamente através dos cordéis a sua candidatura a colocando da seguinte maneira através dos cordéis da época,

Pela ruas e pelos Sitio
anda um grupo de enrolão
iludindo os camponeses
cheio de tapiaçã
com uma mulher analfabeta
e um padre da corrupção.

O destino de uma mulher
é da sala ao fogão
e não é nem pra todas
ter esta compreensão
quanto mais pra quiar
os destinos de uma nação.

Um padre fazer comício
dá prova de um rebelado
é um revolucionado
é uma ruma de pecado
uma mulher sem leitura
é uma desonra para o senado.¹²

Atacada por alguns tanto dentro do partido quanto fora dele, mesmo esses ataques se constituindo de formas diferentes à eleição de Elizabeth Teixeira como candidata a deputada se constitui como capítulo a parte na sua história, uma vez que esse fato não deve ser visto no território da história para apontar os erros do passado e sim tentar entendê-los, como parte constituinte dos sujeitos históricos e nisso se justifica que a sua atuação política quanto às eleições não será criticada neste trabalho pelo fato ter sido uma estratégia bem sucedida ou não pelas Ligas Camponesas no período, mas como mais um gesto que a levaria ela se aproximar de João Pedro Teixeira provocado pela sua afetivação no ano de 1962 uma vez que ela vai assumir o lugar do seu esposo a partir da sua cartografia sentimental, já que ela dá início através dos seus gestos de se aproximar das coisas que lembrava João Pedro como uma forma de enguiçar a sua saudade. Elizabeth

¹² Este cordel foi escrito durante a campanha política do ano de 1962, tendo como autor "um camponês" do qual foi uma estratégia da época do grupo de latifundiários da Várzea para desqualificar a candidatura de Elizabeth Teixeira. Cf. UM CAMPONÊS. **O Prevenido Manga e o Descuidoso Chora**. S/ED.1962. p. 02. (Local e editora não foram colocados). Cordel disponível na Biblioteca Átila Almeida da Universidade Estadual da Paraíba.

Teixeira após a morte do seu esposo também reelabora uma memória para o líder camponês como também para si marcada por contornos de heroísmo a partir do marco de 1962.

1962. É percebido como um marco na vida de Elizabeth Teixeira, não pela forma e leitura de um leitor prático, uma vez que ela passaria a condição de viúva e ter a responsabilidade de educar os seus filhos sozinha. Sobretudo pelas circunstâncias sobra a qual ficou viúva, pois João Pedro Teixeira foi morto mediante a uma emboscada com participação indireta de Manuel Justino o seu próprio pai. Mas o ano de 1962 é visto como um marco através do olhar do leitor historiador que pensa este ano como um marco na vida de Elizabeth Teixeira no sentido de quando ela entra para movimento das Ligas Camponesas. Mesmo sendo uma estratégia de continuação e protesto da morte de João Pedro Teixeira, ela se reinventa dentro da história das Ligas Camponesas construindo para si uma nova estética de existência quando manuseia a história do seu esposo por meio do seu território afetivo o que a levará ela também a se constituir como um lugar de memória. Pois Elizabeth Teixeira reativa ou mesmo cria uma memória para João Pedro Teixeira a partir do seu território da saudade, de início para ela instrumentalizar a sua luta, como uma forma dela está sempre relembrando os momentos em que esteve ao lado do seu esposo e depois como forma de imortalizá-lo continuando a sua e edificando uma memória para consagrá-lo a imortalidade em uma luta contra o esquecimento.

Na diferença e ao mesmo tempo pela semelhança quanto ao desejo de imortalizar João Pedro Teixeira podemos encontrar ação de desse desejo em outro personagem da história como no caso de Alice Calmom que assim como Elizabeth Teixeira dedicara sua vida para produzir uma história monumental para o seu esposo mesmo quando se diferenciam por seus gestos, temporalidades e espaços distintos eles se encontram por meio dos seus desejos. No caso de Alice Calmom que teve a sua história escrita por Regina Abreu¹³ em "A Fabricação do

¹³ ABREU, Regina. **A Fabricação do Imortal: Memórias, histórias e estratégias de consagração no Brasil.** Rio de Janeiro: Ed. Rocco. 1996

Imortal”, notamos que o seu gesto se insinua de forma diferente do caso de Elizabeth Teixeira no sentido que Alice Calmom não continua a carreira política do seu marido e sim opta por fazer uma enorme doação ao museu arquivo nacional e depois acaba por se isolar do mundo como também de todas as pessoas conhecidas, ficando apenas na companhia do seu dedicado mordomo Jean.

O caminho escolhido por Alice Calmom para imortalizar o seu marido se efetiva quando ela decidiu fazer uma enorme doação de um imenso espólio¹⁴ no sentido de imortalizar Pedro Calmom. Regina Abreu nos conta na sua história, que Alice da Porciúncula Calmon Du Pin de Almeida deu apoio constante à vida pública do seu esposo, como mulher egressa de “tradicional família gaúcha”. A esposa de Miguel Calmon encarnou com perfeição o espírito das mulheres dos homens públicos dos tempos da primeira república.¹⁵ Sendo ela devotada ao marido e elegante em sua leve e esguia silhueta, discreta, sóbria e rica, ou, como se referiu o seu biógrafo: “senhora de rara distinta bondade, dotado de elevado espírito e formação exemplar”. Sem filhos, Alice Calmon estava sempre ao lado do seu marido, dedicando toda a sua vida ao seu esposo com a sua constante companhia ao seu lado.

Ao mesmo tempo na diferença e ainda na semelhança Elizabeth Teixeira, também como esposa havia dedicado grande parte a sua vida ao seu esposo, inclusive ajudando João Pedro Teixeira quando lia os escritos dos jornais para que ele criasse o seu próprio arquivo. Elizabeth Teixeira mesmo com desejos

¹⁴ Segundo Regina Abreu grande parte desse espólio foi doado a fim de imortalizar o seu esposo Nunca houve no percurso do Museu Histórico Nacional coleção alguma que se equiparasse em suntuosidade e riqueza à coleção Miguel Calmon. “Entre os itens selecionados pela viúva constavam cerca de 100 jóias em ouro e prata, coralina, pedras preciosas, moveis dos mais variados estilos, tapeçarias do século XVI, porcelanas raras, canetas de ouro, leques, bustos, esculturas, enfim um conjunto de objetos que nos deixa extasiados. A chegada da coleção Miguel Calmon ao Museu histórico Nacional compõe um dos capítulos das histórias e das lendas que se costuma a contar no museu. Foram dias de arrumações. O diretor havia concedido uma sala especial só para abrigar os objetos. Na porta lia-se uma placa com os dizeres: Sala Miguel Calmon. A viúva assessorada pelo mordomo Jean, comandava um grupo de operários para que tudo saísse como ela exigia. As obras eram todas por sua conta, e ela não media esforços e gastos para garantir tudo do bom e do melhor. Mármore no piso, porta blasonada, lustres e vitrines importadas. Quando a sala ficou pronta, vieram os caminhões e descarregaram aquela enormidade de coisas no Pátio de Minerva, à entrada do museu. Aquela enormidade de coisas fez com que o museu parecesse pequeno diante de tamanha suntuosidade dos objetos que ela havia doado”. Cf. ABREU, Regina. Op. Cit. p. 27

¹⁵ ABREU, Regina. Op. Cit. p. 21-29.

parecidos com os de Alice Calmom no que se refere ao cuidado com a memória do seu esposo se diferencia no sentido que ela não teve como no caso de Alice Calmom objetos matérias tão suntuosos em bens materiais que pudesse doar e organizá-lo para imortalizar o seu esposo em um museu. Mas Elizabeth Teixeira colocou como forma de imortalizar o seu marido o único bem que ela tinha: a sua própria vida e suas intensidades, ao colocá-la à disposição para construir uma história em defesa do seu marido. Diferente de Alice Calmon que buscou o isolamento depois da morte do seu esposo, sobretudo após da construção da sala Miguel Calmom construída para imortalizá-lo, Elizabeth Teixeira vai ter uma grande exposição da sua imagem em busca de garantir a continuação da luta de João Pedro Teixeira e ao passar dos anos ela também começa a construir para si uma história monumental através da sua narrativa de vida.

Elizabeth Teixeira começa a fiar os primeiros fios para a sua tessitura no ano de 1962, para constituir a tessitura das suas memórias a partir seu território a(fe)tivado. E a partir do seu território a(fe)tivado Elizabeth Teixeira construiu para João Pedro Teixeira como também para si uma narrativa de vida com contornos de monumentos. Como forma de analisarmos a produção da tessitura das memórias de Elizabeth Teixeira e sua relação como produtora de uma memória para João Pedro Teixeira acionaremos a biografia “Eu Marcharei na tua luta! A vida de Elizabeth Teixeira”¹⁶ e assim como também outras fontes como no caso das suas entrevistas. Quanto a sua biografia trata-se de uma obra que foi produzida ao final dos anos noventa como forma de trazer para o conhecimento do público a vida da própria biografada como também, para fazer um resgate da vida e da luta de João Pedro Teixeira.

Elizabeth Teixeira teve a sua vida (re)constituída em uma biografia aos finais dos anos noventa, mas é uma obra que estava sendo produzida há mais de uma década, e por razões das quais as próprias organizadoras da biografia não sabem explicar os acontecimentos que atrapalharam a sua publicação por anos,

¹⁶ Cf. BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (Orgs). **Eu Marcharei na Tua Luta: a vida de Elisabeth Teixeira**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997.

mesmo em alguns momentos estando pronta para a sua publicação. Esses acontecimentos levaram as suas organizadoras a levantar a afirmação de que essa biografia parecia com a vida da própria da biografada Elizabeth Teixeira, pois a sua produção assim como a vida da biografada foi marcada por grandes vicissitudes como aponta Neide Miele, fazendo com que a sua publicação demorasse mais de uma década para ser publicada mesmo estando pronta.¹⁷

Curiosamente esta biografia é a única obra que vai trazer João Pedro Teixeira à cena novamente nos anos noventa, construído a partir das memórias de Elizabeth Teixeira e do qual teremos acesso ao território afetivo. Essa biografia vai trazer uma série de discursos de Elizabeth Teixeira que vai romper com as outras produções discursivas que estiveram a serviço de informações que tendiam para espetacularização como no caso em grande medida da imprensa paraibana. Já os discursos da memória de Elizabeth estão para o sentido de comunicar uma experiência de vida no sentido em que nos fala Walter Benjamin¹⁸, já que é Elizabeth Teixeira que vai resgatar João Pedro através da sua memória desde sua infância, o período em namoraram, a sua relação como os seus filhos e sobretudo ele como líder camponês, salvando dessa maneira a sua memória nos anos noventa do instante de perigo do tempo presente. O discurso de memória Elizabeth Teixeira nos anos noventa à medida que se constitui ruptura também vai ser mais um resgate a trazer João Pedro Teixeira dos subterrâneos do passado fazendo com ele venha ocupar a cena política novamente. Mesmo o seu discurso se constituindo como uma diferença dos demais é um discurso que soma – se aos outros que deram início a tessitura de

¹⁷ Cf. “Em 1990, Maria da Penha do Nascimento, a nossa saudosa Penha, reacendeu a idéia da publicação do livro de Elizabeth Teixeira. Sabendo do interesse de Lourdes Maria Bandeira e de Rosa Godoy Silveira em produzir um texto que resgatasse a experiência de Elizabeth, enquanto mulher, esposa e mãe, Penha encarregou-se de articular uma reunião onde compareceram Lourdes, Rosa, ela própria e eu Neide Miele [...] O destino porém manhoso e perverso, mais uma vez colocou barreiras imensas para execução deste projeto. [...] 15 de dezembro de 1991, Penha e Bete despediram da vida... A tragédia fez com que com todo o material deste livro ficasse mais de 2 anos à espera. [...] Infelizmente, por razões que escapam à nossa compreensão, este trabalho ficou a espera de sua publicação, mesmo estando pronto. Finalmente, em 1997, ele pode cumprir seu destino chegando às mãos dos leitores”. In: Idem. Op. Cit. p. 13 -14.

¹⁸ BENJAMIN, Walter. **O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura*. 3ª ed. SP: Brasiliense, 1987. p. 196-221.

uma memória de heroísmo para João Pedro Teixeira que havia começado a ser fabricada durante o ano de 1962. Mas que ele se reelabora de forma diferente inserindo novos signos sobre João Pedro Teixeira. Como no caso dessa narrativa:

Ele era uma pessoa excelente. Eu nunca soube que João Pedro tivesse outra mulher, outra namorada. Ele andava, ele lutava. Me lembro que uma vez a gente estava no campo e veio um povo do Rio, umas meninas do Rio de Janeiro, elas saíam com ele no campo, passaram uma semana inteira na nossa casa. E eu nunca tomei conhecimento que ele estivesse interessado em outra mulher. A gente viveu uma vida inteira sem brigas, sem discussão.¹⁹

A narrativa de Elizabeth Teixeira cria sobre João Pedro Teixeira uma memória afetiva que se instaura como uma cartografia sentimental por ser constituída a partir dos seus afectos como nos diria Gilles Deleuze, cujas linhas são acionadas para trazê-lo de volta ao presente, e assim ele retorna mais vez por meio de sua cartografia sentimental como um corpo escrito investido por novos signos para ser visto pelo o leitor como uma figura exemplar. Essa cartografia sentimental de Elizabeth Teixeira instaurada através da sua narrativa a permite romper de início com a virtualidade do tempo permitindo a ela que João Pedro Teixeira deixe de ser uma figura presa ao passado fazendo com que ele retorne ao presente, pois ao instante em que Elizabeth Teixeira narra à história de vida de João Pedro Teixeira permite um retorno fugaz ao presente entre a palavra e a escrita, mas que para ele poder “ficar” no presente as suas memórias teram que ser constantemente atualizadas.

O retorno de João Pedro Teixeira através escritura de Elizabeth Teixeira nos anos noventa permitiu um alargamento da imagem pública que foi construída para ele no ano de 1962 e que faria dele um signo de heroísmo na história das Ligas Camponesas. A ideia do alargamento da sua imagem pública se edifica quando as memórias de Elizabeth Teixeira deixam de ser uma lembrança particular ou uma memória familiar para fazer parte de uma memória coletiva que vão somar-se as outras memórias que foram produzidas para ele que o investiu

¹⁹ BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (Orgs). **Eu Marcharei na Tua Luta: a vida de Elisabeth Teixeira**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997. p. 44.

ou mesmo continua a investir sobre ele signos de heroísmo. João Pedro Teixeira retorna ao presente na narrativa de Elizabeth Teixeira como esposo marcado pela imagem de esposo companheiro e fiel que durante o período que estiveram casados, Elizabeth Teixeira não menciona nenhum dado ou fato que pudesse retirar de João Pedro Teixeira da imagem de companheiro fiel e de esposo exemplar. A imagem do grande esposo e pai de família exemplar é sempre um espaço recorrente dentro da narrativa de Elizabeth Teixeira como podemos observar em outro pedaço de sua fala,

Nos vinte anos em que eu vivi com ele, eu nunca ouvi dizer, "João Pedro está bebendo" ou "João Pedro tem outra mulher", ou "ele está dormindo fora por motivo de outra pessoa, de outro amor", de jeito nenhum. Se adoecesse um dos meninos, a noite era dividida. "Até tal hora você cuida, a partir dali eu vou ficar com o menino". Ele perdia a noite de sono ao meu lado, eu ficava com o menino, depois eu dormia um pedaço e ele ficava. O que ele pudesse fazer por mim, ele fazia e isso fez com que eu tivesse um amor muito grande por João Pedro.²⁰

Elizabeth Teixeira resgata e (re)constrói essas imagens de João Pedro Teixeira que permite a ela ao construir a suas narrativas a criar também para si outro estilo de vida no decorrer da produção das suas narrativas de vida. Uma vez também que a sua consciência de si não é algo que ela descobriu e sim que ela aprendeu a (d)escrever para os outros quando narrava a memória de João Pedro para começar a produzir a sua própria narrativa de vida. A sua narrativa também permitiu elaborar a sua experiência e a construir como diria Michel Onfray²¹ a sua arquitetura singular de vida, dando a ela possibilidade de construir uma nova subjetividade que a corporifica como uma memorialista. Fazendo com que ela muitas vezes faça a si mesma a seguinte pergunta em sua biografia "eu não sei o que João Pedro Teixeira tinha para fazer para eu abandonar o conforto da minha família podia me dar".²² Mediante a nova subjetividade alcançada por ela se constrói em meio a sua admiração por João Pedro Teixeira.

²⁰ Ibidem, Ibidem, p.43.

²¹ ONFRAY, Michel. **A Escultura de Si**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 23.

²² Ibidem, Ibidem, p.44.

Mesmo Elizabeth Teixeira abandonando todo o conforto da sua família, ela menciona que nunca se arrependeu de ter casado com João Pedro Teixeira e de sempre ter ficado ao seu lado. Elizabeth contou na sua biografia que sempre esteve ao lado de João Pedro nas Ligas Camponesas. Ela menciona quando havia alguma violência no campo João Pedro a convidava e ela prontamente o acompanhava para os lugares onde estava ocorrendo agressões ao homem do campo. Sobretudo, quando ela menciona que dava assistência a João Pedro Teixeira na sede das Ligas Camponesas e durante os atos públicos para ler os jornais ou mesmo quando ficava na sede das Ligas Camponesas carimbando as carteiras para que João Pedro Teixeira pudesse ir à feira aos sábados, para criar e manter os seus contatos com os outros camponeses²³.

A narrativa de Elizabeth Teixeira quando fala sobre João Pedro Teixeira é também em grande medida, uma narrativa inserida na lógica do idealismo do amor romântico no sentido em que fala o psicanalista Jurandir Freire Costa²⁴, ao discutir a gramática do amor romântico no Ocidente: gramática que implica numa construção de subjetividade marcada por uma visão idealista do amor romântico que enxerga no outro a sua felicidade e acredita em grande medida que o amor supera todas as barreiras. Podemos ter acesso às chamadas desse amor idealista na narrativa de Elizabeth Teixeira já que ela usa a memória de João Pedro Teixeira para se proteger da solidão se apoiando como forma de reconstrução se si por meio da ternura e respeito por João Pedro Teixeira, onde muitas vezes na sua narrativa encontramos a seguinte pergunta como marca de sua admiração "... como é que João Pedro sustentou aquela barra tão difícil na vida?"²⁵ Essa pergunta nos mostra como Elizabeth Teixeira admirava João Pedro Teixeira ao ponto de colocá-lo após a sua morte como referência para dar continuação à sua vida. Referência essa que se traduz pela forma como Elizabeth Teixeira reatualiza

²³ Ibidem, Ibidem, p.46.

²⁴ COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude e sem favor**: estudos sobre o amor romântico. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1999. p. 133.

²⁵ BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (Orgs). **Eu Marcharei na tua luta**: a vida de Elizabeth Teixeira. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997. p. 21.

ou mesmo cria novas imagens para João Pedro Teixeira, pois é por meio da sua narrativa que ele traz o seu esposo novamente de volta para o passado.

Logo ao mostrar João Pedro Teixeira como um esposo companheiro. Elizabeth Teixeira dá ênfase a sua narrativa a outra característica do seu esposo a figura de pai que ele exercia com sua família. Ela conta aos leitores da sua biografia que em uma das noites próximas do dia da sua morte ele se levantava e vigiava o sono a cada um dos seus filhos, já que ele olhava tanto os que dormiam em suas camas, quanto os que dormiam nas suas redes e a medida em que fumava os cigarros as suas lágrimas desciam como fosse cada a cada dia a sua despedida. Elizabeth Teixeira passou a se preocupar com a situação da sua família, com João Pedro, passando constantemente a chamá-lo para ir embora de Sapé. Ele dizia a sua esposa, *você pode ir eu fico com os retratos mais eu não me acovardo é me acovardar é pior do que morrer de fome.*²⁶ Somada a essa imagem Elizabeth Teixeira resgata outra de imagem de João Pedro Teixeira, que se corporifica na figura do pai carinhoso que percorria entre as noites o sono de cada um dos filhos como fosse a última das visitas, já que ele estava constantemente ameaçado de morte. Como podemos observar nesta fala de Elizabeth Teixeira:

Nas últimas semanas, nos últimos meses antes dele ser assassinato, ele dormia pouco, fumava demais, toda noite ele tinha como obrigação de ir na cama de cada filho, ou na rede as lágrimas desciam, ele não queria que eu visse. Ele acendia o cigarro e soltava aquela fumaça bem forte, pra encobrir, mas eu via ele, na rede de cada um dos filhos, pegava na mão deles, baixava a cabeça, beijava, e as lágrimas desciam. Ele sabia que ia morrer, de que aqueles filhos iam ficar sentindo a ausência dele. Ele dizia que o maior prazer dele era criar os filhos, que através da luta dele e da ajuda dos companheiros ele iria formar seu filho mais velho como advogado, ele seria seu defensor. Apesar de sua coragem, seu coração sentia a dor da separação dos filhos. Não tinha uma só noite que ele não fosse de rede em rede, de cama em cama, depois que os filhos tivessem adormecidos. Era como se fosse à última vez.²⁷

A escrita da memória de Elizabeth também se constitui como uma via dupla quando ela fala para si e para os outros, uma vez que ela elabora uma memória

²⁶ BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (Orgs). Op. Cit. p. 34

²⁷ BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (Orgs). Op. Cit. p. 66.

de João Pedro tanto para si como para os outros como forma de conseguir uma continuação da sua luta, fazendo da sua memória uma arma política a romper o silêncio em torno do seu esposo. Pois à medida que os seus gestos edificam uma memória para o seu esposo, através da sua narrativa ela o coloca como um exemplo a ser seguido pelos outros, pois as suas memórias são escritas para serem também um monumento para que o seu esposo não seja esquecido. Já que ela também coloca em diversos momentos de sua biografia a seguinte frase e que também é o título da biografia “Eu marcharei na tua luta”, a palavra marcha em sua narrativa tornou-se uma palavra recorrente porque ela não expressa apenas a ideia de continuidade, mas, sobretudo como modelo a ser seguido, ou seja, a sua memória de João Pedro vida torna-se a base que ela instrumentaliza para se construir como líder na Liga Camponesa de Sapé. Por isso Elizabeth Teixeira ao mesmo tempo constrói uma memória em que insere signos sob João Pedro Teixeira fazendo dele mais uma vez um corpo escrito por meio dos seus afectos, para que ele possa servir de exemplo para outros que queiram retomar a sua luta.

Mas, também a sua narrativa se constitui como uma forma de dar continuidade ao movimento das Ligas Camponesas e como forma de produzir uma vida escriturária para João Pedro Teixeira para que ele não seja esquecido e para que a sua luta seja constantemente lembrada e reativada. O esquecimento traduz para Elizabeth como a sua desterritorialização como a perda do seu território de referência, território esse que se constitui a partir das memórias de João Pedro Teixeira e da possibilidade dela continuar a sua luta como forma de imortalizá-lo e consagrá-lo como herói. Por isso, ela lembra em meio a sua narrativa dos momentos iniciais da fundação da Liga Camponesa na Paraíba e depois investe sobre o seu corpo palavras que o conferem signos de coragem e determinação e persistência diante do movimento,

Em 1958 João Pedro fundou a primeira Liga Camponesa da Paraíba. Nunca houve um só momento pra dizer “Eu, não sei pra eu fiz isso!”, “Tô arrependido”, ou “Eu não fiz isso!”. Não! Nunca houve esse momento pra

ele sentir cansado ou pra reclamar. Sabendo que ia morrer que ia morrer, um dia ele falou assim pra mim: - Essas fotos ficam como lembranças, deixo pra você estas fotos e os nossos filhos como lembranças, pois sei que vou morrer.

(...)

- Sei que vou tombar, mais uma coisa eu digo pra você, "Eu não me acovardo!". "Eles vão tirar a minha, covardemente, pelas costas, porque de frente eles não vão ter coragem de enfrentar, mas eu continuarei aqui até tombar".

Daquele dia em diante eu não tinha mais o que dizer a ele.²⁸

E assim João Pedro Teixeira ressurgue mais uma vez como um corpo escrito por meio da narrativa da biografia de Elizabeth Teixeira, que faz dele um texto escrito pelas intensidades paixões, dores, saudades e admiração. Mas, sobretudo o seu corpo escrito que trás sobre ele os emblemas de uma memória de heroísmo construído pela valorização da sua imagem através dos signos de homem corajoso para que ele possa funcionar para o outro como modelo de coragem, pois João Pedro Teixeira é resgatado em sua biografia como o líder emblemático das Ligas Camponesas. O herói camponês que ressurgue mais uma vez, através da narrativa de Elizabeth Teixeira que o reatualiza na forma de um protagonista dentro da história das Ligas Camponesas nos anos noventa.

Nos momentos iniciais da escrita desse capítulo dei início em um breve comentário do qual eu enfatizava que Elizabeth Teixeira ao dar continuação a sua luta de João Pedro Teixeira a frente das Ligas Camponesas. Mas, que para além desse espaço de continuidade podemos afirmar que ela também dá início há uma nova trajetória de vida ao ponto de desenhar para si uma escrita de si com contornos de heroísmo, a medida em ela manuseia o seu próprio arquivo para se construir também como líder camponesa, quando ela elabora uma narrativa de história de vida que é constituída a partir das memórias de João Pedro Teixeira. Na sua biografia é possível encontrar alguns fios na tessitura do discurso de Elizabeth Teixeira onde à medida que ela escreve sobre si ela edifica uma memória que a coloca como um monumento na história das Ligas Camponesas. Ela sempre enfatiza na sua biografia que tudo o que fez em protesto da morte do seu marido, mas por que Elizabeth Teixeira recorta pedaços de sua infância para

²⁸ BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (Orgs). Op. Cit. p. 65.

mostrar também preocupada com camponês senão pela vontade de se aproximar dele em sua constituição de memória de heroísmo. Como podemos perceber neste pequeno fragmento da sua narrativa, que através das suas memórias ela recorta pedaços da sua infância como forma de mostrar aos leitores que para além de ser esposa de João Pedro Teixeira ela também se mostrava preocupada com as condições de vida do homem do campo, mesmo antes de conhecer João Pedro Teixeira,

Eu [Elizabeth Teixeira] me lembro que meu pai proibia a gente de ir na casa dos moradores dele, ver a miséria. Ele não queria conato dos filhos dele, ver a miséria. Ele não queria contato dos filhos dele com moradores. ...Um dia, eu tinha dez pra onze anos, era de manhã e eu cheguei na casa de Zé Preto, um morador de meu pai, e a mulher dele tinha descansado à noite. O pretinho estava nuzinho dentro do girau de vara com esteira de capim, eu vi o bichinho ali dentro, nuzinho.

Quando eu cheguei em casa disse pra minha mãe:

- Mamãe, a mulher de Zé Preto descansou. Ela tá coberta com um pedaço de tanga de rede, o menino esta nuzinho dentro do girau. Eles não tem nada pra comer, o fogo está apagado, ela sozinha lá, outro barrigudinho no chão. A senhora não vai mandar nada não? Tem tanta galinha aí.

- Você foi lá ver o quê?

- Nada! Deu vontade de ir no açude, lá na horta tirar os tomates que a senhora mandou. Deu vontade de subir a ladeira e eu cheguei até a casa dela. Aí eu vi a situação deles.

- Você viu e já esta falando...

- Oh mamãe! A senhora tem tanta roupinha de nenê, por que a senhora não manda umas roupinhas pra lá?

- Ela foi, pegou uma galinha, chamou um empregado que fazia a faxina em volta de casa, que varria o terreiro e disse pra ele:

- Não bote só a galinha bote também um pouco de farinha, de arroz e um pedaço de charque.²⁹

A infância de Elizabeth Teixeira é acionada para produzir uma uniformidade através da sua narrativa e que vai conferir a ela posteriormente uma história monumental dentro da história das Ligas Camponesas. No sentido de que a sua biografia ao falar da sua infância estabelece uma unidade quando cria uma linearidade na sua história que assim como João Pedro Teixeira, ela também se mostrava preocupada com os camponeses desde de sua infância, estabelecendo através das suas memórias de infância um lugar de origem para ela através da sua própria narrativa. A história que Elizabeth Teixeira opera para si é mais

²⁹ BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (Orgs). Op. Cit. p. 32.

do que um discurso inocente e saudoso que nos informa sobre um passado ainda não muito distante como no caso da história das Ligas Camponesas e da história de João Pedro Teixeira. Mas é, sobretudo, um discurso com a finalidade de conter as erosões do presente, já que o presente é concebido para os memorialistas como um lugar das erosões a serem contidas, portanto um lugar para se resgatar o passado. Assim como também este tempo presente é concebido como o lugar de conexão entre as mais distintas temporalidades (passado, presente) como forma de estabelecer continuidades e não ruptura com o passado.

Dessa maneira Elizabeth Teixeira acaba se constituindo também como uma memorialista ao estar sempre tecendo os fios das memórias das Ligas Camponesas no presente como forma de reunir de novo os vários pedaços do passado das Ligas Camponesas como também a possibilidade de poder conectar ou mesmo construir as mesmas imagens no presente, para que um dia os vários pedaços do passado possam ser apropriados sob a forma de consciência histórica ser presente de novo. Por isso o discurso de Elizabeth Teixeira é, sobretudo, um diálogo com o tempo, sendo uma forma de conter as ações do próprio presente que foi visto nas palavras de Walter Benjamin como um instante de perigo por ser um tempo saturado de agoras, onde para Elizabeth Teixeira o esquecimento significa a sua desterritorialização, que só através de suas reatualizações da memória de João Pedro Teixeira permite a Elizabeth Teixeira lutar contra o esquecimento e a sua desterritorialização,³⁰ por isso a sua luta é também para construir um lugar próprio para si a salvo dessas erosões, mas ao mesmo tempo em que seja constantemente acionado pelos outros como um lugar de autoridade de memória.

As narrativas de vida Elizabeth Teixeira presente em sua biografia nos leva a perceber que ela traduz em grande medida a ideia do presente como um instante perigoso não apenas com o cuidado com a memória de João Pedro

³⁰ BENJAMIN, Walter. **Sobre o Conceito de História**. In: **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura**. 3ª ed. SP: Brasiliense, 1987. p. 231.

Teixeira que poderia ser esquecida, mas sim uma tentativa de salvar as suas memórias do instante de perigo para que ele não seja esquecido, ao mesmo tempo ela também uma vez que Elizabeth Teixeira assumiu a luta do seu esposo se constituindo como um ícone nas histórias das Ligas Camponesas na Paraíba. Porque é a partir desse cuidado com a memória de João Pedro Teixeira que ela começa a consolidar aos poucos uma história monumental para seu esposo, mas podemos perceber que a sua narrativa de vida é uma maneira dela também reunir os pedaços de uma memória que estava se dispersando, como forma de confortar a si mesma uma vez que o seu território de memória e o seu espaço de referência, não apenas no sentido em que ela exorciza o passado como uma tentativa de resignificar os acontecimentos doloridos, mas no sentido que ela ao dialogar com o tempo mesmo impondo ao presente uma continuidade do passado e seu eterno encontro com João Pedro Teixeira.

Ao reunir os vários pedaços da sua vida, da sua infância e do tempo quando ela chegou da cidade de São Rafael no Rio Grande Norte Elizabeth Teixeira acaba fazendo um inventário da sua vida, e os fios da tessitura de sua biografia permitem a Elizabeth Teixeira também percorrer os vários itinerários da sua história de vida por meio da sua cartografia sentimental, onde podemos ter acesso à construção da sua experiência de vida que se faz a medida em ela constrói sua narrativa de vida, reunindo uma vida fragmentada pela dor da morte de João Pedro, com laços de afetos desfeitos, sonhos estilhaçados, risos e saudades de uma infância. Infância que ainda a faz sonhar com o mundo que foi idealizado por João Pedro Teixeira e com sua possibilidade de existência. A superação das suas dores quando transformadas em esperanças faz parte do movimento de reconstrução de si feito por Elizabeth Teixeira. Quando ela narra a sua história de vida compreendemos como um movimento aprendido, por estar sempre fazendo um inventário da sua vida para reforçar as suas escolhas para si como também para outros nas ocasiões em que ela conta a sua experiência de vida.

O seu gesto de estar sempre narrando as suas memórias através dos inventários das memórias da sua vida permitiu a Elizabeth Teixeira constituir para si uma subjetividade mediante o tempo narratológico³¹. Dessa maneira, podemos entender que Elizabeth Teixeira ao elaborar a sua narrativa de vida, ela efetua um diálogo com o tempo, e é por meio desse seu diálogo que ela oferece ao leitor diversas passagens da sua vida, não apenas para constituir uma unidade, mas para também se reelaborar e ressignificar os acontecimentos. O tempo se corporifica como tempo narrado porque através das suas narrativas temos acesso as diversas partes/passagens de sua história de vida como os acontecimentos tidos por ela como os mais importantes como a sua infância, o início de namoro com João Pedro Teixeira que culminou no seu casamento e a recusa do seu pai a ter João Pedro como seu genro, o nascimentos dos seus filhos e, sobretudo a morte do seu esposo e a sua luta frente das Ligas Camponesas. Mas podemos afirmar que Elizabeth Teixeira quando diálogo com as diversas partes da sua vida ela faz mais do que dizer aos outros as suas história de vida, mas sim ela organizar as várias partes de sua história, através da sua narrativa permite a Elizabeth Teixeira também reconectá-la a sua vida mais uma vez ao presente com a imagem do passado, pois pela forma como ela reatualiza a imagem de herói João Pedro Teixeira construída para ele no pós 1962, Elizabeth Teixeira cria também um lugar para que ela possa por um instante fugaz reviver o seu passado e elaborar para si novas formas de subjetividade.

Elizabeth Teixeira quando revisita o passado reencontra com as imagens desse passado, do qual ela sabe que este passado não volta mais, mas que

³¹ Para o filósofo Jorge Larrosa, se a subjetividade humana está temporamente constituída, a consciência de si estará estruturada no tempo de vida. O sujeito se constitui para si mesmo em seu próprio transcorrer do temporal. Mas o tempo de vida, o tempo que articula a subjetividade não é apenas um tempo linear e abstrato, uma sucessão na qual as coisas se sucedem umas depois das outras. O tempo da consciência de si é a articulação em uma dimensão temporal daquilo que o indivíduo é para si mesmo. E essa articulação temporal é de natureza essencialmente narrativa. O tempo que se converte em tempo humano ao organizar-se narrativamente. O eu se constitui temporalmente para si mesmo na unidade de uma história. Por isso, o tempo no qual se constitui a subjetividade é o tempo narrado. É contanto histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade ao tempo. CF: LARROSA, Jorge. **Tecnologias do Eu e Educação**. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). *O Sujeito da Educação: Estudos Foucaultianos*. 5ª Ed. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2005. p. 69.

confere a ela um lugar próprio de memória mesmo que ainda não a salvo das erosões do tempo, pois o seu gesto de dizer a sua história de vida se traduz como uma luta constante contra o esquecimento. Sua narrativa permite a ela um encontro fugaz com seu pai, com sua mãe, irmãos, filhos e, sobretudo com João Pedro Teixeira. Dessa forma, também podemos observar que a biografia de Elizabeth Teixeira não é apenas a reunião de um conjunto dos acontecimentos de sua vida que foi biografada, mas é um espaço para que ela possa reunir os fragmentos de sua vida, lutando contra a dispersão e reunindo as imagens do seu esposo que tendem com o tempo a se dispersar ou se fragmentar. Por isso, o discurso de Elizabeth se edifica como uma luta contra esquecimento, provocado pela fragmentação da sua memória, mas, a sua biografia é, sobretudo um espaço para que ela possa se reconstruir em grande medida a sua forma de existência por meio de sua narrativa. Como podemos observar quando ela revisita ainda a sua infância, na medida em que a biografia apresenta para os leitores:

Eu nasci no dia 13 de fevereiro de 1925, na cidade de Sapé. Sou filha de Manoel Justino da Costa e de Altina Maria da Costa. Meu avô por parte de pai, era um pequeno proprietário, e minha avó, que era de origem latifundiária, exercia a profissão de professora. Eu fui a filha mais velha. O desejo do meu pai era que eu nascesse homem. Se eu fosse homem ele tinha ficado satisfeito; eu sendo mulher, minha conta que ele foi se adaptando. ...Durante os primeiros anos de minha infância eu não tive boa saúde. Eu tive um atraso em minha função motora só logrei caminhar aos três anos de idade, primeiros passos de uma longa jornada que espera por mim.³²

A narrativa da biografia de Elizabeth Teixeira é marcada por um discurso de primeira pessoa Elizabeth Teixeira, para dar início à reconstrução da sua história de vida, que se reconstrói para o leitor como uma teleologia na forma de um destino a ser cumprido, pela própria Elizabeth que ao revistar a sua infância fala para os seus leitores que durante esta fase da sua vida houve um atraso na sua coordenação motora passando somente a dar os primeiros passos de sua *longa caminhada* aos três anos. A palavra *caminho* é acionada como uma meta

³² BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (Orgs). **Eu Marcharei na tua luta**: a vida de Elisabeth Teixeira. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997. p. 25. (Grifos Meus)

alcançada com a ideia de um destino a ser cumprido e que seja escrito previamente sem a possibilidade de escolhas. Outro fato que o discurso de Elizabeth Teixeira destaca é o seu lugar de origem por meio de sua família, pois como ela mesma coloca que sua avó era de origem latifundiária, lugar esse que Elizabeth Teixeira aciona para estabelecer uma ruptura com sua origem, já que ela se mostra sempre em defesa dos camponeses em contraposição aos latifundiários. O fato de sua ligação com latifundiários por meio de sua família é registrado em sua narrativa como formas os vários embates que ela sofreu com a sua família, sendo muitas vezes hostilizada e estigmatizada como comunista, fato esse que a levou a não ter mais contato com a sua família devido ao fato dela ter se casado com João Pedro Teixeira e também depois da sua morte ela deu continuidade a sua luta. Como ela mesma comenta em sua biografia,

Mamãe era de família de proprietários, tanto que hoje um filho do irmão de mamãe é usineiro. Conversando com ele, uma vez ele me falou pra mim que reconhecia que eu era uma liderança sindical, mas que não queria me ver de jeito nenhum, porque ele me considerava uma mulher terrorista, comunista e com essa gente não queria o mínimo de contato.³³

A partir da tessitura das memórias de Elizabeth Teixeira na sua biografia, sobretudo o inventário que ela faz com as suas memórias, podemos afirmar que a sua narrativa é uma tentativa de organizar a sua vida e de reunir os fragmentos dispersos de uma vida estilhaçada por acontecimentos em sua maioria doloridos. Neste seu inventário podemos encontrar com João Pedro Teixeira, trazendo seu corpo outra vez escrito e investido de signos, como nos diria Gilles Deleuze, constituído a partir de signos amorosos que o reescreve outra vez como um herói camponês para servir de referência para aqueles que encarnam a sua luta. E à medida que Elizabeth Teixeira efetiva esse gesto de recuperação da luta de João Pedro, ela efetiva outro gesto de organizar a sua vida no sentido em que elabora uma memória para si que permite a ela reconstruir a sua história, a exemplo do

³³ BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (Orgs). **Eu Marcharei na tua luta: a vida de Elisabeth Teixeira**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997. p. 30

caso em que ela conta as suas brincadeiras com os seus irmãos. Entre risos e saudades ela narra da seguinte maneira:

Eu brincava de esconder, de corre-corre, brincava dentro do paiol de algodão. Às vezes a gente pegava meu irmão menor e colocava ele dentro do algodão e a gente corria e tirava ele, antes que minha mãe tomasse conhecimento. Eu brincava de boneca de pano, fazia o casamento das bonecas. Meu irmão que é encostado á mim, a gente se vestia ele num capote, uma capa preta, e ele era o padre que casava e batizava as bonecas. Eu gostava de costurar, de fazer roupinhas das minhas bonecas. Eu tinha os movezinhos de brinquedo organizados. Minha mãe mandava um cara que trabalhava em madeira fazer a cama, a cadeirinha, o sofá e tudo aquilo era forrado; eu forrava com os paninhos. Eu me interessei em bordar e costurar as roupinhas das bonecas.³⁴

Mas também as memórias de Elizabeth Teixeira quando resgatadas se traduzem como uma arma e uma estratégia de enfrentamento político a romper o silêncio. Sendo resgatada do silêncio no início dos anos 80 como forma de informar ao presente às injustiças que foram cometidas em um passado ainda não muito distante, pois as suas memórias servem como uma arma política a combater o esquecimento e a recolocar o debate de início nos anos oitenta em tornos das questões agrárias, pois a biografia de Elizabeth Teixeira também reatualiza a lutas dos camponeses quando aciona mais uma vez a figura do camponês trazendo para o presente esta forma de sujeito. Mas, sobretudo por meio da memória que Elizabeth Teixeira opera para imortalizar João Pedro Teixeira ela também instaura a possibilidade de reatualização do conceito de camponês, do qual ela resgata das malhas desse esquecimento, pois as memórias de sua luta se constituem como um tecido por acontecer que se atualiza à medida que ela dar entrevistas e conta as suas memórias para que outros, a tomem como lugar de referência já que seu lugar é o próprio lugar da memória, o lugar da viúva e herdeira da luta de João Pedro Teixeira. Sua “auto” memória constituiu para ela como um arquivo próprio, que ela constantemente manuseia para compor a sua própria história de líder camponesa à medida em ela solidifica a imagem de heroísmo de João Pedro. Como podemos perceber quando

³⁴ BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (Orgs). Op. Cit. p. 26.

ela reatualiza os pedaços da sua memória que confere a ela por meio de sua admiração um aprendizado de como ser uma líder camponesa tendo João Pedro Teixeira como referência,

Eu me lembro até hoje de quantas vezes João Pedro falou pra mim, olhando dentro dos meus olhos:

- Eu admiro você, eu admiro muito você! Com o pai e mãe que você teve, eu admiro muito sua pessoa, tão humilde, aqui do meu lado, aceitando tudo, a minha luta, aceitando toda situação de pobreza, sem estar discutindo o que é pobreza nem o que é riqueza, nada, você aceita tudo, eu fico muito honrado!

Mas na verdade quem sempre admirou João Pedro fui eu. Hoje eu sinto como uma pessoa... Eu acho que tudo isso, o meu passado, a minha experiência, eu acho que tudo isso levou-me a um caminho, a uma situação de que hoje eu sou reconhecida em todo o Brasil.³⁵

Elizabeth Teixeira, dessa maneira começa aos poucos a elaborar um conhecimento sobre si. Fazendo com ela tenha a autoconfiança mediante as suas escolhas ao ponto dela não se arrepender dessas escolhas no decorrer da sua vida, mesmo sabendo que sacrificou a sua convivência com os seus filhos. Dessa forma Elizabeth Teixeira se reelabora por meios de práticas e regras que são facultativas e levadas também por seus desejos e sentimentos diversos como saudades, angustias e esperanças que ajudam a se constituir como uma líder camponesa e mulher da política, pois antes ela mesma afirmava que era uma mulher fora da política no que se refere a política enquanto instituição pública. Mas uma tecnologia do eu permitiu a Elizabeth constituir outra escrita de si que a constituiu também a partir da sua subjetivação como uma mulher dessa política.

Essa forma de produção de subjetividades alternativas tendo em vista a luta de João Pedro Teixeira, como modelo que foi recorrido por Elizabeth Teixeira para constitui as suas próprias práticas de subjetivação se traduz pela forma como os sujeitos elaboram as suas subjetividades a partir de regras que são facultativas, alcançando a partir delas um conhecimento si, que constitui a sua estética de existência. Esse conhecimento de si é produzido por meio de uma

³⁵ BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (Orgs). p.155 -157. (Grifos Meus)

tecnologia do eu³⁶ que implica em um processo de subjetivação que se baseia em uma admoestação do seu próprio *eu* efetuadas pelas interferências dos outros. Levando Elizabeth Teixeira sempre a se colocar com muita firmeza quando reafirma as suas decisões com base na referência do seu *eu* e não apenas em defesa de uma luta em favor de um grupo de camponeses. Mas, pelo os seus próprios desejos de construir como líder camponesa, e de também não deixar que João Pedro Teixeira fosse esquecido,

Quando *eu* decidi protestar contra o assassinato de João Pedro, quando *eu* decidi continuar a luta dele, *eu* decidi mesmo, com força. Não tinha jamais quem me fizesse desistir³⁷.

Podemos perceber que mediante as suas práticas de auto – governabilidade, Elizabeth Teixeira alcança uma autonomia como sujeito o que implica para ela em uma produção de um saber sobre si ao ponto de se constituir como um campo de autoridade para os outros já que ela se torna também uma referência assim como João Pedro Teixeira na história das Ligas Camponesas na Paraíba. Elizabeth Teixeira acabou por constituir aquilo que Michel Foucault chama de *enkrateia*³⁸ quando ela escreveu sobre seu próprio corpo para se constitui enquanto autoridade para os outros, ou seja, ele acaba por criar uma subjetividade para si que se constitui como uma figura de autoridade pelo campo da memória. Quando ela reelabora os acontecimentos do seu passado que lhe são pessoais, como as suas saudades que passam a ser sociabilizadas e ressignificadas para se constituírem como um signo de luta a ser instrumento

³⁶ O sujeito, sua história e a sua constituição como objeto para si mesmo, seriam então, inseparáveis das tecnologias do eu. Foucault define as tecnologias do eu como aquelas nas quais um indivíduo estabelece uma relação consigo mesmo. Em suas próprias, como aquelas práticas *que permitem aos indivíduos efetuar, por conta própria ou com a ajuda dos outros, certo número de operações sobre o seu próprio corpo e sua alma, pensamento e conduta, ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmo com fim de alcançar certo estado de pureza, sabedoria ou imortalidade*. FOUCAULT, Michel Apud LARROSA, Jorge. **Tecnologias do Eu e Educação**. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). O Sujeito da Educação: Estudos Foucaultianos. 5ª Ed. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2005. p. 56.

³⁷ BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (Orgs). *Eu Marcharei na tua luta: a vida de Elisabeth Teixeira*. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997. p. 95. (Grifos Meus)

³⁸ A *enkrateia*, segundo a leitura do filósofo Gilles Deleuze e uma relação que o sujeito elabora consigo mesmo como domínio, "é um poder que se exerce sobre si mesmo dentro de um poder que se exerce sobre os outros". Cf. DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1998. p. 107.

pelos outros. E, sobretudo para que ela possa construir a sua imagem de líder camponesa tornando-se um signo legível e compreensivo para a uma coletividade que a tomam como herdeira da luta de João Pedro Teixeira. Como ela mesma coloca em sua biografia,

...a luta tem que continuar, com lágrimas ou sem lágrimas, com dor ou sem dor, a luta tem que continuar, a gente tem que enfrentar. E depois que agente está dentro da luta, não tem mais volta, a gente tem que continuar. ...Eu estava na luta para o que desse e viesse, se não tivesse tido golpe militar, se a luta tivesse tido uma continuidade, eu tinha sido assassinada também, do mesmo jeito que foi João Pedro, do mesmo jeito que os outros companheiros foram mortos antes dele e depois dele.³⁹

Elizabeth Teixeira supera os medos das vicissitudes da sua luta colocando as memórias que ela tem de João Pedro como base da elaboração da sua escrita de si para se edificar com uma líder camponesa e posteriormente como um espaço de memória que comunica uma experiência de vida. A sua memória da (re)constituição de João Pedro Teixeira como exemplo se corporifica pela maneira como ela conduziu a sua escritura quando se apropriou e colonizou as memórias de vida do seu esposo. Uma vez que ela escreve sobre o corpo do seu esposo com a finalidade de construir a partir dele o seu espaço de líder camponesa que se edifica a medida em ela narra as suas memórias. Como podemos observar neste fragmento a vontade que Elizabeth Teixeira tem de construir como mártir por meio das suas memórias:

Quando eu vim de Pernambuco para o Rio Grande do Norte, eu vim com o nome da Marta pra não ser pega pela repressão. Para todos dona Marta.

Marta era o nome da minha filha, mas também um nome muito parecido com mártir, com alguém sofredor, perseguido...⁴⁰

Elizabeth se define indiretamente como mártir porque seria assim como eles. Ela também teve a suas vidas preenchidas por acontecimentos que a

³⁹ BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (Orgs). **Eu Marcharei na tua luta**: a vida de Elizabeth Teixeira. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997. p. 160-161.

⁴⁰ BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (Orgs). Op. Cit. p. 114.

colocam neste espaço da história, como os tidos heróis ela também colocou o seu próprio corpo como arma de enfrentamento em vida em confronto com a violência e também com a fuga quando conseguiram fugir. Elizabeth, assim como os mártires, também foi presa e torturada e no momento em que estava para ser presa novamente suplicou ao seu pai que não a entregasse aos policiais pois ela achou que seria o seu fim. Dessa maneira, em poucas horas Elizabeth Teixeira traça uma estratégia de fuga. O dia da fuga de Elizabeth Teixeira em 1964 pode ser escrito como se fosse o roteiro de um filme de uma heroína⁴¹. Diante da sua decisão de fugir em meio a passos inquietos ela olha para si e vê estava com vestido preto e que, portanto a reconheceriam por suas vestes, ela se vestiu de roupa estampada e um pano amarrado em sua cabeça. E nisso também olha para Carlos seu filho, para levá-lo também, pois sua família não queria ficar com Carlos porque ele, através da sua fisionomia, era parecido com o seu pai João Pedro Teixeira. Inquieta, apreensiva e ao mesmo tempo com muita coragem, e através do seu irmão consegue um carro que a levou escondida para a cidade de João Pessoa para nesta cidade se encontrar com o seu filho mais velho Abrão que nesta época estudava nesta cidade com uma bolsa de estudo. E nisso Elizabeth Teixeira chega à cidade e se encontra com Abrão,

Pedi, então, a Abrão que comprasse uma passagem de ônibus com destino a Recife, com nome de Luíza. Eu sabia que tinha que ser a última a chegar no ônibus, que eu não podia me arriscar a ficar por ali. Não deixei Abrão me acompanhar, Chorando muito, eu e ele, a gente se despediu.⁴²

Depois dessa despedida levariam quase vinte anos de longa espera para se verem de novo. Elizabeth pegou um ônibus para Recife mais preventivamente temendo que fosse presa no terminal rodoviário de Pernambuco ela decide descer do ônibus antes do terminal. Angustiada, pois não sabia que rumos a sua vida tomaria e na companhia de amigos conhece um caminhoneiro, e logo pegou

⁴¹ BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (Orgs). Op. Cit. p. 108-111.

⁴² BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (Orgs). Op. Cit. p. 110.

uma carona de caminhão que a levaria para o Rio Grande Norte, chegando a uma cidadezinha de São Rafael. Passando a morar ou mesmo ficando arquivada com suas memórias entesouradas por quase vinte anos, passando a ser conhecida nesta não mais por Elizabeth Teixeira, mas por Marta Maria Costa, porque lembraria não só o nome de uma das suas filhas, mais pelas ressonâncias da palavra mártir e do seu sentido. Para resgatar mais vez João Pedro Teixeira do esquecimento como também reativar o debate em torno da reforma agrária. Edificar também o seu espaço de memórias para que eles não sejam esquecidos,

Que todos os companheiros que lutam no campo continuem a luta pela reforma agrária justa, que dê condições para sobreviver dignamente no campo, porque para isso que João Pedro dizia pra mim que poderia tirar a vida dele, mas que a reforma agrária iria ser implantada. **Eu desejo que todos os companheiros continuem a luta de João Pedro a luta de João Pedro**, que Deus os abençoem e que essa reforma agrária seja implantada para todos os companheiros que trabalham no campo, que tem uma vida sacrificada no campo, sem condições financeiras. **Que continuem firme com sua luta de João Pedro e a minha, com o poder de nosso de nosso senhor Jesus Cristo...**⁴³

A sua a(fe)tivação por meio da sua narrativa acaba por colocar no presente mais uma vez João Pedro Teixeira que se atualiza por meio das suas memórias deixando de ser virtual passando dessa forma a ser atual, pois o que era passado tem a possibilidade através da sua narrativa a ser presente.⁴⁴ Essa atualização se dá em um primeiro quando ela retoma a luta do seu esposo a caráter de protesto no ano de 1962, e em outro momento se dá ao início década de oitenta quando ela decide voltar ou mesmo quando ela foi resgatada como Elizabeth Teixeira. O início da década de oitenta se edifica como um marco porque é a partir dessa década que ela passa se constituir como um lugar de autoridade de uma memória subterrânea que deveria ser resgatado para ocupar a cena política novamente. Por isso, cada discurso de Elizabeth Teixeira sobre João Pedro Teixeira através da sua biografia como também nas suas entrevistas que são espaços também de

⁴³ Entrevista concedida as Jornalistas Mayrá Lima e Marina Costa. "Que continuem a luta de João Pedro e a minha". Diz Elizabeth Teixeira. Brasília, 2002. (Grifos Meus)

⁴⁴ DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: 1998. p. 173 - 178.

resgate do passado instauram com uma possibilidade de uma voltar à cena política por meio da fala de Elizabeth, sobretudo quando ela reivindica aos seus ouvintes ou mesmo aos leitores da sua biografia, que eles tomem o seu discurso de memória que ela produz para João Pedro como forma de instrumentalização e mobilização para dá continuação a sua luta.

Na medida em que Elizabeth Teixeira fala para os outros sobre João Pedro Teixeira, ela também fabrica o seu lugar de autoridade utilizando-se do seu lugar de viúva e da também da experiência que teve a frente das Ligas Camponesas para construir o também seu lugar dentro da história das Ligas Camponesas, para que ela um dia no futuro seja também lembrada assim como João Pedro. Por isso, ela investe as suas memórias no presente como forma de capitalizá-lo, para que ela possa solidificar o seu território de sua saudade, já que ele é produzido com base na saudade como também por meio da admiração que Elizabeth sente por João Pedro Teixeira. Como podemos observar por meio da tessitura de sua biografia quando ela faz um inventário da sua memória,

Hoje eu estava pensando na minha convivência com João Pedro. Eu sinto muita saudade dele. Pra mim parece que ele não morreu, que no dia a dia ele está sempre por perto, parece até que eu estou vendo ele. Com João Pedro eu aprendi a viver com a pobreza, eu aprendi a viver com a pobreza, eu aprendi com ele a ideias de luta. Eu saí de casa de meus pais pra casar com um homem pobre, assalariado, juntos nos enfrentamos a barra do desemprego, aprendi a amanhecer o dia na minha casa e não ter o café da manhã. Eu dizia: "Tudo bem! O dia seguinte vem por aí".⁴⁵

Essa saudade expressada do discurso de Elizabeth Teixeira é uma intensidade marcante do seu discurso, sendo também a partir dessa intensidade que ela produz o seu território de a(fe)tivação a partir das suas memórias. E através dessa relação com os fios de uma memória saudosa, podemos afirmar através dos estudos de Guattari e Rolnik⁴⁶, que uma das figuras míticas que nos inspiram a pensar Elizabeth Teixeira quanto a sua tessitura é a figura mítica de

⁴⁵ BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (Orgs). **Eu Marcharei na tua luta**: a vida de Elisabeth Teixeira. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997. p. 152.

⁴⁶ GUATTARI, F. & ROLNIK, S. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1986. p. 323.

Penélope. Já que os fios que compõem a tessitura da história é constantemente tecido por Elizabeth e se assemelha ao da figura mítica de Penélope, que se destacou através das narrativas mitológicas pela tessitura de uma manta que era produzida como forma dela ganhar o tempo recusando possíveis pretendentes que eram sugeridos, e com isso ela garantia a esperar do seu amado Ulisses até o dia da sua chegada. A tessitura de uma manta era apenas um artifício usado por Penélope para não perder o seu Ulisses, por isso ela fiava a cada dia assim como também desmanchava a sua manta com possibilidade de trazer Ulisses para perto de si.

Mas, mesmo em tempos e espaços distintos podemos pensar que o gesto de Elizabeth Teixeira ao contar a mesma história em momentos e lugares diferentes, podemos notar que ela produz uma ação parecida com a de Penélope no sentido em que ela fiava a mesma manta, e Elizabeth Teixeira quando conta e reconta à história do seu marido ela também acaba por trazê-lo para junto de si instaurando dessa maneira a recusa do próprio dia que se traduz a perda de João Pedro, portanto a possibilidade da fundação de um território da memória conquistado por meio da batalha das suas memórias contra o esquecimento e a sua desterritorialização no presente.

Por isso cada lugar, onde Elizabeth Teixeira possa contar a sua história por meio das suas memórias sobre João Pedro Teixeira se constitui para ela como um momento para que ele retorne para junto de si, para que ela também não fique desterritorializada e para que João Pedro não seja esquecido. Segundo Albuquerque Júnior, podemos observar que Elizabeth Teixeira ao contar sempre a mesma memória ela garante certa paralisia do tempo, fazendo com que tempo adotasse uma forma circular tal como a uma *roca* que manipula durante todo o dia e volta para o mesmo lugar.⁴⁷ A possibilidade de um tempo ciclo como é abordado por Albuquerque Junior faz com que Elizabeth Teixeira continue urdindo as mesmas tramas da sua tessitura para lutar contra o esquecimento por isso ela

⁴⁷ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **O tecelão dos Tempos: o historiador como artesão das temporalidades.** Natal, 2009. Available from Word Wide Web. <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/durval>> acesso em 03/12/2009. p. 03.

segue dando continuidade às memórias das décadas de 50 e 60, reescrevendo novamente o passado no presente como garantia de não ser esquecida.

Portanto, é como se os fios da tessitura de suas memórias contadas por Elizabeth Teixeira tivessem o poder de promover o seu encontro com João Pedro novamente. Rompendo dessa maneira com as fronteiras dos tempos, entre passado e o presente instaurando a possibilidade de um “novo encontro”, ou mesmo tivessem o poder de parar o tempo e promover um encontro fugaz entre a palavra e a escrita, ação essa que se dá por meio do território de suas memórias. Assim como Penélope, produz as suas tessituras para não ficar desterritorializada, Elizabeth tece as suas histórias a partir das suas memórias para não perder como Penélope o seu território de referência, pois o:

Seu argumento [como o de Penélope] é a eterna atualidade do tecido que tecem para [e com] Ulisses, obra que lhe toma todo o tempo e espaço. Tecido a cada dia desmanchado, reinventado a cada dia. Não é por gosto do tecer que ela tece, mas o gosto reproduzir o tecido – imagem desse amor.⁴⁸

O território das memórias Elizabeth Teixeira nunca está a salvo das erosões do presente, pois ele é um território que está sempre por acontecer, que se edifica através da possibilidade dela contar as memórias aos outros. Por isso, as suas histórias é sempre um tecido por refazer, assim como era o de Penélope só que em nuances diferente, pois Elizabeth nunca desmancha a sua tessitura porque ela se faz pela a ação dos outros por meio das suas entrevistas e dos encontros em que ela é convidada para falar sobre o seu esposo. Os outros que a convidam formam dessa maneira uma rede de intercessores que a agenciam em diversos momentos e lugares instaurando para ela um espaço para a produção de sua tessitura, onde ela reserva para si um lugar de autoridade para os outros. Conferindo a Elizabeth Teixeira um lugar de credibilidade por meio do seu discurso de viúva de João Pedro Teixeira que é constantemente agenciado para que ela seja reatualizado.

⁴⁸ GUATTARI, Félix. & ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 1988. p. 152.

Para Elizabeth Teixeira nas suas batalhas das memórias contra o esquecimento da história de João Pedro Teixeira é importante estar sempre falando para mostrar aos seus ouvintes e leitores que ainda existe uma dívida política, já que eles lutaram por uma sociedade mais justa e igualitária durante as décadas 50 e 60. O projeto de uma sociedade mais igualitária é constantemente investido por Elizabeth Teixeira tendo como suporte, para isso, o seu próprio território de memória. Por isso ela coloniza as memórias de João Pedro Teixeira o transformando em um corpo historiado⁴⁹, que é acrescido e investido por histórias sendo dessa maneira fabricado por ela. Através do seu lugar de memória ele segue fazendo um inventário da sua vida reavaliando o seu passado para justificar o sentido da sua luta em continuação a de João Pedro Teixeira. Dessa forma ela coloca,

Eu não me arrependo de ter casado com ele e ter enfrentado toda essa barra que não terminou, toda essa batalha que ainda não terminou, uma luta que é muito difícil para os companheiros e companheiras que estão aí, dando continuidade à luta. ...Quando eu cheguei em Manaus para o lançamento do filme "Cabra Marcado para Morrer"...fui recebida assim como eu fosse uma atriz ... eu que aquilo reviveu outra pessoa dentro de mim, outra vida não sei, ...eu acho que tudo isso, o meu passado, a minha experiência, eu acho que tudo isso levou-me a um caminho, a uma situação de que hoje eu sou reconhecida, dentro e fora do Brasil⁵⁰.

Elizabeth Teixeira quando voltou de São Rafael no ano de 1983, é capitalizada como forma de promover um resgate da história das Ligas Camponesas, quando foi convidada para falar da luta de João Pedro Teixeira assim como da sua também, a sua projeção aumentou, sobretudo depois da conclusão do filme "Cabra Marcado para morrer" que acabou lhe dando uma projeção internacional. Através dos lançamentos ela reivindica a continuidade da luta quando afirma que a sua luta ainda não terminou e que a sua luta ainda existe, pois os problemas em torno da terra ainda continuam e um deles era o

⁴⁹ CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2002. p. 09 – 11.

⁵⁰ Fala de Elizabeth Teixeira retirada de BANDEIRA, Lourdes; MIELE, Neide, GODOY, Rosa (Orgs). *Eu Marcharei na tua luta: a vida de Elizabeth Teixeira*. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997. p.152 e 156. (Grifos meus)

latifúndio. A fala de Elizabeth Teixeira foi capitalizada nos anos oitenta nos eventos de exposição do filme “Cabra Marcado para Morrer”⁵¹ para fazer João Pedro como texto a ser lido pelos os outros, onde ela reatualiza a sua imagem de bom pai, do bom esposo que converge para se juntar-se a imagem do homem do herói exemplar que deu a sua vida pela luta da terra, somado juntamente ao projeto de sociedade mais igualitária. Através lugar que é instituído para ela, Elizabeth garante uma vitória sobre o tempo, sobrepondo as memórias do passado ao presente que é um lugar a ser conquistado, lugar esse de autoria que permite a Elizabeth Teixeira capitalizar vantagens futuras já que é por meio da sua fala acontecimentos do passado deixam de ser virtual como uma memória passando a ser atual mesmo que seja pelo instante fugaz de uma palavra.⁵²

O discurso de Elizabeth Teixeira quando apropriado pelos outros e transformado em um texto-escrito e tende a romper com as fronteiras do tempo do instante que é conferindo a sua palavra-fala a fugacidade e a perda. A sua fala quando capitalizada pela escritura tende à conservação do passado como uma mumificação para a posteridade, já que o escrito tem o caráter da imortalidade e da conservação. Pois as palavras quando tornam – se escrita/escrituras como nos fala Jorge Larrosa⁵³ tende a mumificação o que implica em uma conservação do passado que poderá um dia se apropriado de novo no presente. A escrita dá ao passado uma independência em relação às circunstâncias do tempo presente podendo “conservá-lo”. Pois, como nos revela a historiadora Andrea Ferreira Delgado, o tempo presente para aqueles que encarnam o lugar de memorialista

⁵¹ “Cabra Marcado para Morrer” é um filme de caráter documentário feito pelo cineasta Eduardo Coutinho no período da década de 60 dos anos 80. Este filme teve as suas filmagens interrompidas em decorrência do golpe militar, mas teve a sua conclusão ano de 1981 quando Elizabeth Teixeira foi resgatada. Resolvi não analisar desse documentário como espaço de memória porque extrapolaria um pouco as questões que venho debatendo no decorrer da dissertação. Sobretudo porque há um trabalho que discute este filme de forma bem interessante, como a dissertação da historiadora Priscila Patricia dos Santos. Cf: SANTOS, Priscila Patricia dos. **Memória Filmada: estudo do documentário de Eduardo Coutinho como possibilidade de entrecruzamento entre as narrativas históricas e cinematográficas.** Dissertação (Mestrado) em História – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH, 2008.

⁵² DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos.** Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: 1998. p. 173-178.

⁵³ LARROSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.38.

torna-se um instante de perigo e um lugar para as batalhas das suas memórias, pois o presente é visto como lugar sempre a ser constantemente conquistado ou mesmo a ser ganho novamente, por isso não existe nada melhor para um memorialista do que ver as suas memórias escritas encadernadas como forma de se estar protegidos das erosões.⁵⁴

Elizabeth Teixeira expõe as suas memórias durante as entrevistas que são realizadas pelos seus intercessores. Ela conseguiu efetuar por sua conta própria ou com ajuda de outros os seus inventários da sua memória, levando-a também a realizar certos números de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, conduta produzindo uma tecnologia do eu que a permite superar as suas vicissitudes. E com isso acaba obtendo, seguindo trilhas pensadas por Michel Foucault⁵⁵, uma transformação de si para alcançar em alguns momentos estados de felicidade, pureza, sabedoria ou mesmo de imortalidade quando as suas memórias são incorporadas pela escrita. Através da sua tecnologia do eu Elizabeth Teixeira elabora uma subjetividade que lhe permite acreditar nas suas escolhas e na continuação dos seus ideais, mesmo quando ela se lembra que não pode criar seus filhos como consequência da sua luta.⁵⁶ Como podemos perceber neste pequeno fragmento da escrita da sua biografia quando ela reativa e sociabiliza a sua luta:

Tudo que passou em minha vida: como mulher, como mãe, como esposa e como militante foi muito válido e eu não me arrependo de nada. A dor que eu sinto foi de não poder criar meus filhos, de não poder viver toda a vida ao lado deles, a dor da separação... Mas isso foi em consequência da luta não foi que escolhi assim.
Eu quero deixar este livro [a biografia] pra esta juventude que está aí, pra que ele tome conhecimento de um passado de luta, um passado que não é só meu, nem de João Pedro, nem do sofrimento de uma família, mas é o passado de uma nação.

⁵⁴ DELGADO, Andrea Ferreira. **A Invenção de Cora Carolina na Batalha de Memórias**. Campinas/SP: Tese de doutorado: UNICAMP – IFCH, 2003. p. 179-258.

⁵⁵ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: 1- O Uso dos Prazeres**. 11ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2006. p. 15.

⁵⁶ Trata-se, em suma, da história da “subjetividade”, se entendemos essa palavra como o modo no qual o sujeito faz a experiência de si em um jogo de verdade no qual está em relação consigo mesmo. Cf: FOUCAULT, Michel Apud LARROSA, Jorge. IN: **Os sujeitos da Educação: Os estudos Foucaultianos**. 5ª Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004. p. 55.

Este livro [a biografia] não é somente a história da minha vida, da vida de Elizabeth Teixeira, ele é a história do homem do campo, é a história do professor e da professora, é história do jovem e da criança, e a história da luta de um povo.⁵⁷

No seu inventário de si, Elizabeth Teixeira revisita todos os fragmentos da sua história de vida e olha para o seu lugar de mulher, mãe, esposa e, sobretudo como militante. Para se reconfortar em meio a sua narrativa pelo fato dela não ter criado os seus e para retirar o peso de ter assumido a luta de João Pedro Teixeira. Para Elizabeth o fato dela não poder criar os seus filhos foi uma causa unicamente provocada pela consequência da luta e não determinado apenas por sua escolha de continuar a luta de João Pedro. Mas diante desse inventário que Elizabeth Teixeira constrói para diluir as possíveis marcas dolorosas da sua vida, ela também coloca as suas memórias como forma de conscientização para ser usada como uma estratégia política e modelo para toda uma juventude como ela colocou na sua biografia. Dessa forma, Elizabeth Teixeira impõem o peso do passado e o dever restituir um passado quando ela sociabiliza a sua história de vida e não mais unicamente a de João Pedro Teixeira o que faz afirmar que ela constrói um espaço para quando ela afirma aos leitores da sua biografia que essa história não é apenas sua e sim de uma nação, sobretudo, mas de uma multiplicidade de sujeito como o homem do campo, professoras e professores, dos jovens e das crianças.

Como venho afirmando Elizabeth Teixeira constrói o seu lugar de resgate do passado em decorrência da morte de João Pedro Teixeira. Esse lugar que começou a ser construído no início do ano de 1962, para que Elizabeth Teixeira o mantivesse a "salvo", se constituiu uma memória subterrânea, pois Elizabeth Teixeira pra se manter viva ficou "auto-exilada" durante quase todo o regime militar arquivando a sua memória como a si própria, apenas na companhia de um único filho chamado Carlos. Sendo encontrada e resgatada ao final do regime militar pelo seu filho mais velho Abrão e também pelo cineasta Eduardo, o mesmo

⁵⁷ BANDEIRA, Lourdes; MIELE, Neide, GODOY, Rosa (Orgs). **Eu Marcharei na tua luta: a vida de Elizabeth Teixeira**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997. p.165.

cineasta que havia começado o filme “Cabra Marcado para Morrer” em 1964, e que estaria no início da década de oitenta retomando as suas filmagens diante de efervescência do processo de abertura política do qual Eduardo Coutinho viu a oportunidade de unir os fios partidos do passado.

A chegada de Elizabeth Teixeira para ocupar o cenário político novamente foi uma tarefa dolorosa para ela, na medida em que vem a estabelecer os vínculos que haviam se partido, sobretudo com a sua família, como ela mesma conta na sua biografia, pois quando chegou a Sapé não bem recebida por alguns dos seus filhos. Sobretudo por lembrar aos seus filhos de um passado do qual foram educados para esquecer ou mesmo a não falar, uma vez que com o autoexílio compulsório de Elizabeth Teixeira os seus filhos tiveram que ser criados pela sua família e, sobretudo com a influência do seu pai que não gostava de João Pedro Teixeira e nem tão pouco da sua luta a frente das Ligas Camponesas. Tanto a memória da luta dos seus pais como as memórias das Ligas Camponesas foram desautorizadas pela família de Elizabeth Teixeira fazendo com alguns deles rejeitassem essa história. Como podemos observar por meio do diálogo,

Elizabeth: Quando eu fui reencontrando cada um dos meus filhos e netos, eu não tinha sequer um retrato de João Pedro vivo para dar como lembrança, dei um retrato morto. Eu então peguei aquele retrato e levei para Nevinha e dei para a minha neta, de onze anos,...

[Nevinha filha de Elizabeth]: A senhora fez muito mal de dizer à minha filha que este retrato é do avô dela. Eu não quero que minha filha tome conhecimento de que tem esse avô, nem da história dele...

Elizabeth: como é que ela diz na minha cara, que não quer que a filha dela tome conhecimento do avô? Por que negar as origens?

Por que negar que é filha de João Pedro? Isso me dói muito⁵⁸.

A chegada de Elizabeth Teixeira no início da década de oitenta do Estado do Rio Grande do Norte para retomar a sua vida junto a sua família, não foi uma tarefa fácil para ela, sobretudo quando constatou a negação dos seus próprios filhos da sua história e quando percebeu que alguns dos seus filhos não queriam

⁵⁸ BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (Orgs). **Eu Marcharei na tua luta**: a vida de Elizabeth Teixeira. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997. p.129. (Grifos Meus)

saber da sua memória e menos ainda que os seus filhos soubessem da sua história. Por isso, Elizabeth Teixeira ao elaborar, mediante a intercessão dos outros, sua biografia para contar a sua história de vida também foi uma forma de se reconectar a sua família, para que eles se orgulhassem da sua luta, sobretudo aos seus netos.

Depois da volta Elizabeth Teixeira somada à herança que ela acabara de receber, José Eudes decidiu voltar a morar em Sapé. E logo quando retornou José Eudes também procurou saber o maior número possível de informações sobre o seu pai, através tanto de conversas quanto dos Jornais da época e, sobretudo, sempre conversando com a sua mãe Elizabeth Teixeira. Diante de imenso arquivo que começou aos poucos formar sobre o seu pai, José Eudes fundou uma nova associação de caráter assistencialista, como também queria levantar o monumento que haviam feito em homenagem a João Pedro Teixeira e fora dinamitado logo após o golpe de 1964. José Eudes funda essa nova associação com o nome do seu pai como forma de homenageá-lo em 1987, com início do movimento, logo os boatos começaram a circular em Sapé que ele seria o segundo João Pedro Teixeira, não demora muito e logo começa os conflitos, sobretudo por causa de uma memória estava sendo restituída. Elizabeth Teixeira conta,

Um certo dia, eu estava na minha casa, aqui em João Pessoa e recebo, aqui em João Pessoa e recebo um telegrama de João Pedro Filho para ir até Sapé pra falar com ele e com meu pai. Eu fui acompanhada de Carlos, que nesse dia estava comigo. Chegando lá, meu irmão olhou bem pra mim e foi dizendo:

- Zé Eudes quer fazer um busto de João Pedro, quer levantar novamente a cruz que foi dinamitado, ali na beira da estrada, no local onde o pai dele tombou. Então, só é tirar o busto desse aí e botar lá.⁵⁹

O movimento iniciado por José Eudes se instaura como um estilete pontiagudo e cortante a romper o silêncio de uma memória que não era para ser lembrada, principalmente em Sapé. Retirar João Pedro Teixeira das malhas do

⁵⁹ BANDEIRA, Lourdes; MIELE, Neide, GODOY, Rosa (Orgs). **Eu Marcharei na tua luta: a vida de Elizabeth Teixeira**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997. p. 139.

esquecimento seria mexer com interesses de muitos que a queriam esquecidas para sempre. Dessa forma começa uma série de movimentos para silenciar e que não deram certo, pois associação continuava a crescer contribuindo para solidificar a imagem de heroísmo de João Pedro, já que José Eudes a constrói para homenagear o seu pai. Para o espanto de Elizabeth Teixeira, os seus filhos também reclamavam porque José Eudes havia fundado de novo esta associação. Essa recusa por não quere lembrar uma memória do passado é justificada por ela da seguinte forma,

João Pedro Filho, criado pelo velho meu pai, o que foi o que aconteceu? Como foi que meu pai criou João Pedro? Criou ele dizendo que o pai dele era um comunista, não valia nada, que a mãe era uma comunista também, uma terrorista que não valia nada.⁶⁰

João Pedro Filho detestava o que seu irmão José Eudes vinha fazendo através da associação colocando de novo a memória do seu pai na ordem do dia. E não demora muito João Pedro Filho vai tirar satisfação com o seu irmão em certa ocasião pelo que vinha fazendo. Nisso Elizabeth Teixeira conta,

...João Pedro filho, chegou furioso dizendo que Zé Eudes estava recebendo dinheiro da Rússia, de Cuba, que estava com idéias de Reforma Agrária, de que ele, como irmão de Manuel Justino, não admitia que ele tivesse fundado uma associação e ainda colocar o nome de João Pedro Teixeira. Com que autorização ele gritava "Viva João Pedro Teixeira", "Viva Elizabeth Teixeira"?

(...)

Eu não sei com que rapidez ele sacou o revólver e disparou. Com o primeiro tiro ele matou o irmão, pegou mesmo em cima do coração. Zé Eudes ainda deu alguns passos e o outro atirando por trás. Quando ele caiu no chão, já estava morto.

Eu vendo tudo isso. Maria José desmaiou, ela arriou, ele não teve voz, os nervos dela não deram para sustentar de pé. Ela recostou, assim, na parede da frente da casa e foi arriando, fria, gelada.

Eu gritava pra ele:

- como é que você pode? Como é que você fez isso? Como você pode matar o seu irmão? Meu Deus isso é uma loucura!

Depois que ele deu o último tiro, ele carregou o revólver com uma rapidez muito grande, aí ele virou-se pra mim, com revólver apontando para o meu rosto, e disse:

⁶⁰ BANDEIRA, Lourdes; MIELE, Neide, GODOY, Rosa (Orgs). **Eu Marcharei na tua luta: a vida de Elizabeth Teixeira**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997. p. 130.

- A senhora tem que respeitar Manuel Justino. Foi ele quem criou os teus filhos, foi ele que criou os teus filhos!⁶¹

Dessa maneira mais uma tragédia se repete na vida de Elizabeth Teixeira, onde o herdeiro do nome do pai mata o herdeiro da luta ou aquele que encarnou a memória da luta pai. Fazendo com que Elizabeth Teixeira ficasse solitária mais uma vez para continuar fiando as suas memórias, para lembrar a todos quem foi João Pedro Teixeira e porque ele fora assassinado. E neste gesto Elizabeth Teixeira continua ressignificando alguns acontecimentos e elaborando narrativas das suas memórias no diálogo com seus intercessores, e nisso João Pedro Teixeira sobrevive mais uma vez através da sua narrativa, pois como nos disse Jacques Le Goff um homem só morrerá de fato quando as pessoas deixarem de falar dele.⁶²

* * * * *

Durante o início da tessitura desse capítulo mencionei em grande medida que estava trabalhando com uma biografia da qual Elizabeth Teixeira se reconstruía a sua vida mediante a sua narrativa à medida que ela enfatizava a história de João Pedro Teixeira, como líder das Ligas Camponesas tendo como base as suas memórias. Mas este espaço da sua biografia não teria se constituído se não fosse através da ação de três intelectuais como no caso da historiadora Rosa Maria Godoy, e das antropólogas Lourdes Bandeira e Neide Miele. Para além do lugar que elas reservam de organizadoras da biografia de Elizabeth Teixeira é possível problematizar o espaço que conferem a elas de organizadoras e do qual elas se despojam, como a silenciar suas interferências na narrativa da biografada.

⁶¹ BANDEIRA, Lourdes; MIELE, Neide, GODOY, Rosa (Orgs). **Eu Marcharei na tua luta: a vida de Elizabeth Teixeira**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997. p. 140 – 142.

⁶² LE GOFF, Jacques. **São Luís: Biografia**. Rio de Janeiro: Editora Companhia das Letras, 1999. p. 14.

Elas organizam o discurso de Elizabeth Teixeira para ele aparecer em grande medida na primeira pessoa o que poderia nos levar a pensar que o narrador, personagem e autor dentro da biografia fosse à mesma pessoa, o que nos levaria a pensar que se tratava de autobiografia, o que no caso não acontece, pois sabemos que o texto de Elizabeth Teixeira é organizado por três autoras⁶³ que interferem no seu resultado, mesmo quando podemos afirmar que as organizadoras não questionam e nem problematizam a memória de Elizabeth Teixeira por estarem a serviço do resgate dessa memória. Por isso, não podemos afirmar a possibilidade da hipótese de uma autobiografia, mesmo sabendo que as autoras dessa biografia também espelham este desejo de colocar-se apenas como organizadoras não como autoras, deixando o discurso de Elizabeth Teixeira prevalecer por ele mesmo. Passando para o leitor a ideia de uma autobiografia, quando é possível afirmar que a maneira como as organizadoras elaboram uma unidade do texto interfere em grande medida no entendimento da história da vida de Elizabeth Teixeira já que as organizadoras selecionaram e julgaram o que seria importante para a sua publicação.

Fato esse que não é possível porque somados ao texto de narrativa de Elizabeth Teixeira, encontra-se nessa biografia um conjunto de quatro prefácios do qual estabelecem um pacto biográfico que visa abrir para o leitor a história de vida Elizabeth Teixeira do qual elas referendam aos leitores a imagens que foram impressas por ela no decorrer da sua biografia. Como nos esclarece Philippe Lejeune⁶⁴ à leitura do biografado traz em si um pacto direcionado pelos códigos implícitos ou explícitos da sua publicação, constituídos às margens do texto impresso que dirigem toda a leitura através do nome do autor ou organizadores, título, subtítulo, os textos das “orelhas”, contracapas até o “o jogo dos prefácios” que indicam ao leitor a forma como deveria ser lida a biografia. Dessa vamos observar como as organizadoras da biografia tentam através dos prefácios

⁶³ As organizadoras que estou me referindo são as antropólogas Neide Miele, Maria Lourdes Bandeira e Historiadora Rosa Maria Godoy da Silveira.

⁶⁴ LEJEUNE, Philippe. *O Pacto Autobiográfico: De Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. p. 13-70.

direcionarem para o leitor uma leitura uniforme da biografada e desprovida de interesses que converge para a figura de Elizabeth Teixeira como um monumento e para o resgate da história de João Pedro Teixeira em meio as Ligas Camponesas. No primeiro caso, temos o discurso do prefácio feito por Neide Miele que se isenta de qualquer interferência no sentido que possa colocar alguma opinião para o leitor, afirmando que o seu único papel foi apenas de organizadora,

Na organização do texto final preservei rigorosamente o discurso de Elizabeth Teixeira e respeitei a lógica do aparecimento de suas lembranças. Os cortes realizados foram apenas no sentido de evitar as repetições, comuns ao discurso oral. Durante essa fase de organização do texto final, novas entrevistas com Elizabeth se fizeram necessárias, a fim de preencher algumas lacunas entre um acontecimento e outro. Encarreguei-me de recolher esses últimos depoimentos e entre uma entrevista e outra, à medida que o texto ia sendo escrito, ele era levado para que Elizabeth o lesse e eventualmente corrigisse alguma imprecisão. Esta tarefa foi bastante penosa para ela, pois, à cada página, choro incontido revelava que as feridas não estavam ainda cicatrizadas... e talvez nunca estejam.⁶⁵

Por meio do discurso de Neide Miele nos fica claro a vontade que ela tem de passar para o leitor a ideia de isenção quanto a sua interferência no resultado final da escrita da biografia. Seria possível tal isenção? Diante da organização da história de vida de Elizabeth Teixeira, pela forma como Miele organizou as suas entrevistas. Eliminando algumas falas que segundo ela no decorrer das entrevistas se repetiam, mas como não interferir no resultado final se as entrevistas foram conduzidas por ela e se as eliminações das repetições foram realizadas por ela, mas quais as partes dos discursos de Elizabeth Teixeira se repetiam em detrimento de outros? Isso não teria também um sentido?! Dessa forma, parece que Neide Miele resgata os bons tempos da história metódica ao buscar por meio do seu texto uma posição neutra diante da organização de tal biografia, onde sabemos que a sua escolha pela própria biografada já foi um

⁶⁵ BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (Orgs). **Eu Marcharei na tua luta: a vida de Elizabeth Teixeira**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997. p. 13.

gesto interessado e não ao que nos parece neutro desprovido de qualquer identificação.

Mas também, logo chegamos a outro texto de abertura que foi escrito pelo reitor da Universidade Federal da Paraíba na época o professor Jader Nunes como nota de aberturas. Podemos observar que o seu discurso soma-se ao das organizadoras e estabelece, atualiza o pacto biográfico com as narrativas de Elizabeth Teixeira. Dessa forma, admirado com a história de vida da biografada Jader Nunes escreve da seguinte maneira:

Uma publicação internacional sobre as grandes heroínas que ajudaram a construir a aventura humana na terra ficaria incompleta – e injusta – sem um capítulo desta obra, comprova. A percepção da grandeza de uma vida dedicada à causa do povo mais sofrido, que ela própria encarna como ninguém, quer no plano pessoal, que o político reforça. As emoções que fluem do relato de um exemplo, da posição mais genuína de referência que se cristaliza.

Quando os olhos batem no ponto final, não há como fugir das misturas de sentimentos tão contraditórios que se apossam do leitor. Orgulho por ser contemporâneo da guerreira Elizabeth. Revolta por sabê-la enfrentado, ainda, as dificuldades mais prosaicas da vida. Sensação de falta, com ela e tudo o que representa, em razão do pouco ou coisa alguma que fizemos ou fazemos por um mundo menos injusto. É certo que se este mundo melhorou um pouquinho, nos últimos 35 anos, deve muito a Elizabeth Teixeira.

É o que mostra este livro. Resulta da natural aliança entre compromisso social, competência acadêmica e talento... Não bastasse isso, traz um diferencial único, que o torna ainda mais interessante do ponto de vista do leitor e lhe dá extraordinária relevância como registro histórico. É obra fundamental, tão substantiva quanto sua personagem. E a diferença é que só este livro contém Elizabeth Teixeira por Elizabeth Teixeira.⁶⁶

Na escrita de Jader Nunes podemos perceber que ele referenda a imagem que Elizabeth Teixeira de certa maneira construiu para si de heroína e mártir dentro da sua narrativa, ele também estabelece a socialização da história de Elizabeth Teixeira quando ela lutou colocando a sua própria vida em risco, como forma de colocar em prática o projeto de uma sociedade mais justa e igualitária. Jader Nunes menciona o fato da biografia de Elizabeth ser também uma cartografia de seus sentimentos, pois fica visível nesta obra uma escrita marcada por saudades e projetos por ser realizados. Podemos notar que a escrita de Jader

⁶⁶ BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (Orgs). Op. Cit. p. 09. (Grifos Meus)

Nunes e a de Neide Miele estabelecem uma unidade que contribuem para fazer da história e da memória de vida e luta Elizabeth Teixeira um monumento para a posteridade na medida em que sua história de vida é apropriada para lembrar a memória das Ligas Camponesas.

A historiadora Rosa Godoy que também é uma das organizadoras da biografia, produziu um texto em ressonância ao jogo dos prefácios, na abertura da biografia para leitor, ou seja, ele tem como função de apresentar para o leitor a vida Elizabeth Teixeira. Godoy nas primeiras páginas do seu texto apresenta aos leitores informações iniciais sobre Elizabeth Teixeira, informando que ela nasceu em uma pequena cidade do interior da Paraíba – Sapé. Na origem, ou desde a origem, as marcas das contradições: o avô, pequeno proprietário; a avó, de veio familiar latifundiário. Elizabeth, mulher, filha de um pai que esperava um filho homem. Assim podemos notar que Godoy dá ênfase em seu texto a condição de Elizabeth Teixeira como mulher por meio do seu texto.⁶⁷ Também é notável a forte identificação com gênero feminino e com a sua condição:

Na sua imensurável dor, de mulher e de mãe, Elisabeth continuou. Mais forte, mais solidária. De dono - de - casa, as circunstâncias haviam - na transfigurado também a sua figura pública, como presidente da Liga de Sapé, em símbolo cristalino da transcendência da luta por sobre a morte e o medo.⁶⁸

Dessa maneira Rosa Godoy se utilizou também do espaço do prefácio para fazer uma crítica aos historiadores na década de noventa e que vinham se dedicando a pesquisar novas temáticas dentro do campo da história, pois essa biografia foi escrita⁶⁹ nos finais dos anos 90, época que também começa na Academia uma explosão de pesquisas que exploravam temas pitorescos, soando à primeira vista como uma moda e um descomprometimento com o político. Para alguns historiadores que assim como o a historiadora Rosa Godoy chamaram de uma moda anódina, as pesquisas com as novas temáticas que estavam sendo

⁶⁷ Ibidem, Ibidem. p.15 – 21.

⁶⁸ Ibidem, Ibidem. p.19.

⁶⁹ DIEHL, Astor Antônio. **A cultura historiográfica brasileira nos anos 1980**: Experiências e Horizontes. 2ª Ed. Passo Fundo: Ed. UFP, 2004. p. 277.

exploradas na academia em especial no campo da história. Como fica escrito em seu discurso:

.... para que a memória da luta não fosse apagada nem pela história oficial nem por intelectuais, que descomprometidos, consideraram, nos dias atuais, não ser importante os movimentos sociais, as lutas dos trabalhadores e das mulheres, seduzidos que estão nas academias pelos temas da moda, quanto deles anódinos.⁷⁰

Portanto, o conjunto dos três prefácios que foram produzidos para apresentar a biografia de Elizabeth Teixeira é marcado pela vontade de mostrar a vida de Elizabeth e resgatá-la das malhas do esquecimento, mostrando sua atuação política à frente da Liga Camponesa de Sapé na Paraíba. Diante de tal gesto dessas organizadoras podemos notar que elas ficam presas à ilusão biográfica⁷¹ como afirmou Bourdieu, pelo fato de quando elas contam e organizam uma memória de vida e também de luta sem questionar como a própria Elizabeth Teixeira (re)elaborou sua narrativa de vida a medida em que ela concedia as suas entrevistas. Sendo assim fica a disposição do leitor a história de Elizabeth Teixeira como líder camponesa e a reatualização de João Pedro Teixeira como o herói camponês nos anos noventa refazendo então a imagem de heroísmo que começou a ser construída no ano de 1962. Uma imagem que vai estar em constante reatualização, pois, como nos avisa um cordelista:

Nem todos foram mortos,
Uma bem especial escapou,
Foi Elizabeth Teixeira
Que o seu povo tanto amou
Daf a minha inspiração;
De contar sua missão
Que nosso Deus a confiou...⁷²

⁷⁰ BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (Orgs). **Eu Marcharei na tua luta: a vida de Elizabeth Teixeira**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997. p. 20.

⁷¹ BOURDIEU, Pierre. **A Ilusão Biográfica**. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183-191.

⁷² PEREIRA, Evandro. **Elizabeth Teixeira: Uma mulher de Peleja**. Campina Grande. Ed. UEPB, 2004. (Livro de Cordel)

EPÍLOGO: UM ENCONTRO!?

...não há fatos, apenas interpretações.

F. Nietzsche, *Nachlaß*.

... **2010**. Após percorrermos tantas linhas de um trabalho não chegamos ao “fim” a um encontro com o herói camponês. Mas, com diversas interpretações sobre João Pedro Teixeira. Interpretações que deram forma e sentido ao seu corpo em diferentes momentos e lugares. Interpretações que começaram a se constituir logo após a sua morte no ano de 1962, e destas interpretações foi possível um acesso a sua rostidade, um rosto que foi produzido para ele, a partir de uma memória de heroísmo. João Pedro Teixeira passou a ser um corpo escrito que se elaborou no tempo, pois cada palavra que colonizou o seu corpo como o espaço de sua escritura, se constitui como um novo acontecimento, ainda que amarrado ao marco de 1962. Esse ano se escreveu como o marco porque é a partir desse ano que começa a produção de uma memória para consagrá-lo como o herói camponês.

Então, em busca de sabermos o lugar da sua invenção enquanto, herói camponês, construímos o primeiro cenário que serviu a título de uma licença poética ao ofício de historiador para percorrermos nos diria Natalie Zemon Davis¹ os lugares que provavelmente João Pedro Teixeira deveria ter percorrido em vida com as fundações das Ligas Camponesas na Paraíba. E que provavelmente ele estaria presente durante as filmagens do filme de Damásio França e também nos conflitos entre camponeses que foi registrado pela imprensa da Paraíba. Mas neste capítulo o seu nome quase não foi mencionado ou não foi mencionado, pois João Pedro Teixeira ainda não era o herói camponês, pois essa rostidade, esse

¹ DAVIS, Natalie Zemon. *O Retorno Martin Guerre*. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

texto ainda não existia. O seu corpo ainda não havia sido apropriado e por isso a busca deste pesquisador não se concretiza: nenhum João Pedro Teixeira é anunciado pelos textos que falam das ligas camponesas. Seu nome está ligado nos ruídos dos dias à sua morte e não à sua vida. Então como eu, um historiador infante, poderia encontrá-lo e analisar algo sobre esse herói camponês se ele ainda não existia? Ficamos então neste primeiro cenário, a título de sabermos um pouco, como diria os nossos pares historiadores, com o seu *contexto histórico*. Um contexto sem o homem. Estaria eu limitando João Pedro Teixeira ao contexto de uma maneira simplista? Ao que me parece não, porque estou remetendo ao contexto no sentido que é através dele que podemos ter acesso, às suas condições de emergência, para que ele tivesse o seu corpo escrito no ano de 1962 e para sabermos a necessidades da sua fabricação.

E nisso esse trabalho se constituiu sob a condição não de ser o último trabalho, mas uma “nova interpretação” que ainda não está concluída. Pois esta conclusão não é uma conclusão, como também não é uma consideração final, pois “teoricamente” não podemos colocar palavras que sinalizam o que remeta ao fim de um trabalho. Trata-se a conclusão de um lugar dissimulado, construído para afirmar ao leitor um ponto final dos nossos trabalhos. Construimos então um espaço em um epílogo que nos remete aos últimos atos de uma cena que é construído para não fechar e sim para o autor colocar as “últimas” análises. Através dessa “nova interpretação” trouxemos para o leitor dessa dissertação um João Pedro Teixeira radicalmente histórico, pois ele aparece na tessitura dessa dissertação como uma experiência histórica que só foi possível naquele período histórico. Seu corpo foi escrito, trazendo simbolicamente sobre ele os signos de esperança de um projeto de sociedade mais justa e igualitária que se traduzia provavelmente aos olhos de João Pedro Teixeira em uma divisão de terras. Ele é pensado neste trabalho como uma experiência histórica que não é fechada sobre si. Mas, uma memória que se comunica com outra temporalidade, pois a sua memória se reelaborou nos anos 80 quando acompanhamos os fios da sua memória formando uma nova trama para trazê-lo do passado fazendo com que

João Pedro Teixeira volte aos anos oitenta como um signo da memória e, sobretudo nos anos noventa quando João Pedro volta outra vez por meio de um território a(fe)tivado tecido por Elizabeth Teixeira.

Através dessas temporalidades vimos que João Pedro Teixeira começou a ter o seu corpo escrito no ano de 1962. Essa ideia de João Pedro como um corpo escrito ficou claro quando percorremos a tessitura do segundo cenário deste trabalho que nos mostra como o seu corpo foi colonizado, tendo assim o começo da maquinação da sua imagem de herói. É neste ano que também começam a heroificá-lo quando o escrevem para ser um exemplo para os outros camponeses. Dessa maneira, ele teve o seu corpo escrito de formas distintas através de uma diversidade de signos que se acloparam ao seu corpo formando assim uma rostidade sob a condição de um herói camponês. Um herói camponês que teve a sua existência após uma explosão discursivas resultante em uma heteroglossia que começou logo após a sua morte. Assim, como ele apareceu em suas condições de emergência de uma determinada historicidade, ele também “desapareceu” ainda na década de 60 em meio há uma política de censura que visou estrategicamente eliminar os signos que pudesse lembrá-lo fazendo dele uma memória subterrânea.

Os signos que lembravam João Pedro Teixeira se constituíram como uma memória subterrânea. Dessa maneira, o herói camponês não deveria ser mais lembrado porque as escritas que estava simbolicamente constituindo o seu corpo, atendia a uma determinada economia escriturística que contrariava a ordem que estava efetivando e que produzia o seu silêncio. Essa ordem que estava se instituindo “impôs” um silêncio que nos lembram os regimes totalitaristas² dos outros espaços que foi pensado Hannah Arendt, que reprimiu a continuação como também a produção de novos signos que contribuíam para cristalizar a imagem de heroísmo para João Pedro Teixeira. Mas, que o silêncio não colocou o ponto final na sua produção escriturária do herói camponês, pois ele foi silenciado se constituindo como uma memória subterrânea, fazendo com que João Pedro

² HANNAH, Arendt. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

Teixeira só venha ocupar a cena política novamente nos anos 80 quando as suas memórias rompem o silêncio e começam a ocupar a cena política novamente.

E nisso João Pedro Teixeira retornou outra vez através dessa memória subterrânea nos anos 80. A memória de heroísmo que foi produzida para ele quando resgatada se constituiu na década de oitenta como um estilete pontiagudo e cortante a perfurar o presente, tentando fixar neste presente pedaços do passado que pareciam ser estranho à década de oitenta. Como tornar esse corpo estranho familiar à década de oitenta? Através do corpo de João Pedro Teixeira observamos a diluição das diferenças históricas já que os seus novos escritores³, que tomaram o seu corpo novamente, diluíram as diferenças históricas para mostrar na década de oitenta que os mesmos problemas das duas décadas anteriores ainda permaneciam ali. E dessa forma, João Pedro Teixeira fora resgatado para reconstituir e trazer de volta o debate em torno da reforma agrária que fora silenciado na década de 60, regatando as memórias das Ligas Camponesas.

E assim, entramos no quarto cenário e encontramos com João Pedro Teixeira heroificado outra vez, escrito por meio de outro regime político que estabeleceu com a chegada do ano dois mil a sua restituição como herói camponês, que começou através de uma política encampada principalmente pela mídia para se eleger entre os Estados da Federação do Brasil o homem do século e na Paraíba, o paraibano do século. Uma política de resgate de caráter memorialista a nos dizer quem são os paraibanos do século e dessa maneira, assistimos uma série de publicações destinadas a mostrar a Paraíba quem são os paraibanos de século. E dessa maneira, João Pedro Teixeira retorna outra vez por meio de publicação organizada com a finalidade de reunir todas as fases da sua vida. Nela, assistimos a sua consagração como herói, pois esta publicação reuniu em grande medida as matérias que foram editas no ano de 1962. Para

³ BENEVIDES, Cezar. **Camponeses em Marcha**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1985; RANGEL, Maria do Socorro. **Medo da Morte; Esperança de vida: As Ligas Camponesas na Paraíba**. Campinas/SP. Dissertação de Mestrado: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2000; AUED, Bernadeth W. **A Vitória dos Vencidos: Partidos Comunistas e as Ligas Camponesas 1955 – 1964**. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1986.

reatualizar a imagem de João Pedro Teixeira como também coloca em cena outra vez a história das Ligas Camponesas. Dessa maneira, ele teve o seu corpo escrito novamente para promover um resgate a caráter de protesto, outra vez a lembrar aos paraibanos a história de João Pedro Teixeira e dessa maneira resgatá-lo do esquecimento. Através de um memorial que percorreu os cantos e canteiros de sua memória com a finalidade de mostrar que ele era um paraibano do século tanto quanto José Américo de Almeida.

Então chegamos neste trabalho ao seu quinto e último cenário que foi escrito à medida que eu percorria as paisagens do território a(fe)tivado das memórias Elizabeth Teixeira, viúva de João Pedro Teixeira. Neste cenário, visualizamos a sua entrada no movimento das Ligas Camponesas, em meio a uma estratégia política para conter a dispersão desse movimento. Mas, também vimos que Elizabeth Teixeira entrou para o movimento das Ligas Camponesas em função também de um juramento feito sob o corpo morto de João Pedro Teixeira. Em função desse juramento Elizabeth Teixeira reelabora toda a sua vida, o que faz do ano de 1962 um marco na sua história vida, pois neste ano Elizabeth Teixeira se escreveu a partir da história do seu esposo, visando dar uma continuidade ao movimento, fazendo com que este se constituísse como uma referência na sua história. E dessa forma, vimos então Elizabeth Teixeira reelabora a sua vida em função de continuar o movimento. Visualizamos também neste cenário e através das memórias de Elizabeth Teixeira a sua volta no início dos anos 80, onde conseguimos observar que ela ao se constituir como um lugar de memória também criou para si uma estética de existência que se edifica quando ela narra as suas memórias a fim de trazer João Pedro Teixeira de volta ao presente. Elizabeth Teixeira quando narra as suas memórias permite-se reinventar nos anos oitenta se constituindo como uma memorialista do movimento das Ligas Camponesas, como forma de lutar contra o esquecimento de João Pedro Teixeira e como também o seu.

Dessa maneira foi construída outra história para João Pedro Teixeira não para resgatar a sua vida, pois este trabalho não cobre em grande medida os

eventos da sua vida, mas sim é um trabalho das escritas que constituíam para ele outra vida sob o signo de heroísmo. Por isso, este trabalho também não tem um grande alargamento para discutir mais a fundo os debates em torno das Ligas Camponesas⁴, pois tirava de foco a discussão em torno de João Pedro Teixeira. Uma vez que a discussão girava em torno de como João Pedro Teixeira foi fabricado como o herói camponês e a economia da sua fabricação. Para responder essa questão joguei de mil maneiras no território do outro que me segmentava como leitor passivo a ficar preso nas suas racionalidades adquiridas. Mas, me inventei como autor desta história mediante a minha interrogação e para respondê-la tive que usar “todos” os materiais a que tive acesso, onde eu reuni, misturei, coleí ou quando mesmo brinquei com ele, fazendo como diria Michel de Certeau⁵ uma arte com a sucata, pois aquilo que nos parecia que não servia para nada quando posto em uma engrenagem diferente foi o que tornou possível construir esse trabalho. Pois, a maioria dos documentos que coloquei e usei no decorrer deste trabalho já estavam gastos de tanto que foi usado em outras produções. Parecia que já nada mais tinham a dizer e, no entanto, uma outra perguntava os tornou ainda economicamente rentável para a produção de outra história.

Sobretudo, porque os fatos não existem, existem sim interpretações que deram formas e sentidos a João Pedro Teixeira, essas interpretações também são verdades que foram inventadas, embora disso tenha o tempo posto no esquecimento.⁶ Assim, essa história é mais uma interpretação como também é mais uma invenção, mas tanto como interpretação quanto também uma invenção ela não é feita apenas com os caprichos desse historiador que insistiu em pôr interrogações ao passado. Ela nasceu a partir de um aprendizado como os pares

⁴ Porque este movimento já foi feito em grande medida pela historiadora Maria do Socorro Rangel na primeira parte do seu trabalho. Cf. RANGEL, Maria do Socorro. RANGEL, Maria do Socorro. **Medo da morte e esperança de vida: uma história das ligas Camponesas**. Dissertação (Mestrado): Campinas/ SP: UNICAMP-IFCH, 2000. p. 18- 100.

⁵ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. 1. Artes do Fazer. 7ª Ed. Petrópolis/ RJ: Ed. Vozes, 2002. p. 86-90.

⁶ LARROSA, Jorge. **Nietzsche e a Educação**. 2ª. Ed. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2005. p. 21.

historiadores⁷ que me ensinaram a construir essa trama, e do conhecimento através dos encontros com os pares que me autorizaram a escrever a história de João Pedro Teixeira. E dessa maneira, escrevi outra história que não está pronta e que traz suas falhas não por demérito e sim porque as falhas são limites que ainda este historiador infante tem que superar. O privilégio não é só meu, é de “todos” nós historiadores que aprendemos na caminhada e em grande medida mudamos a nós mesmos e é nisso que está o grande mérito dessa produção. Já é hora de “parar”, um ponto final se faz, é preciso deixar que João Pedro Teixeira descanse em paz, ou que outra pergunta seja lançada novamente ao seu corpo que o traga de volta e que o encerre outra vez em outro túmulo escriturário.....

⁷ CERTEAU, Michel de. Um Lugar Social. In: **A Escrita da História**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense – Universitária, 2002. p. 66-76.

BIBLIOGRAFIA

I- Acervos Consultados

- Arquivo Municipal de Campina Grande.
- Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba.
- Biblioteca Central da Universidade Federal de Campina Grande.
- Biblioteca do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba
- Biblioteca de Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco.
- Acervo de Cordéis da Biblioteca Átila Almeida da Universidade Estadual de Campina Grande.
- NELL – Núcleo de Estudos Linguísticos e Literários – Universidade Federal de Campina Grande.
- Arquivo Público Municipal de João Pessoa.

II- Jornais e outras fontes:

- Jornal A União. (1958-1964)
- Jornal Correio da Paraíba. (1958-1964)
- Jornal O Norte. (1958 -1964)
- Jornal A Liga. (1963)

III- Teses e artigos

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A História em Jogo: a atuação de Michel Foucault no campo da historiografia.** Anos 90, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p. 79-100, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado.** Locus: Revista de História, Natal/RN, v. 02, n. 01, p. 07-12, 1995.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Mennocchio e Rivière: criminosos da palavra, poetas do silêncio.** Resgate, Campinas, v. 2, p. 48-55, 1990.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Violar memórias e gestar a história: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil.** CLIO - Série Arqueológica (UFPE), v. 15, p. 39-53, 1994.

AZEVEDO, Elciene. **Entre escravos de doutores: a trajetória de Luiz da Gama na cidade de São Paulo.** Campinas/SP, Dissertação de Mestrado em História: UNICAMP – IFCH, 1997.

BARRENECHEA, Miguel Angel. Nietzsche: o eterno retorno e a memória do futuro. In: Idem (Org.). **As Dobras da Memória.** Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2008.

CAPONI, Sandra. **A Compaixão no poder médico – assistencial.** IN: Cadernos Nietzsche. SP: Ed. USP, 1994.

DELGADO, Andrea Ferreira. **A invenção de Cora Carolina na batalha de memórias.** Campinas/SP: Tese de doutorado, UNICAMP – IFCH, 2003.

DUARTE, Regina Horta. **A Imagem Rebelde: A trajetória libertária de Avelino Fóscolo.** Campinas/SP: Dissertação de Mestrado em História: UNICAMP – IFCH, 1988

IONTA, Marilda Aparecida. **As cores da amizade na escrita epistolar de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade.** Campinas/ SP: Tese de Doutorado, IFCH-UNICAMP, 2004.

KONDER, Leandro. **História dos Intelectuais nos anos 50.** IN: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva.** 3ª ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2000.

LARROSA, Jorge. **A libertação da liberdade.** IN: BRANCO, Guilherme Castelo & PORTOCARRERO, Vera (Orgs.). **Retratos de Foucault.** Rio de Janeiro: NAU, 2000.

LEMONS, Assis. **As Ligas Camponesas.** IN: Paraíba nos 500 anos no Brasil. João Pessoa. Ed.União, 2000.

MELO SOBRINHO, Noéli Correia. Apresentação e Comentário. In: NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos Sobre História.** Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; São Paulo: Loyola, 2005.

OLIVEIRA, Roberval Vêras de. **As Portas de Saída da Cadeia de Sofrimento: (Os projetos de esquerda e as Ligas camponesas – 1958 a 1964).** Campina Grande: Centro de Humanidades: Universidade Federal da Paraíba, 1989.

PEREIRA, Auricélia Lopes. **O Rei do Cangaco e os Vários Lampiões.** Recife: Dissertação de Mestrado em História: CFCH – UFPE, 2001.

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Vol. 2, n. 3, 1989.

RANGEL, Maria do Socorro. **Medo da morte e esperança de vida: uma história das ligas Camponesas**. Dissertação (Mestrado): Campinas/ SP: UNICAMP-IFCH, 2000.

RIBEIRO, Genes Duarte. **Sacrifício, Heroísmo e Imortalidade: A arquitetura da construção da imagem do Presidente João Pessoa**. João Pessoa: Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Paraíba, 2009.

SANTOS, Priscila Patrícia dos. **Memória Filmada: estudo do documentário de Eduardo Coutinho como possibilidade de entrecruzamento entre as narrativas históricas e cinematográficas**. Dissertação (Mestrado) em História – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH, 2008.

SAMPAIO, Gabriela Reis. **A história do feiticeiro Juca Rosa: cultura e relações sociais no Rio de Janeiro**. Campinas/ SP: Tese de Doutorado, UNICAMP – IFCH, 2000.

VALE, Eltern Campina. **Tecendo fios, Fazendo História: A atuação operária na cidade – Fábrica Rio Tinto (Paraíba, 1959 - 1964)**. Fortaleza, Dissertação de Mestrado em História da Universidade Federal do Ceará, 2008.

IV- Livros

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª edição. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste**. 5ª ed. São Paulo. Ed. Atlas, 1986.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a Crítica do Sujeito**. Curitiba, Ed. UFPR, 2001.

AUED, Bernadeth Wrublevski. **A Vitória dos Vencidos: Partidos Comunistas e as Ligas Camponesas 1955 – 1964**. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1986.

AZEVEDO, Fernando Antonio de. **As Ligas camponesas**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1982.

BALANDIER, Georges. **O Poder em Cena**. trad. de Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília. Ed. Universidade de Brasília, 1982.

BANDEIRA, Lourdes, et alli (Orgs). **Eu Marcharei na tua luta: a vida de Elisabeth Teixeira**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997.

BARRENECHEA, Miguel Angel (Org.). **As Dobras da Memória**. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2008.

BASTOS, Elide Rugai. **As Ligas Camponesas**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o Conceito de História**. In: *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. 3ª ed. SP: Brasiliense, 1987. (Vol.: 1).

BENEVIDES, Cezar. **Camponeses em Marcha**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1985.

BURKE, Peter. **A fabricação do Rei: a construção da imagem pública de Luís XVI**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. 1. Artes de Fazer. 7ª edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem Fraude nem Favor: estudos sobre o amor romântico**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 5ª ed. Petrópolis/ RJ: Ed. Vozes, 2000.

DIEHL, Astor Antônio. **A cultura historiográfica brasileira nos anos 1980: Experiências e Horizontes**. 2ª Ed. Passo Fundo: Ed. UFP, 2004.

DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs: Capitalismo & Esquizofrênia**. Rio de Janeiro: ed.34, 1997. (5 Vols)

DELEUZE, Gilles. **FOUCAULT**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DUBY, Georges. **Guilherme o Marechal, ou, melhor cavaleiro do mundo**. 2ª Ed. Rio de Janeiro, 1987.

DUBY, Georges e LARDREAU, GUY. **Diálogos sobre a nova história**. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

FICO, Carlos. **Ditadura, propaganda e Imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FORMAN, Sherpard. **Camponeses: Sua participação na política**. Trad. Maria Isabel Erthal Abdenur. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Eu, Pierre Riviere, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão.** Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** 8ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Loyola. 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão.** 26ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** 18ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A Verdade e as Formas Jurídicas.** 3ª ed. Rio de Janeiro: NAU, 2003.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Trad. Antonio Fernandes Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª edição. Lisboa: Veja/Passagens, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos: Estratégia, Saber – Poder.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2006. (Volume - IV)

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade.** 2- O uso dos prazeres. 8ª edição. Rio de Janeiro. Ed. Graal, 2005.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação.** Belo Horizonte: Ed. autêntica, 2003.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GUATTARI, Félix & ROLNICK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo.** RJ: Vozes, 1986.

GROS, Frédéric. (org). **Foucault: A coragem da verdade.** São Paulo: Parábola, 2004.

HANNAH, Arendt. **A Condição Humana.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

JENKINS, Keith. **A História Repensada.** São Paulo: Contexto, 2001.

JULIÃO, Francisco. **Que são as Ligas Camponesas.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche & a Educação.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: Danças, piruetas e mascaradas.** Trad. Alfredo Veiga – Neto. 4ª ed. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2006.

- LE GOFF, Jacques. **São Luis: Biografia**. Rio de Janeiro: Editora Companhia das Letras, 1999.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4ª Ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1996.
- LEMOS, Francisco de Assis Lemos. **NORDESTE: O Vietnã que não houve Ligas Camponesas**. Londrina: Ed. UEL/Ed. da UFPB, 1996.
- LEMOS, Francisco & PORFÍRIO, Waldir. **Paraíba nomes do século: João Pedro Teixeira**. João Pessoa: A União, 2000.
- LENHARO, Alcir. **A Sacralização da Política**. 2ª edição. Campinas/SP: Papirus, 1986.
- MACHADO, Roberto. **Ciência e Saber: A Trajetória arqueológica de Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- MACHADO, Roberto. **Deleuze e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1990.
- MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1999.
- MARTON, Escarlett. **NIETZSCHE: uma filosofia a marteladas**. 5ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1999. (coleção tudo é história; 113).
- MARTINS, José de Souza. **Camponeses e a Política no Brasil**. Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 1982.
- MIGNOT, Ana Cristina et all. **Refúgios do Eu**. Educação, histórias escrita autobiográfica. Florianópolis, 2000.
- MOURA, Maria Margarida. **Camponeses**. 2ª Edição. São Paulo: Ed. Ática, 1988.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Ed. Companhia das letras, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Trad. Marco Antonio Casa Nova. Rio de Janeiro, 2003.
- ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética de Existência em Foucault**. Rio Janeiro: Edições Graal, 1999.
- RAGO, Margareth; ORLANDI, Luis B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo. **Imagens de Foucault e Deleuze: Ressonâncias Nietzscheanas**. RJ: DP&A Editora, 2002.
- RAJCHAMAN, John. **FOUCAULT: A Liberdade da Filosofia**. RJ: Ed. Jorge Zahar, 1985.

RODRIGUES, José Edmilson; SILVA, Vanildo. **Paraíba nomes do século: Raymundo Asfora**. João Pessoa. Ed. União, 2000.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. (Org). **Políticas do Corpo**. SP: Estação Liberdade, 1995.

VEYNE, Paul. **O Inventário das Diferenças**. Lisboa: Ed. Gradiva, 1990.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a escrita da história**. 4ª ed. Brasília: Ed. UNB, 1998.

VIANA, Maria José Mota. **Do Sótão a Vitrine: Memória de Mulheres**. Belo Horizonte. Ed. da UFMG, 1995.